



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Eduarda Filipa Araújo Macedo

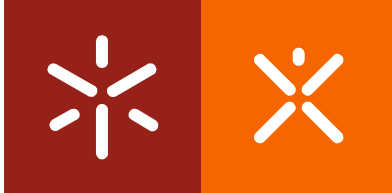
Aprender a ser com música e ciência

Aprender a ser com música e ciência

Eduarda Filipa Araújo Macedo

Uminho | 2017

outubro 2017



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Eduarda Filipa Araújo Macedo

Aprender a ser com música e ciência

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação

Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Maria Clara Costa Oliveira

DECLARAÇÃO

Nome: Eduarda Filipa Araújo Macedo

Endereço eletrónico: efam7@hotmail.com Telefone: 967793330

Número do Cartão de Cidadão: 14659550 5 ZY6

Título relatório: Aprender a ser com música e ciência

Orientador(es): Professora Doutora Maria Clara Costa Oliveira

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção
Comunitária
Mestrado em Educação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Concluindo uma das espatas mais enriquecedoras da minha vida, não poderia deixar de parte os agradecimentos a todos aqueles que acompanharam este percurso.

Agradeço desde já, ao Centro Social da Paróquia de Taíde pela forma como me acolheram e pelas oportunidades de crescimento profissional que me proporcionaram.

Agradeço à Professora Doutora Clara pelo acompanhamento, pelos ensinamentos e por ter sido incansável em todos os momentos.

À Dr.^a. Daniela, minha acompanhante na instituição, e ao Dr. Isaque pela oportunidade, disponibilidade e confiança que sempre demonstraram ao longo deste percurso de estágio. Ao Sr. Padre Augusto por ter sempre uma palavra de incentivo e ânimo.

Um agradecimento enorme aos meus pais que sempre lutaram para chegar até aqui. Agradeço imenso a dedicação que sempre tiveram e confiança.

Ao meu irmão, um agradecimento muito especial pelo alento, companhia, carinho e apoio.

À minha Tiangela, por sempre ter acreditado em mim e apoiado permanentemente.

Aos meus avós pela sabedoria e palavras doces. A toda a minha Família por serem fantásticos e uma inspiração constante!

Ao meu companheiro, amigo e namorado, um agradecimento especial por me transmitir sempre confiança, pelo companheirismo, força, lealdade, pelo amor...

À Mariana, à Raquel, ao Filipe, ao Pedro e à Joana agradeço a amizade, companheirismo e por terem sido únicos e inesquecíveis nestes que foram e serão os melhores anos das nossas vidas!

Aos meus colegas que partilharam também experiências durante esta incrível experiência!

E um especial agradecimento aos utentes que tornaram este projeto muito mais feliz!

Aprender a ser com música e ciência

Eduarda Filipa Araújo Macedo

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Universidade do Minho

2017

Resumo

Assiste-se cada vez mais, nos meios rurais, a cenários de uma população envelhecida e/ou isolada, o que representa uma questão crucial para a sociedade atual. A consciencialização das populações para a importância da sua participação na comunidade e para a preservação da sua autonomia, é fundamental para manter a organização e democratização social.

Neste sentido, surge o projeto socioeducativo “*Aprender a ser com música e ciência*”, desenvolvido no Centro Social da Paróquia de Taíde (Póvoa de Lanhoso), onde a principal finalidade foi disponibilizar ao público-alvo novas formas de perceber e reconhecer áreas que lhes são familiares: a música e a ciência aliada à música. Outro dos objetivos que se liga diretamente com o anterior é a valorização das práticas de educação ao longo da vida e não só o envelhecimento ativo.

As práticas alicerçadas pela educação popular permitiram sustentar a identidade do público-alvo, de modo a repercutir-se no seu dia-a-dia através da presença do espírito crítico e criativo em todas as suas dimensões. Neste enquadramento, a investigação-ação participativa foi a metodologia utilizada e para a sua concretização, o público-alvo foi considerado o agente da sua própria educação por interação entre a sua ação e reflexão. O educador comunitário e investigador/observador deve facultar instrumentos para a população participar efetivamente, através da aplicação de métodos e técnicas que orientem a investigação e intervenção do projeto.

O presente trabalho permitiu constatar que a conceção de projetos socioeducativos com dinâmicas inovadoras, mas familiares, que despoletam a produção de conhecimento é uma mais-valia para fortalecer a autoestima dos indivíduos e as relações interpessoais. Para além disso, a música como método e instrumento de intervenção ajudou o público a entender a educação como um processo ao longo da vida e não circunscrito a uma faixa etária.

Palavras-chave: Educação ao Longo da Vida; Música e Ciência; Educação Popular

Learn to be with music and science

Eduarda Filipa Araújo Macedo

Professional Practice Report
Master in Education – Adult Education and Community Intervention
University of Minho

2017

Abstract

More and more, in rural areas, there is a scenario of an aging and/or isolated population, which is a crucial issue for today's society. Awareness of the population for the importance of their participation in the community and for the preservation of their autonomy is fundamental to maintain a social organization and democratization.

In this sense, the socio-educational project "Learn to be with music and science" was developed at the Centro Social da Paróquia de Taíde (Póvoa de Lanhoso), where the main aim was to offer the target audience new ways of perceiving and recognizing areas that are familiar, such as music and science, where science was being alloyed through music. Another of the objectives that is directly linked to the previous one, is the valuation of practices of education during their lifetime and not only in the active aging.

The practices based on popular education allowed the identity of the target audience to be sustained, so that it could be reflected in their daily lives through the presence of the critical and creative spirit in all its dimensions. In this context, participatory action research was the methodology used for its implementation. The target audience was considered the agent of their own education through interaction between their action and reflection. The community educator and researcher/observer should provide tools for the population to participate effectively through the application of methods and techniques that guide the investigation and intervention of the project.

The present work showed that the design of socio-educational projects with innovative but familiar dynamics that trigger the production of knowledge, is an added value to strengthen individuals' self-esteem and interpersonal relationships. In addition, music as a method and instrument of intervention, helped the public to understand education as a lifelong process and not limited to an age group.

Key-words: Lifelong Education; Music and Science; Popular Education

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice de Gráficos.....	xii
Índice de Tabelas.....	xii
Siglas e Acrónimos.....	xii
Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento Contextual do Estágio	5
1.1. Caraterização da Instituição	5
1.2. Caraterização do público-alvo.....	7
1.3. Diagnóstico de necessidades/ interesses	8
1.4. Área e problemática de intervenção e justificação da pertinência do estágio realizado no âmbito da área de especialização do Mestrado	12
1.5. Apresentação das finalidades e objetivos do estágio.....	14
a) Objetivos Gerais.....	15
b) Objetivos Específicos	15
Capítulo II: Enquadramento teórico da problemática de estágio.....	17
2.1. Investigação e Intervenção na área da problemática	17
2.2. Autonomia e Participação: fatores para garantir o desenvolvimento sustentável da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária	21
2.3. Educação de Adultos e Intervenção Comunitária numa perspetiva de Educação ao Longo da Vida.....	25
2.4. Animação sociocultural através da música	31
2.5. Identificação dos contributos teóricos mobilizados para a problemática específica de intervenção/investigação	36
Capítulo III: Enquadramento Metodológico do Estágio	39

3.1.	Paradigma de investigação e intervenção	39
3.2.	Metodologia de investigação e intervenção: investigação-ação participativa	41
3.3.	Métodos e técnicas de investigação e intervenção	42
3.4.	Recursos mobilizados.....	44
3.5.	Limitações do processo	46
	Capítulo IV: Apresentação e Discussão do processo de intervenção/investigação .	49
4.1.	Apresentação das atividades de estágio	49
	Atividade 1: Ritmos, Timbres e Compassos.....	49
	Atividade 2: Ação de Sensibilização No mundo da música e a música no meu mundo	51
	Atividade 3: O nosso Bingo Musical	53
	Atividade 4: Jogo d'O nosso Bingo Musical	54
	Atividade 5: Tertúlia Musical	55
	Atividade 6: Sinestesia Musical	56
	Atividade 7: Estações, poesia e música	58
	Atividade 8: Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica de Braga	59
4.2.	Atividades extraplano das atividades de estágio	61
4.2.1.	Atividades organizadas e planeadas pela estagiária	61
4.2.2.	Atividades da Instituição com a colaboração da estagiária	62
4.3.	Apresentação e discussão dos resultados obtidos	65
	Capítulo V: Considerações Finais	77
5.1.	Análise crítica dos resultados e implicações dos mesmos.....	77
5.2.	Evidência do impacto do estágio a nível pessoal, nível institucional e nível de conhecimento na área de especialização	78
	Bibliografia referenciada.....	81
	Anexos	87

Anexo I- Declaração da Instituição	88
Apêndices	89
Apêndice I- Gráficos da caracterização da população-alvo	90
Apêndice II- Inquérito por questionário de levantamento de diagnóstico de necessidades/interesses, aos utentes do CSPT	91
Apêndice III- Resultados de diagnóstico de necessidades/interesses	97
Apêndice IV- Inquérito por questionário de avaliação de atividades	101
Apêndice V- Resultados obtidos da avaliação das atividades.....	119
Apêndice VI- Inquérito por questionário de avaliação final do projeto Aprender a ser com música e ciência	127
Apêndice IX- Resultado da avaliação da atividade extraplano	135
Apêndice X- Suporte multimédia da atividade “Ação de sensibilização: No mundo da música e a música no meu mundo”	136
Apêndice XI- Suporte multimédia da atividade “Jogo do Nosso Bingo Musical”	141
Apêndice XII- Suporte multimédia da atividade “Tertúlia Musical”	143
Apêndice XIII- Suporte multimédia da atividade “Tertúlia Musical: Musica e Medicina”	145
Apêndice XIV- Suporte multimédia da atividade “Sinestesia Musical”	147
Apêndice XV- Suporte multimédia da atividade “Estações, literatura e música”	149

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Quais as suas habilitações literárias?.....	8
Gráfico 2- Gostavam de saber coisas novas?.....	10
Gráfico 3- Gostavam de saber coisas novas? Se sim, porquê?.....	10
Gráfico 4- Gostavam de saber coisas novas? Se não, porquê?.....	10
Gráfico 5- Como ocupa os seus tempos livres quando não está no CSPT?.....	11
Gráfico 6- Frequento o Centro de Dia do CSPT.....	11
Gráfico 7- Qual o seu interesse por estes temas?.....	12
Gráfico 8- Avaliação da atividade “Ritmos, timbres e compassos”	69
Gráfico 9- Avaliação da atividade “Ritmos, timbres e compassos”	69
Gráfico 10- Avaliação da atividade “Ritmos, timbres e compassos”	69
Gráfico 11- Avaliação da atividade extraplano	75
Gráfico 12- Avaliação final da intervenção	75
Gráfico 13- Avaliação final da intervenção	76

Índice de Tabelas

Tabela 1- Recursos mobilizados nas atividades de intervenção.....	46
Tabela 2- Descrição da atividade “Ritmos, timbres e compassos”	50
Tabela 3- Descrição da atividade “Ação de sensibilização”	52
Tabela 4- Descrição da atividade “Oficina das artes: Bingo Musical”	54
Tabela 5- Descrição da atividade “Jogo do Bingo Musical”	55
Tabela 6- Descrição da atividade “Tertúlia Musical”	56
Tabela 7- Descrição da atividade “Sinestesia Musical”	57
Tabela 8- Descrição da atividade “Estações, literatura e música”	59
Tabela 9- Descrição da atividade “Visita ao Museu dos Cordofones”	60

Siglas e Acrónimos

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

CSPT- Centro Social da Paróquia de Taíde

ME-EAIC- Mestrado e Educação- Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

EAIC- Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

ASC- Animação Sociocultural

ONU- Organização das Nações Unidas

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Introdução

O conceito de Educação é, ainda nos dias de hoje, um âmbito desconhecido por muitos, podendo mesmo dizer pela maior parte da população. A educação é, em sentido lato, orientada para os processos escolares, para a educação escolar, ficando postas de parte todas as outras vertentes que contemplam o imenso universo educativo.

Na realidade, entende-se a Educação como um processo ao longo da vida onde é pretendido que a pessoa se desenvolva integralmente em todas as suas dimensões, colocando-as ao serviço das suas comunidades. A educação ao longo da vida, segundo a UNESCO, deve assentar em quatro pilares: aprender a fazer, ser, conviver e conhecer. Os pilares da educação são isso mesmo, pilares, que deverão ser determinantes na base das decisões em torno das práticas educativas e pedagógicas, dos sistemas educativos.

É no âmbito do estágio em contexto profissional, integrado no segundo ano do Mestrado em Educação - área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, que irão emergir práticas educativas direcionadas a um contexto que enfatiza a importância da educação permanente e ao longo da vida paralelamente ao desenvolvimento da sociedade atual. Torna-se essencial reforçar a ideia de que o desenvolvimento sustentável das sociedades tem uma implicação fulcral no desenvolvimento de projetos educativos na área da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Como tal, a ideia de sustentabilidade para o desenvolvimento social, implica a sua contextualização nos valores da Educação, para a adaptação das novas situações às práticas de educação permanente e ao longo da vida.

O campo de ação do estágio académico foi no Centro Social da Paróquia de Taíde, situado na freguesia de Taíde, na Póvoa de Lanhoso. Este projeto, sustentado num contexto não formal foi dirigido a treze utentes que frequentam o Centro de Dia do CSPT onde, maioritariamente encontramos um público idoso e/ou com necessidades especiais.

O processo de envelhecimento e/ou decadência de saúde física ou mental é na realidade uma questão primordial, principalmente atendendo à demografia do contexto, onde há uma maior tendência para o isolamento e exclusão social. Com baixos níveis de autoestima originados pelos mais diversos fatores (condições socioeconómicas, baixos níveis de literacia, entre outro) os indivíduos refugiam-se da

comunidade e autoexcluem-se, muitas das vezes, por vergonha da sua condição alienando-se da participação enquanto cidadãos e membros da comunidade.

Neste sentido, o objetivo principal das práticas socioeducativas desenvolvidas foi trabalhar em torno de um dos pilares da educação mencionados pela UNESCO: *aprender a ser*. O desenvolvimento pessoal, quer a nível individual como no coletivo aprofundou-se recorrendo a uma área específica: a música. Para além de ser uma área de consentimento positivo entre o público apresentado, é também uma área com a qual a estagiária está familiarizada desde os doze anos de idade, através da educação musical numa vertente tradicional e popular. Otimizaram-se os conhecimentos relativos à música correlacionados práticas de Educação Popular para EAIC.

Tendo os projetos de ser inovadores é imperativo que as práticas adotadas o sejam igualmente, de forma a transformar aquela realidade. Assim sendo, impulsionamos intervenções direcionadas para o campo da ciência adaptada ao público, permitindo a inclusão e familiarização, dos mesmos, com conceitos que acompanham o desenvolvimento da sociedade atual.

Para melhor entendermos o trabalho desenvolvido no estágio académico no âmbito do ME-EAIC, será apresentada a estrutura deste relatório, que se encontra dividido em seis capítulos.

No primeiro capítulo é apresentada a descrição e a caracterização da instituição onde decorreu o estágio e, ainda, do público-alvo. Dentro desse capítulo, designado “Enquadramento Contextual de Estágio” e seguindo a disposição deste relatório, é identificada a área e problemática de intervenção e a sua justificação, ressaltando a sua pertinência no âmbito do ME-EAIC. Por fim, neste primeiro capítulo, encontramos o diagnóstico de necessidades e interesses, a apresentação da finalidade e dos objetivos gerais e específicos propostos para esta investigação/intervenção.

As dimensões teóricas referentes a este relatório estão referidas no segundo capítulo intitulado “Enquadramento Teórico da Problemática de Estágio”. Encontramos assim um subcapítulo onde são descritas outras experiências e/ou investigação sobre o tema. Apresentamos estudos empíricos e projetos que tratam os temas principais deste relatório: a música como método e/ou técnica de intervenção, a estimulação para a participação e autonomia do público e a aplicação e ligação de conteúdos científicos a fenómenos do dia-a-dia. Noutro subcapítulo do “Enquadramento Teórico da

Problemática de Estágio” são exploradas correntes teóricas e autores que tratam referenciais importantes para a relação com a problemática de estágio: a animação socioeducativa para a educação de adultos, a intervenção comunitária através da música e a autonomia e participação como fatores fundamentais para o desenvolvimento sustentável da EAIC. O capítulo termina com o reconhecimento da importância dos conteúdos teóricos mobilizados para a área de investigação/intervenção.

Segue-se o “Enquadramento Metodológico do Estágio”, o terceiro capítulo deste relatório, onde podemos encontrar o paradigma de intervenção/investigação e a metodologia em que se sustentou o projeto. Depois, apresentamos os métodos e técnicas impulsionadoras da investigação e intervenção do projeto *Aprender a ser* com música e ciência. No final deste terceiro capítulo são identificados os recursos físicos, humanos e materiais mobilizados, bem como, as limitações que existiram no decorrer deste estágio académico.

É no quarto capítulo que está apresentado o trabalho de intervenção/investigação desenvolvido, resultado da planificação do projeto *Aprender a ser* com música e ciência, mas também as intervenções realizadas extraplano. Neste capítulo 4- “Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação”- são também apresentados e discutidos os resultados obtidos, consequentes das práticas propostas e concretizadas.

As “Considerações Finais” são o quinto e último capítulo deste relatório onde é feita a análise crítica dos resultados obtidos e as suas implicações. Também é feita uma análise mais aprofundada ao impacto que o estágio teve a nível pessoal, a nível institucional e a nível do conhecimento da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária- área de especialização do Mestrado em Educação.

Capítulo I: Enquadramento Contextual do Estágio

1.1. Caracterização da Instituição

O Centro Social da Paróquia de Taíde está situado na freguesia de Taíde no concelho da Póvoa de Lanhoso. Esta Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, foi fundada em 1990 com o objetivo de colmatar as necessidades sociais da comunidade. Assim sendo, a partir de 1991 deu-se a início a uma série de respostas sociais como o Centro de Dia e Apoio Domiciliário, num espaço da paróquia. Em 1996 a Confraria de Nossa Sr^a de Porto D’Ave ofereceu um terreno para construção de um edifício próprio, obra que terminou em 2003 tendo como presidente da direção o Sr. Padre Augusto Freitas Baptista. As exigências aumentaram e a capacidade de resposta alargou-se para Creche e, ainda, Lar de Idosos, pelo qual se realizou uma candidatura, em 2007, ao programa PARES II para reestruturação e ampliação do edifício. Para além de Serviço de Apoio Domiciliário, Creche (acolhe crianças dos zero aos três anos de idade), Centro de Atividade de Tempos Livres (recebe crianças dos 6 aos 10 anos de idade, que frequentam a escola da freguesia de Taíde) e Lar de idosos (espaço disponível, de alojamento coletivo, não só para a população idosa mas, também, para indivíduos em situação de perda de independência), o CSPT tem em funcionamento diversos Cursos de Formação para os internos e externos.

O Centro de Dia dispõe de um conjunto de serviços para os utentes como: refeições, higiene pessoal, serviço de lavandaria, enfermaria com apoio 24 sob 24 horas, animação sociocultural, acompanhamento de utentes para resolução de situações pessoais e serviço de transporte. O Centro de Dia do CSPT funciona todos os dias úteis da semana, oito horas diárias (incluindo horário de transporte).

De momento, o CSPT não disponibiliza os seus serviços apenas à população de Taíde mas também a interessados de outras freguesias, da Póvoa de Lanhoso e, inclusive, Guimarães: Arosa, Castelões, Fontarcada, Vilela e Travassos.

A equipa de trabalho do CSPT é diversificada, tendo em conta as valências existentes que projetam o seu trabalho de modo a zelar pela missão da instituição: Preservar e promover a qualidade de vida humana nas suas diferentes fases, procurando atender continuamente às necessidades e expectativas dos utentes e familiares.

1.2. Caraterização do público-alvo

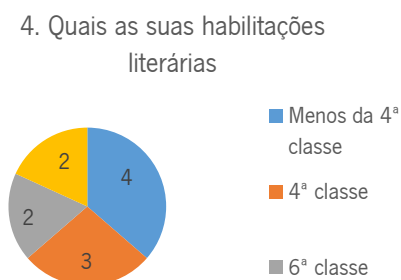
O conhecimento do macrocontexto é essencial para compreendermos o funcionamento, condições, historial, entre outras variáveis do contexto em causa. Contudo, o público é parte integrante nestas variáveis e a sua caracterização é, igualmente, fundamental. Para tal, investigamos, junto do público em questão para este projeto, as várias dimensões subjacentes ao ser humano- biológica, psicológica, crítica, cultural, entre outras- tendo por base os critérios demográficos, sociodemográficos, geográficos, comportamentais e psicográficos.

Elaboramos um inquérito por questionário para aplicar aos treze utentes que irão participar e integrar este projeto de intervenção, de modo a obter dados mais específicos sobre este grupo. Contudo, alguns imprevistos surgiram: um dos utentes recusou-se a responder ao inquérito por questionário justificando que teve uma má experiência de outro ao qual respondeu (apesar de terem sido garantidas todas as condições de anonimato e confidencialidade) e ainda um caso com *Síndrome de Down* onde está diagnosticado, na sequência da doença, um atraso ao nível neuropsicomotor. No trabalho com adultos temos de, acima de tudo, ter em conta a sua vontade própria e autonomia com que realizam o que lhes é proposto e ainda tentar contornar os obstáculos que apareçam, tentando de outras formas obter e dar resposta. Nestes dois casos descritos, as informações obtidas foram conseguidas através da observação direta e conversas informais, transcritas em diário de bordo.

Segundo os dados recolhidos (Apêndice I), temos no geral 6 utentes do sexo masculino e 7 utentes do sexo feminino com idades compreendidas entre os 40 e 90 anos de idade. No que respeita à saúde temos vários quadros clínicos que diferenciam este público. Existem problemas comuns a vários indivíduos da terceira idade como a falha na audição e visão, hipertensão, diabetes e falhas de memória. Depois, encontramos perturbações mais específicas nos indivíduos com idades compreendidas entre os 40-65 anos como esquizofrenia, *Síndrome de Down* e incapacidade motora consequente de Acidente Vascular Cerebral.

Dos 11 utentes inquiridos constatamos que, em termos sociodemográficos, 5 utentes são do sexo masculino e 6 do sexo feminino, onde 3 indivíduos têm entre 40-50 anos; 1 indivíduo tem entre os 50-60 anos; 2 indivíduos com idades compreendidas entre os 60-70 anos; outros 2 indivíduos entre os 70-80 anos e por fim, 3 indivíduos com

Gráfico 1- Quais as suas habilitações literárias?



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

a 4ª classe, 2 utentes com a 6ª classe e outros dois com Outro (1 não possui qualquer habilitação literária e 1 com o 9º ano de escolaridade).

As questões seguintes foram mais diretas para se obterem respostas mais reais, isto porque as habilitações literárias não são sinónimo de saber ler, escrever e/ou contar. Assim sendo, 4 utentes sabem ler e escrever, 2 não sabem ler nem escrever e 5 utentes sabem ler e escrever mais ou menos. Em relação a saber contar 11 utentes responderam “Sim”, ou seja, todos os inquiridos sabem contar.

A caracterização do público, a partir dos dados sociodemográficos retirados do inquérito por questionário e do diário de bordo, permitem constatar que estamos perante um público bastante heterogéneo. No seguimento destes resultados, as atividades de intervenção determinaram dinâmicas que rentabilizaram e valorizaram as potencialidades individuais de forma indutiva, respeitando as diferenças.

1.3. Diagnóstico de necessidades/ interesses

Com o intuito (re)produzir o retrato fiel da realidade inicial recorreremos a uma avaliação de diagnóstico para levantamento de necessidades e/ou interesses do público-alvo. Esta é uma das primeiras fases e destaca-se pela sua extrema importância, uma vez que inclui a análise do perfil dos sujeitos e do contexto de intervenção que permitiu desenhar as primeiras linhas de ação do projeto. A metodologia utilizada para o diagnóstico de necessidades e/ou interesses foi adaptada ao público, para garantir a coerência e exequibilidade, de todo o plano.

A observação direta, de forma participante- a maioria das vezes- de forma não

idades entre os 80-90 anos. No que respeita ao estado civil encontramos 5 utentes viúvos/as, 1 divorciado/a, 3 solteiro/a, 1 casado/a e 1 caso não sinalizado pelo/a utente.

Na questão acerca das habilitações literárias as respostas variaram, isto porque encontrámos 4 utentes com menos do que a 4ª classe, 3 utentes com

participante e as conversas informais possibilitaram identificar algum dos interesses e desinteresses gerais dos utentes, transcritos no diário de bordo. Podemos constatar que muitos dos utentes não aderem à realização de algumas atividades manuais fundamentado pela falta de autoestima (afirmando que não sabem fazer, os que sabem irão criticar e devido às baixas ou nulas habilitações literárias) e problemas de saúde (visão e movimentos limitados); rezam sempre o terço e cantam, ao fim de almoço, quando regressam à sala; as atividades em grupo estimulam-nos mais, embora não a todos uma vez que há utentes que não participam e continuam a ver televisão ou a repousar um pouco. Uma das atividades que suscita grande interesse à maioria do público é o Jogo do Bingo e jogar às cartas.

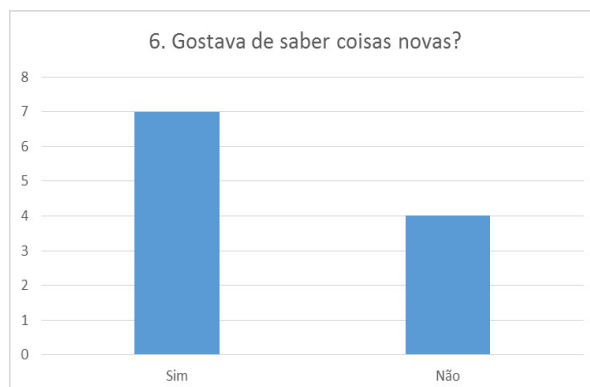
Para esta fase, optamos, também, por aplicar um inquérito por questionário aos participantes, que foram devidamente informados acerca do seu fim e que, em todo o processo, o anonimato e confidencialidade será garantido, tanto na recolha, como no tratamento e análise dos dados.

Até à aplicação do inquérito ao grupo, foram levados a cabo pré-testes e correções isto porque, com as especificidades inerentes ao grupo, muita das vezes a linguagem utilizada não poderia não ser a mais compreensível ou mesmo a própria estrutura do inquérito. Foram feitas algumas alterações desde o primeiro exemplar do inquérito, tanto por observações dos/as técnicos/as do Centro Social da Paróquia de Taíde, tanto pela orientadora científica, até ao momento do pré-teste. Este pré-teste foi aplicado a dois utentes do Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde que não estão integradas no grupo alvo deste projeto de intervenção onde 1 não possuía qualquer habilitação literária, não sabendo ler, nem escrever e 1 que tinha a 4ª classe e sabia ler e escrever. A estagiária acompanhou a aplicação desse inquérito para observar as maiores dificuldades sentidas que poderiam ser alvo de modificações e tal aconteceu. Concluiu-se que faltavam alguns exemplos para alguns termos, a linguagem estava maioritariamente adequada embora certas palavras “assustavam” - como por exemplo a palavra “aprender” assumia um significado muito carregado pelo qual teve de ser alterada.

O inquérito por questionário para além de uma primeira fase de 6 questões sociodemográficas também contava com 5 questões de opinião e ainda 2 interesses pessoais.

Após a análise dos dados concluímos que, para este ponto de diagnóstico de necessidades/interesses:

Gráfico 2- Gostava de saber coisas novas?



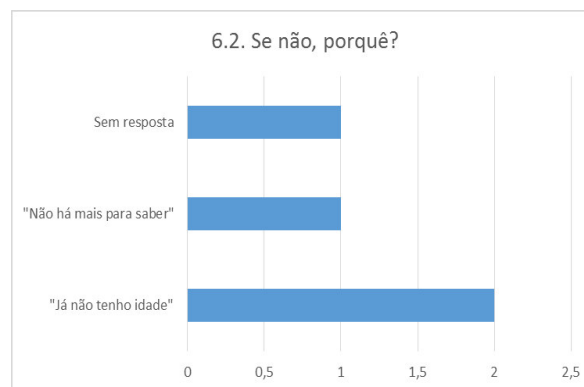
Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Gráfico 3- Gostava de saber coisas novas? Se sim, o quê?



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

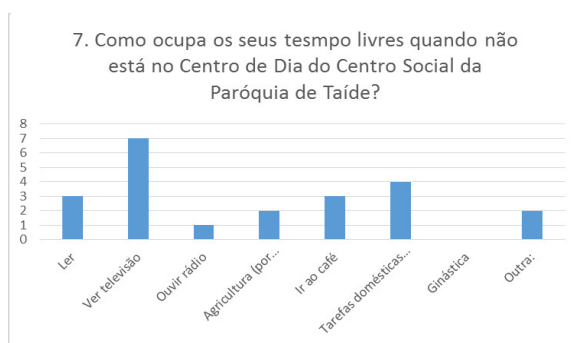
Gráfico 4- Gostava de saber coisas novas? Se não, porquê?



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Os gráficos 1, 2 e 3 representam a análise, de alguns dados, dos inquéritos por questionário aplicados onde permite concluir que 7 dos inquiridos se encontram abertos a aprofundar conhecimentos e 4 entendem que já não é relevante. Esta questão surge como análise motivacional, no fundo, uma vez que, em dias anteriores à aplicação do questionário, já se tinha destacado o desinteresse pela realização de algumas atividades justificadas da mesma forma com respostas como representa o Gráfico3. Estas questões comprovam que o público estará interessado em abordar e/ou aprofundar diversas temáticas. Contudo, é necessário motivar para uma vida ativa, para a importância de se manterem autónomos e felizes e, ainda, esclarecer que todas as dinâmicas serão trabalhadas como adultos que são e estarão totalmente integrados em todas as fases do projeto.

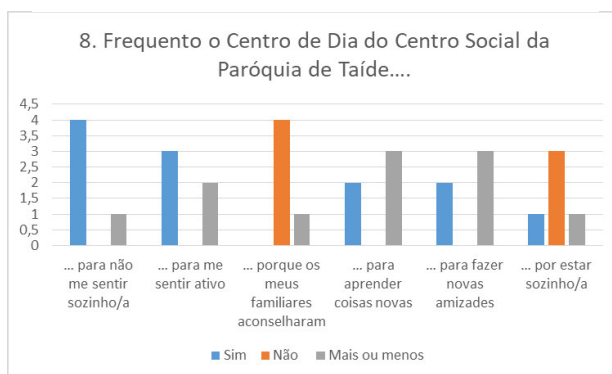
Gráfico 5- Como ocupa os seus tempos livres quando não está no Centro de Dia do CSPT



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

A questão 7, com os resultados representados no gráfico 4, indica o que mais gostam de fazer quando não estão no CSPT. Esta questão permite conhecer um pouco dos interesses e ocupações dos utentes questionados. “Ver televisão” foi opção mais selecionada seguida da opção “Tarefas Domésticas”, onde responderam 4 utentes. 3 utentes ocupam o seu tempo a “Ler”, outros 3 a “Ir ao café”, 2 ocupam-se na “Agricultura” e apenas 1 a “Ouvir rádio”. Na opção “Outra” obtivemos duas respostas: “Conversar com a neta” e “Ir à missa”.

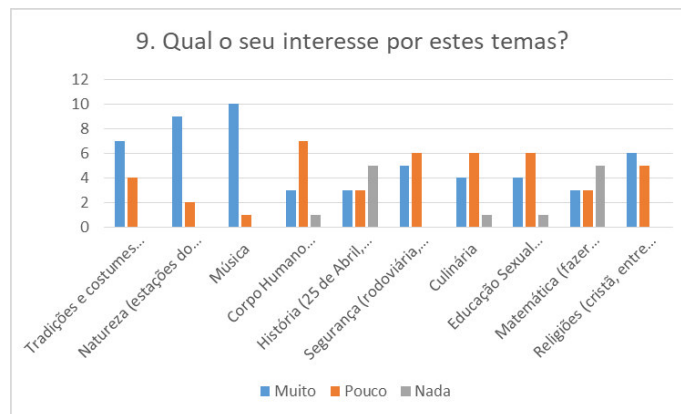
Gráfico 6- Frequento o Centro de Dia do CSPT...



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

De seguida foi colocada a afirmação “Frequento o Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde...”, com intuito de entender o que os levou a procurar a instituição. Depois da análise do Gráfico 5 constatamos que um dos principais motivos a frequentar o CSPT é para não se sentirem sozinhos e por estarem sozinhos. Outras das opções onde houveram mais respostas afirmativas foram para se sentirem ativos e porque os familiares aconselharam, embora esta última tenha igualdade de resposta. Nas opções seguintes contata-se que, não é com o propósito de fazer novas amizades ou aprender coisas novas, que frequentam o CSPT.

Gráfico 7- Qual o seu interesse por estes temas?



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Na questão 9 foi apresentado ao grupo um leque de temáticas onde poderiam, numa escala- de muito, pouco ou nada- demonstrar o seu interesse. Esta proposta surge após as técnicas A. e C., que acompanham este grupo de utentes, terem disponibilizado um resumo das atividades que realizaram nos últimos anos e ainda da análise feita através da observação direta. A música, a natureza e tradições e costumes foram as eleitas pelo grupo de inquiridos.

Neste sentido, verificamos que a intervenção, para além de ser focada nas áreas de maior interesse do público, deverá promover, paralelamente, novas aprendizagens contextualizadas com a evolução constante do mundo que os rodeia.

1.4. Área e problemática de intervenção e justificação da pertinência do estágio realizado no âmbito da área de especialização do Mestrado

O projeto *Aprender a ser com música e ciência* trata essencialmente questões relacionadas com a autonomia, participação e bem-estar da população idosa e com necessidades especiais conduzindo para sustentar a identidade dos indivíduos, através da música e ciência.

O contexto de estágio estava inserido no meio rural, onde maioritariamente, a população mais velha e com necessidades especiais possui habilitações literárias reduzidas e estão predispostas à solidão e isolamento. Independentemente, de frequentarem Centros Comunitários, Centros de Dia, Centros de Convívio, Lares, entre outros, alguns indivíduos mantêm-se em isolados e distantes da comunidade em que se

inserem.

Aliado ao descrito anteriormente, conhecer os indivíduos e a sua história é fundamental, para adequar o processo aos indivíduos, potenciando a educação ao longo da vida. Contudo, a ideia de *educação ao longo da vida* (Ribeiro-Dias, 2009) ainda é desvalorizada em contextos formatados com ideias conservadoras e fundamentalistas de que, atingindo a terceira idade ou os indivíduos com alguma demência ou desequilíbrio emocional, não têm capacidades para continuar a conhecer e desenvolverem-se. A presença de projetos e programas educativos que desmistifiquem esta falsa premissa é fundamental para construir uma realidade equilibrada onde se entenda que “ninguém educa ninguém nem ninguém se educa a si próprio, todos nos educamos em comunhão.” - como refere Paulo Freire, citado por Ribeiro-Dias (2009, p. 39).

Considerando isso, é imperativo a existência de uma escuta ativa por parte do educador comunitário, onde os indivíduos consigam tirar as suas próprias conclusões e valorizar a presença de projetos que os mantenham ativos, com objetivos e motivações, para continuar a viver em equilíbrio. Um trabalho de intervenção comunitária que sustente na sua consecução uma metodologia de investigação-ação participativa exige por parte do técnico um compromisso com o público e, nesta perspetiva de relação de confiança e proximidade, para que este acredite nas práticas e no seu valor enquanto práticas transformadoras.

Transpor todos os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico para o estágio profissionalizante exige a correlação destas variáveis apresentadas com os desafios diários propostos no contexto de estágio. Neste projeto não tratamos apenas a promoção do envelhecimento ativo¹, mas também a valorização da educação ao longo da vida, junto de adultos que fazem parte da mesma comunidade.

É muito importante a presença de um profissional especializado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária nas mais diversas instituições e, até mesmo, em órgãos sociais que se encontram mais próximos da comunidade em geral isto porque muitas vezes, conceitos como a educação ao longo da vida, o desenvolvimento

¹ O Envelhecimento Ativo é entendido como um processo que se estende ao longo de toda a vida e em que a história individual se constrói progressivamente e se materializa em resultados profundamente heterogêneos e idiossincráticos. (Ribeiro&Paúl, 2011, p.2)

sustentável dos grupos e comunidades, são descurados e não trabalhados nos contextos institucionais e comunitários por falta de bases teóricas dos profissionais. Os fenómenos sociais e as suas alterações aumentaram a exigência das estratégias a adotar nas instituições sociais. A presença de profissionais especializados é essencial para a idealização conceção de projetos de intervenção inovadores que desencadeiem, naturalmente, respostas que vão de encontro às dimensões descritas.

Por outro lado, e retratando a experiência vivida neste estágio académico, o sucesso e evolução das práticas passa muito pela sensibilidade dos profissionais para a procura e estudo nas outras áreas sociais. A capacidade de reposta do educador, academicamente preparado e socialmente vocacionado, deverá ter em conta três pilares básicos, utilizando métodos específicos para projetos de desenvolvimento comunitário:

- Tem de haver uma intervenção integrada e globalizada (criar redes de parcerias e rentabilizar os recursos do contexto, que se trabalha);
- Uma intervenção planificada e sistematizada (a construção de um projeto comunitário) e, por último,
- Uma intervenção baseada na participação da comunidade (é a participação que promove a concretização dos processos e garantem a eficácia do projeto).

A educação é conhecimento e o conhecimento é poder. Para o sucesso das práticas educativas, bem como para tudo na vida, é preciso selecionarmos a informação fidedigna e unindo todas as variáveis, construir o conhecimento com o público e para o público, colmatar as necessidades do público, responder aos seus interesses e fortalecer um trabalho transdisciplinar, colaborativo e cooperativo para o desenvolvimento das comunidades.

1.5. Apresentação das finalidades e objetivos do estágio

Para desenhar um projeto é necessário construir uma finalidade que, em um ou dois tópicos, resuma uma imagem longínqua da intervenção.

As finalidades “[...] indicam a razão de ser de um projeto e a contribuição que ele

pode trazer aos problemas e às situações que se tornam necessário transformar.” (Guerra, 2002, p. 163). Desta maneira e respondendo à questão “Para que serve o projeto?” estabelecemos como finalidade deste projeto:

- **Sustentar o desenvolvimento da identidade, através da música e da ciência.**

Através do diagnóstico realizado e anteriormente descrito, concluímos que o público tem uma baixa autoestima e constante desacreditação neles próprios pelos diversos fatores. É neste sentido que o presente projeto socioeducativo se irá centralizar no empoderamento de cada indivíduo, através do trabalho coletivo, em torno da música.

Contudo, é necessário delinear objetivos gerais e específicos para orientar as práticas. Só desta forma a finalidade é alcançada, através de procedimentos adequados às especificidades inerentes ao público onde os objetivos, segundo Guerra (1992), “são, geralmente, expressos em termos mais descritivos de situações a concretizar.”.

a) Objetivos Gerais

- Sensibilizar o público para a importância da educação ao longo da vida;
- Estimular o *aprender a ser* através da música;
- Valorizar práticas que potenciem o empoderamento pessoal.

b) Objetivos Específicos

- Desenvolver o espírito crítico sobre diversas temáticas;
- Promover partilha de saberes;
- Estimular o trabalho mental e corporal;
- Proporcionar novas experiências
- Otimizar as habilidades individuais para o trabalho coletivo;
- Mobilizar o público para experiências ligadas à Ciência;

Capítulo II: Enquadramento teórico da problemática de estágio

“É, portanto normal que um investigador tome conhecimento dos trabalhos anteriores que se debruçam sobre objectos comparáveis e que explicita o que aproxima ou distingue o seu trabalho destas correntes de pensamento” (Quivy & Campenhoudt, 1995:50)

Nas últimas décadas a Educação de Adultos e Intervenção Comunitária têm sido temas de grande enfoque, tanto pela intervenção como pela investigação. Como tal, vários são os estudos e conteúdos teóricos onde nos podemos debruçar para sustentar, de uma forma mais completa, a intervenção e as temáticas inerentes a este projeto. Assim sendo, ao longo deste capítulo apresentaremos estudos, projetos e correntes teóricas de acordo com a sua relevância, pertinência e articulação com o projeto “*Aprender a ser com música e ciência*”.

2.1. Investigação e Intervenção na área da problemática

No projeto “*Aprender a ser com música e ciência*” as concepções teóricas centraram-se no desenvolvimento e (re)construção da identidade pessoal através da música e da ciência, em meios rurais, numa perspetiva de desenvolvimento holístico². Seguidamente, iremos apresentar um conjunto de trabalhos que apoiaram e se tornaram relevantes na construção deste projeto e para a sua consecução.

Destaca-se a ***Dissertação de Mestrado “Acordes Saudáveis. Musicoterapia e educação para a saúde” de Ana Maria Carvalho Gomes (2011)***, uma reflexão teórica e empírica sobre as práticas de musicoterapia. O principal objetivo traçado para este estudo passou por “[...] compreender a real influência e importância da prática da musicoterapia na promoção do desenvolvimento integral dos indivíduos, potenciando mudanças positivas que conduzem ao desenvolvimento educativo e salutogénico dos mesmos.” (Gomes, 2011, p. 7). O estudo é direcionado para as **potencialidades da musicoterapia em situações de reabilitação ou de cuidados de saúde permanentes**, ou seja, pode ser ampliado a vários contextos e público. Tal aconteceu e encaixou perfeitamente com o contexto e público-alvo do projeto “*Aprender a ser com música e ciência*”, onde estivemos perante uma população adulta e idosa com debilidades físicas

² “[...] a compreensão dos fenómenos deveria processar-se a partir da compreensão do funcionamento-como todo- do sistema observado.” (Oliveira, 2000, p. 287)

e/mentais, onde as práticas associadas à musicoterapia contribuíram “ [...] grandemente para a conservação, manutenção e reabilitação da saúde de indivíduos com patologias diversas.” (Gomes, 2011, p. 8).

Para esta investigação científica foram dezoito os musicoterapeutas participantes para recolha de dados e onze os sujeitos em musicoterapia, ou seus cuidadores (em indivíduos impossibilitados). Sendo a musicoterapia uma prática ainda em ascensão em Portugal, como corrobora Ana Gomes (2011:132), a pesquisa teve de ser ampliada a todo o mundo: “A nossa amostra é maioritária do Brasil existindo ainda respostas dos Estado Unidos da América, Espanha, França e Reino Unido.” (Gomes, 2011, p. 132). Posteriormente, na análise dos dados obtidos dos musicoterapeutas estes consideram que a musicoterapia e educação para a saúde devem ser complementadas uma na outra, assumindo assim um processo educativo ao longo da vida. A musicoterapia é considerada como um processo que promove a harmonia e o bem-estar, auxiliando na reabilitação, mas não curando. Para além disso, estes profissionais mencionam nas suas respostas que através deste processo terapêutico há melhoras significativas e positivas comprovadas tanto a nível físico, como emocional, cognitivo e social³.

A autora inclui no seu trabalho a **teoria da complexidade** e baseia o seu discurso nessa linhagem. Todas as dimensões do ser humano são consideradas nos vários tópicos que constituem esta dissertação de mestrado bem como o contexto que o rodeia. O indivíduo é considerado no seu todo o que torna a abordagem e o enfoque nesta dissertação de natureza exploratória, muito pertinente e como uma mais-valia para o presente projeto de intervenção merecendo maior aprofundamento tanto para investigação empírica, como para a construção das atividades de intervenção e para a avaliação mais completa das mesmas.

A Dissertação de Mestrado seguinte- no âmbito do Mestrado em Gerontologia- Especialidade em Gerontologia Social, da Universidade da Madeira- é resultado de um estudo que procura **associar e observar o impacto da intervenção através da animação**

³ “[...] desinibição; autonomia e com ela maior capacidade de analisar seus problemas; maior concentração; controlo de emoções; diminuição de dor física e emocional; maior clareza na tomada de decisões; aumento da auto-estima e da capacidade de comunicação [...]” (Gomes, 2011, p. 146).

sociocultural e a capacidade funcional de idosos institucionalizados e não institucionalizados. Cláudia Isabel Reis Paixão (2012), a autora desta dissertação de Mestrado, intitulada **“Animação e Terapias na Terceira Idade. Relação com a Multifuncionalidade”** incidiu o seu estudo no Lar e Centro de Dia da Misericórdia de Machico, Universidade Sénior de Machico e em utentes de Santo António da Serra, a quarenta e sete indivíduos com idades compreendidas entre os sessenta e cinco anos e os oitenta e cinco anos. A autora pretendeu não só analisar as características da população mas também a obter mais informações sobre os fenómenos que ocorrem no seio desses grupos sociais e comunitários, traçando assim como finalidade do projeto “ [...] observar a relação de atividades socioculturais enquanto um fomento da funcionalidade do idoso ao nível da saúde física e mental.” (Paixão, 2012, p. 33)

As principais conclusões obtidas revelam que a funcionalidade dos idosos não é condicionada pelo meio, nem pelas habilitações literárias. A autora refere que a estimulação do idoso deve passar pela realização de atividades diárias e que este se concretize de forma autónoma e independente. Cláudia Paixão (2012:49) sublinha que, com as mudanças sociais, é cada vez mais frequente a institucionalização de idosos, contudo a funcionalidade desses idosos e dos idosos não institucionalizados, é igualmente promovida através de atividades sociais e lúdicas que estimulam as suas capacidades e mantêm ou aumentam o bem-estar, autoestima e identidade de grupo.

O projeto que se segue é resultado de um estágio académico do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária realizado no concelho da Póvoa de Lanhoso: **“Vive mais a terceira idade: uma iniciativa de educação ao longo da vida”**, concretizado pela Eugénia Catarina Araújo da Cunha (2015).

A instituição de acolhimento a este estágio académico foi um Centro Comunitário situado numa das freguesias do concelho da Póvoa de Lanhoso criado com o intuito de responder às necessidades e interesses das famílias do baixo concelho. A autora aplica a avaliação diagnóstica de necessidades e interesses de maneira a recolher informação acerca do funcionamento da instituição e ainda para conhecer as especificidades do público-alvo deste projeto, um grupo de 17 idosos. As conclusões a

que a investigadora chegou dão conta da necessidade de “[...] desenvolver e criar espaços que impulsionem as capacidades, competências e aptidões do idoso quer em termos culturais, sociais, artísticas, físicas ou políticos.” (Cunha, 2015, p. 15). Para tal, Eugénia Cunha (2015) traçou como finalidade do projeto a promoção do envelhecimento ativo dos idosos do Centro Comunitário, alicerçado na busca pela melhoria da “qualidade de vida”.

O leque de atividades desenhado e implementado foi dividido em diferentes níveis de estimulação: atividades de desenvolvimento cognitivo e pessoal, atividades culturais, lúdicas e institucionais. A autora contou com o apoio do Departamento de Biologia da Universidade do Minho através do Projeto *Science Through Our Lives* (STOL), projeto este que pretende **relacionar a Ciência com a Sociedade Geral**. No âmbito das atividades de desenvolvimento cognitivo foi promovida uma sessão formativa que “[...] visou fomentar o interesse dos idosos pelos conteúdos científicos, realçando a existência de conhecimento científico no seu dia-a-dia [...]” (Cunha, 2015, p. 70). Foram tratados temas como a cromatografia e fotossíntese relacionadas com as estações do ano e reconhecimento de características mais específicas e aprofundadas de frutos, por exemplo, que resultaram numa avaliação positiva onde se destaca o interesse e curiosidade despoletado e demonstrado e, por fim, a mais-valia que o público considerou com a aquisição daqueles novos conhecimentos e aprendizagens.

Para além das investigações e análise de investigações e intervenções, na área da problemática, nacionais, debruçamo-nos de seguida num estudo levado a cabo em Espanha, por Emilio Herrera Molina, Ingrid Muñoz Mayorga, Verónica Martín Galán e Manolo Cid Gala (2011), intitulado *“Experiencias españolas en la promoción de la autonomía personal en las personas mayores”*. É um estudo que procura demonstrar e perceber de que forma é que a autonomia pessoal da população mais velha está a ser apoiada e trabalhada. Para tal, os autores e investigadores incidiram a sua pesquisa em entidades responsáveis pelo bem-estar social (através de questionários telefónicos) e no levantamento de informações e revisão de literatura de programas que promovam desenvolvimento da autonomia pessoal de pessoas mais velhas, em Espanha.

Tal como indica no estudo e se compatibiliza com a realidade do presente

projeto, a autonomia pessoal dos indivíduos é desenvolvida, em grosso modo, nos centros de dia e entidades autónomas através de projetos que apoiam e viabilizam a independência do público-alvo. Estes projetos dinamizam atividades que incentivam os indivíduos a lidar, autónoma e independentemente, com as várias esferas da sua vida, durante o tempo viável e desejado. Maioritariamente, as atividades desenvolvidas “ [...] promueven el ócio activo [...]. También se desarrollan actividades para el fomento de la lectura [...] y actividades para el mantenimiento y la rehabilitación cognitiva [...]” (Herrera *et al.*, 2011, p. 153).

Contudo, os autores refletem na influência de doenças nas capacidades cognitivas e emocionais da população. Nesta linha de reflexão, destaca-se a importância de incluir atividades que incidam na área psicoafectiva complementando assim as atividades de ócio e lazer, oficinas de memória e cálculo, entre outras⁴.

Concluem o estudo com uma sugestão: a aposta em programas de intervenção a longo prazo para que os indivíduos “[...] mantengan una vida activa y sana a edades avanzadas, para poder garantizar unos niveles optimos de los servicios prestados.” (Herrera *et al.*, 2011, p.157)

2.2. Autonomia e Participação: fatores para garantir o desenvolvimento sustentável da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Tanto a autonomia a participação são dimensões que estão subjacentes nas práticas educativas, mas será que serão bem executadas de forma a contribuir para o empoderamento das comunidades? Será que em Portugal existem projetos que contemplam a autonomia e participação nos seus objetivos primordiais?

O conceito de autonomia, segundo Castoriadis, citado por Barbosa (2012) está associado a uma “poderosa significação imaginária”, que remonta, possivelmente à primeira vez que o imaginário da autonomia emergiu na história. O imaginário da autonomia é consistido pelo imaginário individual e o imaginário social, que se associam e interligam mutuamente, atribuindo à autonomia, como cita Barbosa (2012) o “sentido de uma autoinstituição da sociedade, autoinstituição doravante mais ou menos

⁴ “Este tipo de iniciativas son necesarias en el colectivo de mayores, ya que se há evidenciado que la depresión afecta a un 10% a 15% de los mayores de 65 años.” (Herrera *et al.*, 2011, p. 153)

explícita: fazemos as leis, sabemos que é assim, e somos assim responsáveis pelas nossas leis e temos de perguntar, de cada vez, porquê esta e não outra lei?” (Castoriadis, 1986, p.237).

A pedagogia da autonomia tem um percurso histórico desde, pelo menos, o século XVIII, onde autores como John Dewey a vão construindo. Dewey centra a sua prática pedagógica numa educação baseada na experiência, onde o educando é o construtor do seu conhecimento relativo às suas vivências quotidianas. Tendo em conta os pilares que sustentam a educação, para Dewey, o que se destaca é o “aprender a aprender”, onde os indivíduos vão aprendendo constantemente e desenvolvendo-se a partir dessas construções autónomas. O foco dos ideais de Dewey, segundo Armando Lourenço Filho & Samuel Mendonça (2014), assentam na

“[...] Necessidade de formação do indivíduo para a participação social, ou seja, para o desempenho de sua cidadania ativa, de uma atividade prática e colaborativa junto à sociedade; isso, naturalmente pressupõe a necessidade do desenvolvimento da sua autonomia intelectual.”

Contudo, a expressão de pedagogia da autonomia encerra num paradoxo complexo que a torna um termo de grande peculiaridade: não há autonomia sem heteronomia, ou seja a autonomia não existe sem o seu oposto. Podemos concluir e corroborar este paradoxo com a “desconstrução” de cada termo:

- Autonomia, etimologicamente, vem do grego *autos* (si mesmo) e *nomos* (lei, regra), ou seja, a palavra autonomia aplica-se a um indivíduo que se conduz a si mesmo, tem capacidade de ditar regras para a sua conduta.
- Pedagogia vem igualmente do grego, *paidos* (criança) e *gogia* (conduzir alguém a um destino), isto é, a pedagogia é a ação de “alguém exterior à criança que a conduz a uma meta, a um objetivo” (Barbosa, 2008:458).

De certa forma acaba por dar, ligeiramente, um pouco de sentido à máxima “a minha liberdade acaba quando começa a do outro” porque “se o lado da autonomia é o pólo da iniciativa própria, do agir por si e para si, o lado da pedagogia é o pólo da iniciativa alheia, do agir sobre alguém no sentido de lhe traçar o caminho e de lhe definir os passos.” (Barbosa, 2008: 458). Muitas das vezes são conceitos confundidos no seio

das comunidades, autonomia e liberdade, e embora se interliguem não têm o mesmo sentido e objetivo. É pretendido que a autonomia contribua para o empoderamento do ser humano e isso coopere com a sua emancipação e direito a uma vida independente na sociedade:

Artigo 2.

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. / Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autónomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.⁵

Todavia, a pedagogia da autonomia é uma conceção que poderá ser facilmente deturpada por entidades que subvalorizam os indivíduos, incutindo credos de que cada um é ensinado, metaforicamente, a ser “empresário” de si mesmo. Este ideal não assenta nos princípios que movem a Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Todos os processos educativos e pedagógicos devem ser específicos: tem de ser um processo contínuo pois terá de acompanhar as evoluções constantes a que o mundo está sujeito. Contudo, é importante referir que o indivíduo adulto é livre para construir o seu plano de desenvolvimento pessoal autónomo e, “[...] tal como Dewey, Freinet e Paulo Freire afirmavam, só será funcional se se realizar a partir do interesse espontâneo [...] ” (Antunes, 2001:38). A pedagogia da autonomia deverá ser um processo de crescimento e autorrealização que o indivíduo constrói autonomamente, auxiliado por técnicos competentes que deverão ter sempre em conta dois pontos-chave, para o sucesso das práticas implementadas: não se dá o peixe, o trabalho a ser feito passa por ensinar a pescar. O segundo ponto a sublinhar é que o indivíduo adulto é o protagonista de todos os processos e práticas educativas e/ou pedagógicas promovidas em contextos educativos formais, não formais (maioritariamente) e informais.

No que concerne à participação dos indivíduos adultos esta é considerada um

⁵ DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

fator fundamental para o empoderamento da realidade. “A participação, portanto, é uma intervenção-chave para se fortalecer a sustentabilidade política [...]” (WHO, 2011, p.18). Atendendo a uma maior consciencialização, monitorização e um maior empenho da participação dos indivíduos na sociedade, as mudanças serão positivas e vantajosas para garantir que as necessidades das pessoas sejam colmatadas e aspirações concretizadas.

A origem etimológica de participação vem do verbo latino *participare* que significa “tomar parte”. Muitas das vezes o conceito de participação é empregado ao significado de “fazer parte”, mas este conceito vai muito mais além. Participar representa um nível mais intenso que o indivíduo ou as comunidades assumem perante algo. Participar implica o envolvimento dos sujeitos na tomada de decisões. Como refere Guerra (2006) a participação efetiva dos cidadãos é, maioritariamente, inversamente proporcional à sua valorização nos discursos e documentos. Constatamos que a participação não é entendida no mais profundo do seu real significado e para além disso, nestes períodos anteriores, vemos que é uma conceção suscetível de múltiplas interpretações. A participação não é uma noção consensual entre vários autores, onde alguns tentam-na definir de maneira reduzida, ignorando a sua complexidade e polissemia. Conforme menciona Guerra (2006, p.8) “A «participação» não é sinal de consenso e não tem significado de per si, se não se atender aos atores em presença, aos conteúdos em discussão e às suas relações com o contexto sistémico em que se inserem.”

A participação é classificada como plena, parcial e pseudoparticipação. O que significa cada uma delas? A participação plena refere-se à partilha de poder e à participação de todos os intervenientes nele; a participação parcial acontece quando só se pode influir nas decisões pré-tomadas e por último, a pseudoparticipação ocorre quando à procura de alguém para gerir o consentimento das pessoas nas decisões. Cada uma destas classificações de participação tem diversas variantes e sustenta a citação de Guerra (2006), acima transcrita. Embora a participação deva ser tomada pela pessoa como o poder e capacidade de intervir na vida pública, concluímos que as condicionantes como fatores económicos, políticos e mesmo sociais, influenciam a ação individual e coletiva que, de certo modo, dão origem a estas classificações: por exemplo,

a participação faz parte integrante de cada indivíduo mas em relação à sua esfera pessoal e participação tem um cariz mais pleno enquanto, nas comunidades se acaba por verificar uma participação parcial.

A participação configura um dos direitos fundamentais do ser humano expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos e também incorporada na Constituição da República Portuguesa. Esta deve gerir dinâmicas de aprendizagem de valores, como pensamento crítico, responsabilidade, tolerância, respeito, cooperação, entre outros, para assim, ter influência consistente na condução dos destinos pessoais de cada um e do coletivo: desenvolve o potencial transformador das pessoas e comunidades. Não obstante, a participação embora seja uma virtude cívica do cidadão e uma estratégia de resolução de conflitos, quando não acompanhada de pensamento crítico pode ser cúmplice de injustiças, imoralidades e discórdias.

Os processos de autonomização e participação de pessoas, grupos e coletividades estão inteiramente ligados no que concerne à pedagogia e educação. O estudo de estas duas dimensões ressalva a consciência e bom senso necessário para a construção e concretização de projetos enriquecedores para a sociedade, em todas as frentes de ação possíveis. No campo educativo e, mais concretamente, destacando a área da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária é preciso atender a todos detalhes e princípios orientadores que se sustentem nestes dois pilares: a autonomia e participação.

2.3. Educação de Adultos e Intervenção Comunitária numa perspetiva de Educação ao Longo da Vida

A Educação de Adultos evoluiu ao longo dos tempos e a importância dada a essa prática foi tornando-se evidente de diferentes formas, em diferentes épocas e contextos. A cultura de educação de adultos traz consigo mudanças sociais que “[...] abrem *novas oportunidades de vida* para a política, o trabalho, as relações pessoais, a amizade e o lazer, ao apelarem a um profundo aumento da reflexividade cognitiva e estética na vida social.” (Jansen, 2000, p. 45).

A Educação de Adultos emergiu, após a Revolução Francesa, onde o Estado verificou que era importante alfabetizar os iletrados, criarem iniciativas de formação profissional e de educação política para possibilitar o exercício de sufrágio universal. Nestas decisões, a base da sua conceção foram maioritariamente ideias do Iluminismo

e onde, nesse seguimento, Condorcet, citado por Canário (2000), afirma que “[...] a instrução deve estar presente em todas as idades e não há nenhuma em que seja inútil aprender.”.

Parece-nos pertinente considerar acontecimentos de há cerca de 300 anos atrás com a atualidade e constatar que uma parte da comunidade ainda acredita que a educação só deverá estar direcionada para as crianças e jovens e que a partir de determinada idade a procura de novos saberes, em diferentes áreas, é algo de surreal e que não entra dentro dos seus princípios. A sensibilização destas comunidades para o mundo educativo deve ser, mais do que nunca, realizada, tanto por parte dos educadores de adultos, como por outras entidades que fazem parte integrante da vida dos indivíduos e podem ajudar no processo. Com todas as ofertas educativas existentes e, a título do que podemos fazer, há uma infinidade de possibilidades que não se delimitam ao que existe em determinado momento, mas que vão-se atualizando continuamente conforme as necessidades dos adultos, onde o educador de adultos deve ter presente, para o sucesso das suas práticas.

Porém, ao conceito de Educação de Adultos foram-se limando arestas tanto no “campo das práticas educativas e, simultaneamente, como campo de reflexão e de investigação,...” (Canário, 1999:19). Após a 2ª Guerra Mundial a educação de adultos deixa de ser uma prática deliberada e passa a ser imposta a todos. Com a crise que se fez sentir no pós-guerra, a todos os níveis, encontrou-se nos processos de educação de adultos uma arma potente para colmatar as dificuldades e para o exponencial desenvolvimento e recuperação das nações: “Estabelece-se a relação causal direta entre educação e desenvolvimento económico, [...]” (Antunes, 2001, p.32).

Esta diversidade complexificou-se e afirmou-se, segundo Canário (1999, p.13)

“[...] em três planos distintos: em primeiro lugar o plano das práticas educativas (finalidades, modos e públicos); em segundo lugar ao nível da diversidade de *instituições* implicadas, de forma direta ou indireta, nos processos de educação de adultos; em terceiro lugar ao nível da diversidade dessa nova figura de educador a caminho de processos de profissionalização, que é o educador ou formador de adultos.”

Assim a diversidade das práticas educacionais corresponderiam a quatro polos distintos:

- Alfabetização: “...desenvolvimento de uma oferta educativa de segunda oportunidade dirigida a adultos [...] ensaiando-se novas metodologias, como a alfabetização funcional [...]” (Canário, 1999, p.14);
- Formação Profissional: “...formação profissional contínua orientada para a qualificação e requalificação acelerada da mão-de-obra [...] em processos de rápido e intensivo crescimento económico.” (Canário, 1999, p. 14);
- Desenvolvimento Local:” [...] articulação entre a educação de adultos e o desenvolvimento a uma escala local, com a forte valorização de participação direta dos interessados. [...] encorajar uma comunidade a interessar-se e a assumir responsabilidades na melhoria das suas próprias condições de vida [...]” (Canário, 1999:15)
- Animação Sociocultural: “[...] resposta a um conjunto de aceleradas mutações sociais [...]” e que “[...] se torna uma estratégia de intervenção social e educativa ao serviço de projetos de desenvolvimento em contextos socialmente deprimidos [...]” (Canário, 1999, pp. 14 e 15)

Relativamente às instituições educativas eram, até então, englobadas no mesmo panorama. No entanto, com a evolução que vai sendo retratada do conceito da educação de adultos, nesta fase as “[...] organizações sociais representam sempre contextos educativos.” (Canário,1999, p. 17).

A figura do formador era preponderante, pois este teria de estar capacitado para atuar em qualquer um dos planos anteriores. Contudo existem dois tipos de papéis para o formador. O formador informal- onde Rui Canário (1999, p.17) cita Marcel Lesne (1978) que reconhece que qualquer pessoa que viva em sociedade é de algum modo um agente informal de formação. E o formador formal que é o formador ou educador como uma figura multifacetada e Lesne (1978) sustenta da seguinte forma, “[...] o formador pode ser instrutor, professor, monitor, animador, interveniente [...]” , tudo dirigido a adultos.

Com todas as alterações e estando todos os focos voltados para os adultos e o seu contributo para o crescimento económico e reedificação dos países “ [...] que se sente a necessidade de promover a 1ª Conferência Internacional da Educação de Adultos [...]” (Antunes, 2001, p. 34). A evolução da educação de adultos torna-se

evidente no decorrer dos anos em que se realizaram as Confiteas e de umas para as outras os progressos eram fantásticos e os novos paradigmas criados revelavam-se como chaves de ouro para este setor da educação. Ora vejamos: a primeira conferência demarca-se no ponto de que “[...] as tarefas da educação de adultos [...] é satisfazer as necessidades e as aspirações do adulto em todas as dimensões da vida.” (Antunes, 2001, p. 35). Todos os processos educativos e pedagogias dirigidas para adultos devem ser específicos: tem de ser um processo contínuo pois terá de acompanhar as evoluções constantes a que o mundo está sujeito. Contudo, é importante referir que o indivíduo adulto é livre para construir o seu plano de desenvolvimento pessoal e, “[...] tal como Dewey, Freinet e Paulo Freire afirmavam, só será funcional se se realizar a partir do interesse espontâneo [...]” (Antunes, 2001, p.38). A educação deverá ser um processo de crescimento e autorrealização que o indivíduo adulto constrói, auxiliado por técnicos competentes que deverão ter sempre em conta dois pontos-chave, para o sucesso do seu trabalho, que muito foram frisados nas aulas: não devemos dar o peixe, o nosso trabalho é ensinar a pescar e, ainda, o indivíduo adulto é o protagonista de todos os processos e práticas educativas e/ou pedagógicas.

Na segunda conferência internacional, realizada no Canadá constatou-se que a educação de adultos tem de fazer parte integrante do sistema educativo isto porque a necessidade de um desenvolvimento holístico do ser humano se destaca cada vez mais. Ainda nesta conferência, as mudanças tecnológicas evidenciam-se, bem como a necessidade de as tornar funcionais, para os adultos, reorganizando as práticas de educação de modo a que transpusessem esses conhecimentos para a construção de um mundo mais harmonioso.

Na terceira Conferência Internacional realizada em Tóquio a 1972, constata-se que as percentagens de casos de analfabetismo não diminuía, muito pelo contrário. Este facto explica-se pela falta de prática das aprendizagens após o processo de educação o que proporciona ao indivíduo a vivência de um analfabetismo regressivo em vez de funcional. Neste contexto, conclui-se que estes processos de educação de adultos têm de ir mais além do que o mero contributo que lhes é impregnado para o desenvolvimento económico dos países. Consideraram, então, tornar a educação de adultos como um processo educativo que contribui para o desenvolvimento e crescimento do indivíduo na comunidade tendo “[...] em vista a auto-realização

humana.”. (Antunes, 2001, p.45). Mais tarde, e enquadrada nesta 3ª Conferência Internacional, sintetizam-se os pontos fulcrais da educação de adultos na Recomendação de Nairobi. Nesta era considerado que o acesso da educação de adultos, numa perspetiva de educação permanente, constituía um aspeto fundamental do direito à educação e um meio de facilitar o exercício de participação nas diferentes áreas sociais. Em todos os processos, projetos, metodologias e conceções, o homem era sempre considerado o agente da sua própria educação por interação entre a sua ação e reflexão.

Já em Paris, na 4ª Conferência Internacional de Educação de Adultos (1985), a educação de adultos já era entendida como um processo interativo de ideias, conhecimentos e valores, permanente e comunitário. Apesar do conceito de educação permanente ter emergido até desde então, verificava-se que era só na teoria e, nesta conferência objetivou-se colmatar esta lacuna e reforçar a ideia de que a educação é um direito fundamental de e para todos. A visão sobre a educação vai um pouco mais além, portanto, sendo que é avaliada como uma educação global, contínua e permanente que atende às necessidades de crianças, jovens, adultos e idosos.

Canário (1999) ainda nos deixa seis princípios orientadores que demonstram a importância de uma educação libertadora nas práticas educativas. De uma forma sucinta conclui-se que o indivíduo autoeduca-se longe de tensões e pressões imbuídas do sistema educativo bancário (tendo em conta as aceções de Paulo Freire) onde apenas se propiciam condições para o seu processo de formação. Nestes processo de desenvolvimento educativo e/ou pedagógico a comunidade é uma variável fulcral: “A tarefa educativa não é uma tarefa isolada mas comunitária.” (Antunes, 2001, p. 64).

A Educação de Adultos e, tendo em conta “[...] a educação como um processo largo e multiforme que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo, torna-se evidente que sempre existiu educação de adultos.” (Canário, 1999, p. 11). A Educação de Adultos é definida, segundo a UNESCO, na Recomendação de Nairobi (1976) como um processo organizado de educação, que intervém em prol do enriquecimento dos conhecimentos dos adultos, da melhoria das suas capacidades técnicas e profissionais e da evolução das suas atitudes e comportamentos na dualidade: desenvolvimento integral do Homem e uma participação no desenvolvimento socioeconómico e cultural, equilibrado e independente.

O Homem é o agente da sua própria educação por interação entre a sua ação e reflexão, onde os processos educativos deverão abarcar todas as dimensões da vida do adulto. O objetivo da educação de adultos deverá ser então educar integralmente o Homem para transformar, emancipar e, ainda, através da aquisição dos diversos conhecimentos, selecionados, que contribuam, igualmente, para o desenvolvimento da sua personalidade e a capacidade de aprender a aprender (tornar-se o agente do seu desenvolvimento). A educação de adultos deve abranger todas as massas populacionais e como refere Ribeiro Dias ninguém pode considerar-se excluído, já que todos procuramos melhores condições na medida em que como “[...]educandos sentimos a necessidade e como educadores sentimos a responsabilidade [...]” (Ribeiro Dias, 2009, p.17).

A intervenção comunitária faz parte integrante do processo de educação de adultos, onde se pretende “[...] dotar o indivíduo de competências com as quais possa responder às necessidades quotidianas concretas proporcionando, assim, o desenvolvimento pessoal e a implicação e integração ativa, crítica e responsável na comunidade implicando-se e promovendo desta forma, também, o desenvolvimento comunitário.” (Antunes, 2008:92).

Após a Guerra Fria, a sensibilidade para compreender a importância da *Família Humana* (Ribeiro Dias, 2009) foi crescendo. Os conflitos decorrentes da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria aumentaram a necessidade de coesão por parte das comunidades para lutarem pelo seu desenvolvimento e recuperação. A partir daí e nas últimas décadas o conceito de educação comunitária foi crescendo após o seu desenvolvimento na Conferência Internacional de Jomtien (1990) realizada na Tailândia onde se frisou:

“[...] educação comunitária, a designar o processo de desenvolvimento global e harmónico de cada comunidade, ao longo da sua história, a partir da interação da educação ao longo da vida de cada um dos seus membros.” (Ribeiro Dias, 2009, p. 21)

Nos dias de hoje, a comunidade já participa mais ativamente e de forma coesa nas ações comunitárias e nas transformações que foram ocorrendo resultantes das políticas sociais adotadas e do impacto que a democracia teve nas novas formas de organização (Úcar, *et al.*, 2009). Como já foi mencionado, a intervenção comunitária

pretende melhorar a vida das pessoas, das comunidades a diversos níveis, mas tendo sempre em conta os recursos existentes. Para uma atuação eficaz, o educador comunitário terá de considerar uma realidade igualmente existente, um problema real, e deve partir do pressuposto, segundo Marchioni (2001), que toda a realidade é melhorável e que são os atores educacionais que decifram os pontos prioritários para trabalhar.

Como papel fundamental da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, a educação ao longo da vida deve “[...] considerar associáveis todas as práticas de promoção de bem-estar e práticas de cuidado [...]do ser humano.” (Gomes, 2011, p. 20)

A EAIC surge no campo de ação, no fundo, como mediadores do desenvolvimento de processos globais que fazem parte da comunidade. O contexto em que vivemos e a comunidade permitem a constante interação com os processos de educação ao longo da vida. “Cada um de nós [...] vive, em cada instante, o próprio processo de educação ao longo da vida na respetiva fase de desenvolvimento.” (Ribeiro-Dias, 2009, p. 20)

Perspetivando todas as dimensões tratadas concluímos que o desenvolvimento pessoal, acompanhado pelos processos de educação ao longo da vida, só faz sentido quando nos integramos na comunidade e no contexto que constituímos: “Pelo que só tem sentido falarmos no plural. Do aqui e do agora. E sem constrangimentos ou *tabus*.” (Ribeiro Dias, 2009, p. 30)

2.4. Animação sociocultural através da música

Falar de animação é o mesmo que falar de vida, visto que não há nenhuma forma de vida que não seja animada. (Barbosa, 2006, p. 122). Segundo Barbosa (2006), animação significa, epistemologicamente, alegria, movimento, vida e quando transposta para o Homem, considera-se que é um elemento decisivo para o seu desenvolvimento pessoal e social, através da construção e reconstrução de si mesmo, através da sua iniciativa e criatividade.

As perspetivas que demonstram em que medida a Educação se encontra com a animação são várias. Num primeiro momento, encontramos a emergência do conceito de animação após a Segunda Guerra Mundial: a animação surge através de uma população

destruída, onde a queda de mão-de-obra masculina levou à inserção das mulheres no mercado de trabalho. Assim, a animação surge através de fenómenos educativos não-formais dirigidos às crianças criando-se, então, momentos de partilha e práticas culturais. Desta forma foi possível dar identidade comunitária à população, (re) criando essas novas comunidades, através da animação. Neste contexto, a animação focou-se nas crianças e na educação de infância uma vez que com as repercussões do pós-guerra, o desamparo familiar aumentou. Contudo, a animação surgiu também para responder às necessidades dos adultos como ocupação do tempo livre. A manutenção cognitiva e, posteriormente a exercitação física tornaram os processos de animação mais completos e com capacidade de resposta estimulativa.

Na segunda perspetiva é afirmado que a animação existe na história a partir da era contemporânea, fruto das necessidades sociais advindas da Revolução Industrial. Os movimentos sociais, originados pelos trabalhadores da classe mais desfavorecida, impulsionaram o desenvolvimento comunitário, económico e social, através de práticas de educação popular. Neste âmbito a animação transformou-se numa estratégia sociocultural, onde se mostra que “o desenvolvimento local opera-se com a participação comunitária.” (Nunes Viveiros, 2008, p.4).

A animação introduziu-se no seio das comunidades para aproximar as pessoas umas das outras. O êxodo rural a que a Revolução Industrial obrigou, a posterior redução da carga horária diária e semana e a contemplação de períodos de férias segundo Dumazedier (1988), citado por Canário (1999) originou a “revolução cultural do tempo livre”. Esta realidade, segundo Canário (1999) foi-se desenvolvendo através de duas evoluções contraditórias. Uma corresponde à mudança de conceitos que outrora tinham implicações e sentido diferente para os indivíduos:

“A partir da generalização da “inversão histórica” entre “tempo de trabalho” e “tempo livre” estas [...] mudariam de natureza, deixando de ser pertinente o problema da ocupação do “tempo livre”, já que esse deixaria de ser [...] definido negativamente como de “não trabalho”.” (Canário, 1999, p.77)

A outra evolução é aquela a que vimos a assistir, desde os anos 70, até a atualidade que é o “[...] desemprego de massas e consequente marginalização dos que não têm trabalho.” (Canário, 1999, p.78)

A ocupação dos Tempos Livres do Homem é o espaço de tempo em que os indivíduos escolhem as suas atividades, a partir de uma visão subjetiva da realidade que o rodeia.

“O tempo livre é por excelência um tempo de contemplação, de observação e de escuta, condições essenciais para o desabrochar da inovação e da criatividade, para o autoconhecimento, para o respeito pela diferença e para o ensaiar de novas posturas [...]”
(Barbosa, 2006, p. 121)

Assim, o indivíduo constrói-se a partir da reflexão, da observação e da experiência onde a Animação Sociocultural surge como uma estratégia privilegiada de dinamização dos tempos livres para potenciar processos de desenvolvimento pessoal e social. É fundamental, como enfatiza Ander-Egg (1987), que cada um seja o protagonista das atividades, onde a participação seja um elemento inerente ao seu quotidiano, já que se desenvolve social e pessoalmente num contexto que atende às exigências da sua qualidade de vida.

A Animação Sociocultural enquanto intervenção social defende a adaptação e consequente integração no *todo* social, tendo em conta três âmbitos principais:

“[...] en los que se puede promover y desarrollar programas de animación socio-cultural y en donde, consecuentemente, se deben realizar estudios de necesidades culturales son: un grupo; una organización o institución; una zona o área territorial.” (Ander-Egg, 1987, p.24)

A Animação Sociocultural é um processo “flexible, crativa, desenfadada y eficaz” (Úcar, 1992, p. 38), fazendo parte, tal como a educação, de uma dimensão global e integral do desenvolvimento humano. Marcelino de Sousa Lopes (2008) destaca a ASC como sendo uma área com vários ramos de especialização:

- **A animação estimulativa:** uma metodologia que possibilita a participação e a interação dos indivíduos na esfera comunitária, onde através de estímulos os indivíduos desenvolvem as suas capacidades de adaptação e compreensão de situações quotidianas
- **A animação no domicílio:** nesta metodologia de ação o educador comunitário procura os indivíduos não institucionalizados para combater o isolamento, a desmotivação e dependências. A visita domiciliária deve ter em conta a

estimulação de AVD's, bem como o fortalecimento de laços e a demonstração da importância deles para a vida individual e coletiva, tal como no contexto de institucionalização;

- **A animação turística na terceira idade:** onde a manutenção da qualidade de vida do público sénior se encontra no centro das prioridades, com dinâmicas diferentes;
- **A animação nas instituições:** metodologia que assenta na otimização e manutenção da evolução natural do envelhecimento, como refere Lopes (2008), de modo a promover novos interesses e atividade que acompanhem a sua vitalidade física e mental.

Nas várias técnicas de ASC as várias formas de arte estão presentes a dinamização de propostas de intervenção já que:

“[...] a diversidade das Artes e as formas como a ASC as utiliza tem sempre a ver com os interesses e as necessidades dos grupos, direccionados, enfim, para a qualidade de vidas das pessoas, e todas as pessoas.” (Bento, 2015, p. 167)

O autor supracitado, considera que as políticas sociais e culturais não têm promovido a intervenção através das artes. Fala da sua experiência de envelhecimento mencionando que a alteração das estruturas para a “[...] criação de espaços comunitários intergeracionais [...] em que todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo, de forma a que a relação intergeracional seja simultaneamente um espaço de educação ao longo da vida para todas as gerações.” (Bento, 2015, p. 169)

Uma das formas de arte que acompanha técnicas de ASC é a música. Contudo, a possibilidade de integração da música como prática efetiva de projetos socioeducativos tendo por base diferentes técnicas de ASC, é interessante, já que “ [...] a música, enquanto produção natural vem acompanhando a pessoa humana na sua trajetória existencial.” (Gomes, 2011, p. 20).

A contextualização da música em diferentes áreas, tanto sociais como científicas, que envolvam pessoas, está a ser uma coligação que tem progredido ao longo dos tempos. Tomamos como exemplo, a musicoterapia onde encontramos exemplos que

remontam às conclusões de grandes personalidades da história da humanidade. Ana Gomes (2010, p. 22), cita Watson (1987):

“Pitágoras desenvolveu a noção de cura através dos intervalos rítmicos da melodia musical considerando que a música continha efetivos poderes curativos quando bem empregue, intitulado esta terapêutica como purificação” (cf. Watson *et al*, 1987, p. 23)

Neste sentido, compreendemos que a música é realmente um fator de desenvolvimento humano, onde as suas potencialidades, associadas à terapia, contribuem para a relação do indivíduo com a comunidade, e vice-versa.

A música enquanto instrumento da ASC deve ser “ [...] compreendida muito mais como uma terapêutica de reabilitação e de potencialização de atitudes através da animação do que, concretamente, entreter como um passatempo.” (Gomes, 2011, p. 136). Enquanto processo de ASC e enquadrada em contextos socioeducativos que visam a promoção do bem-estar da população, a música deve ser objetivada como instrumento de comunicação, expressão e interação que acompanha o desenvolvimento ativo, autónomo e participativo do coletivo e individual, afirmando as suas potencialidades.

A música e a ASC são a simbiose perfeita quando dinamizadas conjuntamente em projetos socioeducativos de intervenção/investigação, já que são duas áreas que atuam com mecanismos flexíveis e que facilitam a expressão de emoções positivas.

Deste modo e para finalizar: “É urgente a implementação de práticas artísticas que permitam afirmar as competências criativas e culturais dos cidadãos [...]”⁶ (Bento, 2015, p.169) de maneira promover a autorrealização e satisfação, processos que conduzem à promoção do bem-estar individual e coletivo.

⁶ “Há cidadãos que tiveram, ou têm, oportunidades de fruir a Arte e a Cultura, porventura mais cosmopolita, [...] mas não tiveram, ou não têm a, a percepção do que são as práticas artísticas e culturais de raiz popular e/ou comunitária.” (Bento, 2015, p. 169)

2.5. Identificação dos contributos teóricos mobilizados para a problemática específica de intervenção/investigação

No projeto “*Aprender a ser com música e ciência*” a temática central é o desenvolvimento da identidade pessoal através da música e da ciência, numa perspetiva de desenvolvimento holístico. A investigação e intervenção levadas a cabo para a concretização deste projeto foram alvo de várias pesquisas para a constante reflexão, orientação e melhoramento das práticas, a fim atingir e cumprir a finalidade e os objetivos delineados. Para além dos estudos e projetos analisados para melhor implementação do projeto “*Aprender a ser com música e ciência*”, foram estudados pressupostos teóricos que sustentam a base do estágio académico realizado no âmbito do ME-EAIC.

O estudo e a contextualização de conteúdos teóricos debruçou-se sobre vários artigos, atas de congressos e livros relacionados com as temáticas específicas da intervenção/investigação.

Dentro de um conjunto de literatura diversa, que contribuiu para acompanhar a investigação e intervenção neste projeto, destacamos as seguintes como sendo as mais influentes:

- A “História da Musicoterapia, suas conceptualizações e práticas” (2014), ata do XII Congresso da SPCE de Clara Costa Oliveira e Ana Gomes;
- “Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional. Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo” (2015), de José Pereira, Marcelino Lopes e Tânia Rodrigues (coordenadores);
- Educação: O Caminho da Nova Humanidade das Coisas às Pessoas e aos Valores, de José Ribeiro Dias (2009)
- “Do sonho ao pesadelo: a pedagogia da autonomia sob suspeita” de Manuel Barbosa (2008);

A educação é entendida como um elemento central de todo o desenvolvimento científico, técnico e sociocultural, que implica uma prática renovada que proporcione condições à realização pessoal, social e profissional integrada da população. A

exploração de correntes teóricas (de conceitos inerentes ao contexto e às práticas) foi essencial para contextualizar os conhecimentos aprendidos ao longo do percurso académico e assim refletir sobre as práticas a desenvolver no contexto em causa.

Assim sendo, conceitos como Educação de Adultos e Intervenção Comunitária foram sustentados por literatura estudada ao longo da especialização do ME-EAIC:

- *Recomendación relativa ao desarrollo de la educación de adultos*. Nairobi, da UNESCO
- Educação de adultos. Um campo e uma problemática, de Rui Canário (1999)
- *Comunidad, participación y desarrollo*, de Marco Marchioni;

A educação ao longo da vida foi abordada, estudando autores como Licínio Lima e Paula Guimarães, através das temáticas tratadas no livro *European Strategies in Lifelong Learning. A Critical Introduction*; uma vez que, para além de um público idoso, que se envolve neste projeto, estamos também perante um público adulto.

A questão do envelhecimento torna-se ambígua, hoje em dia, uma vez que encontrámos uma diferenciação entre o que é um idoso e um velho. O público-alvo do projeto “*Aprender a ser com música e ciência*” é diferente a diversos níveis, contudo é maioritariamente idoso. Deste modo, tornou-se importante estudar e analisar o **Plano de ação internacional contra o envelhecimento**, da Organização das Nações Unidas (2002) e, ainda, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI da comissão coordenada por Jacques Delors (1998) intitulado “**Educação: Um tesouro a descobrir**”.

As práticas educação de adultos e intervenção comunitária deverão ter, cada vez mais, um maior impacto no desenvolvimento sustentável do planeta e a conscientização da população deve abranger todo o espectro de idades e especificidades da população. Assim sendo, é fundamental analisar e refletir acerca do Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos pela Organização das Nações Unidas, até 2030⁷.

Os conhecimentos teóricos mobilizados contribuíram para desenvolver uma perspetiva crítica face à realidade do contexto de estágio, a assimilar e comparar

⁷ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>, acedido em 15 de novembro de 2016.

conteúdos para o tratamento de dados da investigação/intervenção. Para além disso, a reflexão sobre a realidade experienciada e a “realidade” teórica, permitiram a produção de conhecimento, resultado de uma entrega e apreciação aprofundada necessária para o crescimento e desenvolvimento de projetos socioeducativos no âmbito da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.

Capítulo III: Enquadramento Metodológico do Estágio

O procedimento metodológico de um projeto surge como uma das fases que mais enriquece e contribui para a construção do conhecimento, nas práticas delineadas. Será ao longo deste capítulo que serão apresentados os vários constituintes do enquadramento metodológico que sustentam as práticas de investigação e de intervenção como: o paradigma, a metodologia e os métodos e técnicas. Num ponto seguinte, mas ainda enquadrado neste capítulo, serão abordados os recursos mobilizados e as limitações a que o processo de intervenção e investigação foram, igualmente, sujeitos.

3.1. Paradigma de investigação e intervenção

Para percebermos como produzimos conhecimento precisamos de conhecer o paradigma, a metodologia, os métodos e as técnicas que irão sustentar as práticas. De onde provém o conhecimento? O que conseguimos conhecer? Que tipo de conhecimento produzimos?

O projeto “*Aprender a ser com música e ciência*” está fortemente ligado às conceções e noções teóricas do paradigma da complexidade, que permitiram guiar e apoiar os seus trilhos. Sendo um paradigma epistemológico não é produzido conhecimento científico, no entanto, quem se apoia no paradigma da complexidade, produz conhecimento a partir da compreensão da realidade e atuando nela, tal como aconteceu ao longo da implementação do presente projeto de investigação e intervenção.

Entendemos por complexidade a multiplicidade de variáveis conectadas entre si mas que mantêm a sua singularidade e identidade. Estamos perante uma realidade social complexa que chega até nós de uma forma fragmentada, onde o observador que atua nesta realidade, a deve simplificar e auto-organizar tendo em conta as interações que ocorrem aos mais vários níveis. De acordo com as diretrizes deste paradigma, que emergiu depois do cartesianismo, nas ciências sociais não se pode apenas captar o mundo que está fora do investigador/observador que participa: “não se trata, portanto, de abandonar princípios da ciência clássica- ordem, separabilidade e lógica-, mas de

integrá-los num esquema que é, ao mesmo, largo e mais rico.” (Barros, 2002:174).

A interação entre os vários sistemas que constituem a realidade social pode, por vezes, despoletar o caos, todavia, o investigador/observador deverá partir desse caos para reorganizar os caminhos a seguir. Friedrich Nietzsche (1989) afirma que “é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela bailarina” e, comparando aos contextos sociais e comunitários, a investigação e intervenção deve passar pelo trabalho de reflexão e junção de todas as partes, após o caos, com dinâmicas organizadas para, no final, os resultados serem frutíferos, relevantes e criativos. A contradição não é sinal de erro, mas de questionamento para se perceber porque correu mal e depois transformar. É essencial o observador/investigador viver nessa realidade de forma auto-organizada, uma vez que não existe uma realidade separada da construção social. Segundo Edgar Morin, citado por José Barros (2002) o investigador/observador social “é um fragmento no interior desta sociedade, e a sociedade, enquanto totalidade, está no interior dele.”. A postura do observador/investigador deve ser comunicativa e acessível para com o público uma vez que, como indica Clara Costa Oliveira (2008) dificilmente confiamos em quem se fecha sobre si próprio. Porém, essa postura deve ser recíproca: “a confiança constitui, creio a base da relação humana.” (Oliveira, 2008:10), e é fundamental estar presente no contexto para a auto-organização, desenvolvimento e comunicação. É a este nível que é possível entender a importância e as vantagens da investigação qualitativa em projetos de educação não formal, como é o caso. Os métodos quantitativos utilizados para o estudo dos dados demográficos são importantes para a perceção de uma parte da realidade, mas não respondem a questões como: porque acontece este problema? Para que acontece este problema? É certo que a resposta não é linear e há múltiplos fatores associados, daí a importância de o investigador assumir uma postura de sujeito participativo e adotar os princípios da investigação qualitativa.

No meio rural as práticas estão tão enraizadas que a noção de complexidade é abstrata. O desafio a que este projeto se propôs passou, claramente, por considerar as diversas variáveis para desenvolver práticas transdisciplinares que levam a uma abordagem holística dos indivíduos. No fundo, foi demonstrar como as diferentes dimensões do ser humano podem ser consideradas para (re)fortalecer o estado poético

dos sujeitos. “Este estado pode sobrevir na relação com o outro, na relação comunitária, na relação imaginária ou estética.” Morin, 2001: 132] tendo em conta as interpretações e significados que os indivíduos atribuem e que fazem parte da sua história de vida.

Num contexto que envolva seres humanos é certo que um dia não é igual ao outro, a realidade não é fixa, e a postura do investigador/observador não pode ser neutra. Um investigador/observador que oriente as suas práticas, tendo por base o paradigma da complexidade, está implicado nos fenómenos e no contexto, bem como os fenómenos e o contexto estão envolvidos no investigador. A postura perante contextos comunitários, do investigador/observador, deve ser sempre acompanhada pela questão colocada por Humberto Maturana, “*Não pergunto mais: o que é isso, mas pergunto-me como faço para conhecer isso?*”: não importa, apenas, o que observamos das situações, é preciso vivê-las e arranjar ferramentas que nos ajudem a responder a “como é que nós vamos conhecer isso?”. De forma auto-organizada, temos de ser críticos e nunca esquecer que: “Cada um leva consigo a multiplicidade e inumeráveis potencialidades, ao mesmo tempo que permanece um indivíduo sujeito único.” (Morin, 2001, p. 92)

Assim sendo, e no que respeita a este projeto de educação de adultos e intervenção comunitária, a correlação deste paradigma com a metodologia de investigação-ação participativa fazem todo o sentido: estivemos presentes ativamente no contexto de estágio, tendo em conta todas as realidades e facetas que o constituem e, para além disso, assumimos os ruídos sempre com uma postura de renovação e valorização para a transformação.

3.2. Metodologia de investigação e intervenção: investigação-ação participativa

A metodologia utilizada no presente projeto de intervenção e investigação define os métodos, técnicas, as estratégias, os valores e limites que irão corroborar os objetivos a que este se propõe. No fundo é um esboço teórico que enriquece e contribui para a construção e realização das práticas. O investigador/observador tem o importante papel de estudar, transformar e aplicar o conhecimento que pesquisa e constrói para “[...] a produção de conhecimentos e o desenvolvimento de ações com uma utilidade direta para um grupo de pessoas [...]” (Oliveira, Pereira & Santiago, 2004,

p. 63)

Os processos implicados neste projeto têm por base uma das metodologias mais empregadas no âmbito da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária: a investigação-ação participativa. Esta metodologia de trabalho sugere um envolvimento participativo, de todas as partes, nos processos educativos e na conceção e gestão do projeto. O trabalho de investigação-ação, por parte do investigador/observador, é desenvolvido de maneira a garantir a motivação dos indivíduos para a participação efetiva e autónoma, nas práticas delineadas, valorizando e transformando o contexto. Para tal, a postura do investigador/observador tem de ser exigente, orientando as práticas para a cooperação de todas as partes e adequando todos os critérios adotados para a investigação e intervenção, correlacionando-os harmoniosamente, com as especificidades da realidade social em que irá desenvolver o seu trabalho.

A investigação-ação participativa, segundo Ander-Egg (1990), não é uma metodologia que só oferece espaços e ligações de construção: é uma metodologia que disponibiliza instrumentos para que a população alvo participe de maneira efetiva e autónoma, onde o investigador é o orientador do trabalho colaborativo desenvolvido. Por outras palavras e resumindo o impacto desta metodologia em projetos socioeducativos em contextos não formais, é que esta oferece espaço para o diálogo uma vez que há a “[...] transferência horizontal de conhecimentos entre ambas as partes.” (Oliveira *et al.*, 2004, p. 66), respeitando em todos os momentos a capacidade e o potencial de cada pessoa.

3.3. Métodos e técnicas de investigação e intervenção

Os métodos e técnicas de investigação e intervenção foram sendo intercalados, ao longo do projeto *Aprender a ser* com música e ciência, isto porquê? As mudanças que acontecem nas várias dimensões de qualquer contexto social devem ser respeitadas e consideradas relevantes uma vez que, o sucesso de projetos socioeducativos de intervenção e investigação social passam pelo trabalho coletivo, como confirma o paradigma da complexidade e a metodologia, acima descritos. Existem interações, retroações e imposições que estão sempre em movimento isto porque a realidade social

não resulta somente da soma inicial das partes, mas das constantes modificações a que está sujeita: daí a importância de investigar e intervir paralelamente ao longo de todo o projeto. Assim, adotam-se métodos e técnicas que democratizam a participação dos indivíduos para as práticas serem realmente credíveis.

Correlacionando os métodos e técnicas de investigação é possível compreender e ultrapassar o caos e entender como é importante “(...) ser capazes de conceber a pluralidade do uno.” (Morin, 1977, p.139).

Recorreu-se a métodos de recolha de informação para conhecer e investigar assiduamente o contexto de estágio. Ao longo do projeto foram utilizados vários métodos de investigação: o sociodemográfico, a triangulação e a investigação participativa foram os empregues através das seguintes técnicas de investigação:

- Entrevista semiestruturada;
- Inquérito por questionário sociodemográfico;
- Observação direta e participativa;
- Conversas Informais;
- Análise documental;
- Diário de Bordo.

Relativamente aos métodos e técnicas dirigidos para a intervenção, estes em conta uma intervenção integrada e sistematizada, rentabilizando os recursos da instituição. Teremos como base de intervenção a animação sociocultural tendo em conta que esta é fundamental para as pessoas institucionalizadas “encontrarem os utensílios e as estratégias essenciais para criarem espaços de participação e de cidadania, ou seja, de (re)construção da própria identidade.” (Lopes *et al*, 2015, p. 64]

a) **Métodos e Técnicas Didáticas não formais:**

- i. Tertúlias: reunião de um coletivo de pessoas que discutem em prol do mesmo objetivo. Esta técnica permite aos participantes desenvolver o seu espírito crítico, através de atividades lúdicas.
- ii. Trabalhos de grupo: método ou técnica que se baseia na aprendizagem cooperativa podendo ser desenvolvida sob diversas temáticas e áreas.

- iii. Workshops: partilha de informação e de ideias onde o público participa ativamente nos assuntos abordados, como consolidação de aprendizagens.
- iv. Exposição Oral: neste método ou técnica está implicado a seleção de assuntos ou ideias a desenvolver e relacionar com experiências do respetivo público. Este obedece a uma sequência estruturada de apresentação.
- v. Discussão Circular: método ou técnica particular de interação de um grupo, disposto em círculo, onde cada elemento tem 2 a 3 minutos para expressar a sua opinião acerca do tema em questão.

b) Métodos e Técnicas Artísticas e Lúdicas:

- i. Oficinas: através desta técnica ou método de intervenção criam-se espaços de construção coletiva onde se parte, inicialmente, de uma dinâmica, digamos que teórica, para familiarizar o público com a temática e, de seguida, colocam-se em prática.
- ii. Experiências científicas: têm como intuito demonstrar conceitos trabalhados. Recorre-se à ciência, como dinâmica demonstrativa e explicativa dos fenómenos, para ampliação do conhecimento do público.
- iii. Jogos lúdicos: técnica utilizada com intuito de divertir os participantes e os motivar para atingirem os objetivos do jogo.

3.4. Recursos mobilizados

As atividades de intervenção foram enriquecidas com recursos humanos, físicos e materiais, que complementaram as dinâmicas. No que respeita aos recursos humanos, contamos com a participação de vários elementos da equipa de trabalho do CSPT, nas diferentes propostas, junto do público-alvo. Tendo o Centro Social da Paróquia de Taíde uma estrutura física bem estruturada e organizada, com espaços agradáveis e completos permitiu que as suas instalações fossem o palco das várias intervenções, maioritariamente, intervenções essas que se suportaram de vários recursos materiais.

É de salientar que para a atividade “Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica” houve a necessidade de mobilizar recursos financeiros para suportar as

despesas de transporte e participação nos *ateliers* na Quinta Pedagógica.

Na tabela abaixo representada, encontram-se discriminados os recursos utilizados e mobilizados na concretização das atividades.

Tabela 1- Recursos Mobilizados nas Atividades de Intervenção

Tema	Atividades de intervenção	Recursos Humanos	Recursos Físicos	Recursos Materiais
A música	Ritmos, timbres e compassos	Estagiária; Técnica/ Animadora	CSPT: sala de atividades 1 e auditório	Guitarra, bombo, maracas, pandeireta, triângulo, bengalas e muletas; projetor, colunas e mesas,
	Construção “O nosso Bingo”	Estagiária; Técnica/ Animadora	CSPT: sala de atividades 1	Caixas de sapatos, marcadores, imagens de instrumentos, tesouras, impressora, papel A4, tinta, cola, canetas, papel de encadernar (várias cores);
	Jogo “O nosso Bingo”	Estagiária; Técnica/ Animadora e auxiliar	CSPT: sala de atividades 1 e auditório	Cartões do bingo musical, computador, televisão ou projetor multimédia e colunas.
A Música e a Natureza	Visita ao museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica	Estagiária; Técnica/ Animadoras e do CSPT e Gerontólogos do CSPA	Museu dos Cordofones, Exterior e salas das instalações da Quinta Pedagógica	Autocarro, lancheiras, canetas e blocos de notas
	Estações,	Estagiária;	CSPT: sala de	Fotocópias, cadeiras,

	poesia e música	Técnica/ Animadora	atividades 1	colunas, computador, cartões informativos, mecos, arcos, cordões, baralho de cartas, missangas e livros
A Música e o Corpo Humano	Sinestesia Musical	Estagiária; Técnica/ Animadora	CSPT: sala de atividades 1	Guitarra, colunas, computador e projetor multimédia ou televisão
	Ação de sensibilização “No mundo da música e a música no meu mundo”	Estagiária; Técnica/ Animadora; Psicóloga do CSPT	CSPT: sala de atividades 1	Projetor multimédia ou televisão, computador, cadeiras, colunas, copos de iogurte e fio norte
	Tertúlia Musical	Estagiária; Técnica/ Animadora; Equipa de enfermagem do CSPT	CSPT: sala de atividades 1 e gabinete de enfermagem	Computador, colunas, projetor multimédia ou televisão; medidor de tensão arterial, medidor de saturação, balança mecânica e marquesa hospitalar

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

3.5. Limitações do processo

No decorrer de todo o processo educativo nem todos os caminhos foram simples e alcançáveis. Várias foram as limitações que estiveram presentes na construção deste projeto e que, independentemente dos obstáculos, contribuíram para uma melhor adequação e sustentação das práticas e postura ao longo deste percurso.

Num primeiro momento deparámo-nos com uma realidade social complexa

onde encontramos um grupo heterogéneo em várias categorias: idade, perturbações clínicas, limitações, alguns utentes frequentavam o Centro de Dia do CSPT, enquanto outros residiam no Lar do CSPT, entre outras especificidades complexificaram a “escolha” de um público-alvo para este projeto. Para além disso, a grande fatia de utentes do CSPT fazia parte do Centro de Dia, condição que dificultou a participação assídua de todos os participantes no decorrer da fase de investigação e intervenção do projeto “Aprender a ser com música e ciência”.

Durante a planificação, o presente projeto teve a parceria do STOL. Contudo, com a incompatibilidade de horários para formação essa parceria foi anulada, já durante a fase de intervenção, o que limitou a concretização de uma das atividades e a modificação de outras. Essa limitação exigiu uma pesquisa científica mais aprofundada para a transformação desses conteúdos e práticas perceptíveis e de fácil compreensão.

O CSPT é uma estrutura social muito bem organizada e o seu núcleo de trabalho com o público tem as atividades planeadas anualmente, com todos os *timings* muito bem definidos. Esta particularidade, muito importante, acabou por se revelar uma limitação para a integração do projeto “Aprender a ser com música e ciência”. A incorporação das atividades deste projeto no plano de atividades do CSPT não foi fácil, havendo mudanças dos dias destinados às intervenções, decorrentes de situações pontuais e atrasos ou antecipações das atividades planificadas pelas técnicas do CSPT.

Capítulo IV: Apresentação e Discussão do processo de intervenção/investigação

4.1. Apresentação das atividades de estágio

O processo de intervenção será apresentado ao longo deste capítulo com a descrição detalhada de cada atividade realizada, as respectivas avaliações e, por fim, uma breve discussão.

As atividades de intervenção concretizadas foram de encontro aos resultados do diagnóstico de interesses e necessidades executado nas primeiras etapas deste projeto e às características gerais e específicas do público-alvo, com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos mesmos. Para além disso, todas as atividades propostas foram associadas ao plano de atividades do Centro Social da Paróquia de Taíde, havendo flexibilidade e colaboração de ambas as partes para se concretizar a finalidade e objetivos propostos, respeitando – em continuidade - os da instituição. Os dias comemorativos, como o Carnaval, Natal, Dia do Pai, Dia do Doente, Dia da Árvore, entre outros, já são celebrados com atividades lúdico-recreativas pelas técnicas da instituição.

A proposta de atividades desenvolveu-se em torno de um tema base: as vantagens da música para trabalhar, mais especificamente, um dos pilares da educação: aprender a ser- embora, para este ser bem conseguido, se devam relacionar com os restantes: aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a conviver (UNESCO, 2010).

Atividade 1: Ritmos, Timbres e Compassos

Tabela 2- Descrição da atividade: Ritmos, timbres e compassos

Projeto: <i>Aprender a ser com música e ciência</i>	
Atividade 1: Ritmos, timbres e compassos	Objetivo da atividade: Reforçar os ritmos de marcha e estimular a dicção, a oratória e a expressividade
Etapas: 1. Seleção de músicas preferidas dos utentes; 2. Divisão dos estilos de músicas em várias sessões;	

3. Introdução à estimulação corporal, através de alguns ritmos típicos do Minho (vira e malhão);
4. Conciliação dos movimentos com voz, entoando algumas das músicas de eleição selecionadas;
5. Posteriormente, na atividade “Estações, poesia e música” será aprofundada a dicção, oratória e expressividade, utilizando a voz e os gestos.

Datas: Início no mês de dezembro (dia 7 de dezembro a dia 4 de janeiro, mais aprofundado) e restantes meses de estágio com aplicação, pontual, como complemento a outras atividades.

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição detalhada da atividade:

Para esta atividade recorreu-se à música tradicional portuguesa para trabalhar os vários ritmos com o corpo e objetos de apoio à marcha. Numa primeira fase perguntou-se aos utentes, individualmente, quais eram as suas músicas de eleição. No diário de bordo foram sendo anotadas as suas respostas. Concluiu-se que eram as cantigas e ritmos do Minho que estavam no topo das preferências por isso, as sessões foram divididas entre: malhões e viras. A técnica acompanhou com a guitarra clássica, nas primeiras sessões da atividade, a marcação dos ritmos e os utentes:

- Com palmas - 1ª sessão o malhão (dia 7 de dezembro) e 2ª sessão o vira (dia 9 de dezembro);
- Com os pés- 3ª sessão o malhão (dia 14 de dezembro) e 4ª sessão o vira (dia 16 de dezembro);
- Com palmas e voz- 5ª sessão (dia 4 de janeiro)

Esta atividade foi aprofundada ao longo dos meses orientando também o público para a interpretação de letras musicais, de estilos de música e as suas diferenças. As dificuldades motoras de alguns utentes revelam a necessidade do uso de bengalas, andarilhos e cadeiras de rodas. No trabalho rítmico foram adaptados esses instrumentos à entoação musical.

Na atividade intitulada *Workshop* interativo “Estações, poesia e música”, numa das sessões foi realizado um jogo didático acerca das estações do ano, descrito abaixo

na apresentação da atividade 7.

Atividade 2: Ação de Sensibilização *No mundo da música e a música no meu mundo*

Tabela 3- Descrição da atividade: Ação de sensibilização “No mundo da música e a música no meu mundo”

Projeto: <i>Aprender a ser com música e ciência</i>	
Atividade 2: Ação de sensibilização “No mundo da música e a música no meu mundo”	Objetivo da atividade: Sensibilizar o público-alvo para a importância do som e da música para (re) valorização da sua identidade.
Etapas: <ol style="list-style-type: none">1. Explicação detalhada do projeto “<i>Aprender a ser com música e ciência</i>”;2. Introdução do tema “O que é o som?”;3. Experiência científica para demonstração da propagação do som;4. Tema “O som como meio de comunicação”;5. A música e a sua importância no desenvolvimento humano;6. Sessão de relaxamento, através da música.	
Datas: 13 de janeiro a 25 de janeiro	

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição detalhada da atividade:

A atividade consistiu na realização de uma ação de sensibilização que pretendeu demonstrar como o som tem um grande impacto na vida quotidiana de todos os seres vivos e como a música faz parte integrante de todas as etapas da vida dos seres humanos. A informação foi toda ordenada em *PowerPoint* (Apêndice VIII), principalmente com imagens e vídeos alusivos ao tema, para além de sons e música.

A sessão iniciou-se com a projeção de todas as etapas do projeto “*Aprender a ser com música e ciência*” de modo a contextualizar os assuntos, mais teóricos, que iriam ser abordados nessa mesma sessão de sensibilização. O tema do envelhecimento também foi abordado, salientando a importância de continuarem a ser ativos e autónomos em todas as esferas da sua vida. De seguida, introduziu-se o tema “O que é o som?” explicando que é o resultado da vibração de corpos que dão origem a ondas

sonoras que se propagam em meios líquidos, sólidos e gasosos. Toda essa explicação foi acompanhada com exemplos de situações do dia-a-dia onde os utentes participaram com várias partilhas (maioritariamente relacionados com as profissões e trabalhos que tiveram). Foi realizada também uma experiência científica para demonstrar como o som se propaga nos sólidos: com dois copos de iogurte e fio norte foi construído um telefone onde os copos ficaram nas duas extremidades do fio norte. Dois elementos do público voluntariaram-se para experimentar (um falava para o copo e o outro ouvia, e vice-versa). No final da sessão todos puderam testar, terminando assim o primeiro momento da ação de sensibilização.

Na segunda parte desta atividade prosseguiu-se para o tema “O som como meio de comunicação”. A sessão começou com algumas curiosidades acerca da aplicação do som: mais especificamente na medicina, na localização e, finalmente, na comunicação. O tema da aplicação do som como meio de comunicação mereceu maior atenção para assim enquadrar: ‘o som como meio de comunicação: na natureza; no corpo humano; na televisão; na rádio e na música’.

Relativamente ao tópico- ‘o som na natureza’- foram apresentadas as especificidades de comunicação de alguns animais. Quanto ao corpo humano foram apresentados significados de alguns sons e como o nosso corpo comunica connosco através desses barulhos. No assunto da televisão e da rádio foram exibidos alguns vídeos e sons de alguns locutores para identificarem e debaterem. O objetivo daquele pequeno debate direcionou-se para a evolução que ocorreu nos últimos 50 anos a nível comunicacional, nessas áreas. Por fim, tratou-se do tema- o som como meio de comunicação através da música- em cada continente, em alguns países e em Portugal. No final desta segunda sessão da ação de sensibilização, cantaram-se algumas músicas típicas portuguesas.

A terceira parte da atividade consistiu na apresentação dos benefícios da música para o desenvolvimento pessoal, concluindo com uma sessão de relaxamento, orientada pela Dr.^a Carla Simões (psicóloga do CSPT). A sessão de relaxamento inseriu-se de maneira a rentabilizar os recursos existentes e trabalhar em rede.

Todos os temas tratados pretenderam fortalecer a relação de comunicação entre

os utentes, a estagiária e as temáticas primordiais deste projeto: a música e a ciência. Os assuntos abordados, que poderiam parecer complexos, foram desconstruídos para uma linguagem e demonstração mais simples e de compreensão rápida.

Atividade 3: O nosso Bingo Musical

Tabela 4- Descrição da atividade: Oficina das artes: O nosso Bingo Musical

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 3: Oficina das artes: O nosso bingo musical	Objetivo da atividade: Estimular a criatividade; Recriar uma das atividades favoritas do público
Etapas: <ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação do esboço dos cartões ao público; 2. Recolha de materiais reutilizáveis para a construção dos cartões; 3. Formação grupos para as diversas tarefas e divisão dessas mesmas tarefas; 	
Datas: 1 de fevereiro a 3 de março (10 sessões)	

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição detalhada da atividade:

Na oficina das artes, intitulada “O nosso bingo musical”, construíram-se cartões e peças, semelhantes aos do bingo tradicional. A particularidade deste bingo é que as várias imagens correspondiam a instrumentos musicais ou sons rítmicos (batimento cardíaco, palmas, guitarra, bateria, entre outros).

Para esta atividade recorreram-se às anotações no diário de bordo de maneira a sistematizar a informação relativa ao jogo do bingo tradicional, pelo público jogado às sextas-feiras.

A técnica responsável pela sala de atividades pediu para orientar o jogo do bingo. Os utentes mostraram-se bastante entusiasmados e, pela primeira vez, reparei que participou a maioria. Como é um jogo que exige bastante atenção supus que não iriam querer jogar até ao fim mas isso não aconteceu, jogaram todos e mesmo quando o primeiro participante fez bingo os outros utentes continuaram entusiasmados até terminarem todos de preencherem os cartões. (Excertos Diário de Bordo de 28 de Outubro de 2016)

Formaram-se grupos de trabalho, dentro dos participantes presentes do público-alvo, que procuraram utilizar as habilidades de cada um nas diferentes tarefas: medição, desenho, colagem, pintura e recorte. Um dos grupos desenhou o molde do cartão e copiou-o nas várias caixas, até concluírem os 60 cartões. Enquanto isso, outro grupo mediu e assinalou os pontos para, na etapa seguinte, marcarem as divisões das imagens. Sendo um trabalho que exigiu maior atenção e precisão acabou por se prolongar em várias sessões. Assim que a maioria dos cartões estavam preparados, avançaram para a sua pintura a branco- assim ficaram todos iguais para desenhar as divisões. Selecionaram-se imagens de vários instrumentos musicais e sons rítmicos, em conjunto, e foram coladas nos cartões. Entre todos, com papel de encadernar (amarelo, vermelho e laranja) decoraram as capas dos cartões livremente, despertando assim o espírito criativo. No final, plastificaram-se os cartões para não se estragarem e, pontualmente, jogarem utilizando marcadores.

Atividade 4: Jogo d'O nosso Bingo Musical

Tabela 5- Descrição da atividade: Jogo do Nosso Bingo Musical

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 4: Jogo d' O nosso bingo musical	Objetivos da atividade: Estimular a memória e criatividade; Despertar para a convivência de grupo saudável
Etapas: 1. Seleção de sons e vídeos correspondentes às imagens dos cartões; 2. Distribuição dos cartões e as peças de marcar, pelos utentes; 3. Início do jogo;	
Datas de realização: 8 e 10 de março (2 sessões)	

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição detalhada da atividade:

O jogo d' "O nosso Bingo" surgiu no seguimento da oficina das artes, descrita anteriormente. A primeira vez que jogaram foi muito simples: ouviam o som e, segundos depois apresentou-se a imagem correspondente para preencherem os cartões. Na segunda sessão a estagiária expôs um *PowerPoint* (Apêndice IX) com desafios mais

elaborados. Alguns dos instrumentos musicais e ritmos mantiveram a apresentação da primeira sessão mas, para outros, foram exibidos vídeos onde os participantes estiveram atentos às indicações da estagiária para acertarem e, por último, reproduziram-se músicas com mais do que um instrumento. Nesta atividade foram estimuladas as dimensões cognitivas e sensoriais dos participantes.

Atividade 5: Tertúlia Musical

Tabela 6- Descrição da atividade: Tertúlia Musical

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 5: Tertúlia Musical	Objetivo da atividade: Apresentar tópicos acerca da História da Música; Mediar discussão onde o público-alvo recorde o passado e partilhe experiências
Etapas: 1. Exposição do tema; 2. Discussão entre os participantes sobre a temática; 3. Discussão entre os participantes, mediada pela técnica, para partilha de experiências e histórias de vida; 4. Na última tertúlia, no final, <i>quizz</i> acerca do tema e desafios.	
Datas: 15 de março a 29 de março e 7 de Abril (6 sessões)	

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição da atividade:

A Tertúlia Musical teve como principal intuito promover uma conversa mediada para a partilha de ideias sobre a presença da música nas várias fases da vida de cada um dos participantes, fazendo uma ponte com a história da música. Antes de se iniciar a tertúlia de cada sessão foram exibidos pela estagiária diapositivos relativos à história da música e como a música e os sons acompanharam e acompanham os seres humanos desde a pré-história até aos dias de hoje. Depois da exposição de cada tema, nas respetivas sessões, iniciava-se a tertúlia musical dialógica orientada pela estagiária. A mediação da discussão direcionava-se para a recordação de momentos da vida de cada

interveniente, a partir do tema descrito. A partir do momento que se deu início à tertúlia musical colocou-se música de fundo e a conversa foi acompanhada com chá e bolachas, distribuídas pela auxiliar da sala.

No dia Mundial da Saúde (7 de Abril), a instituição dedicou a manhã à realização de rastreios e para contextualizar a celebração dessa data, da parte da tarde foi preparada como temática da tertúlia musical a relação entre a medicina e a música (Apêndice X). O decorrer da atividade foi semelhante às sessões anteriores, tendo, no final, uma particularidade: a realização de um *quizz* interativo. Formaram-se equipas de dois elementos que tiveram de responder a questões sobre a medicina e a musicoterapia. A questão era colocada a um elemento que tinha de responder acertadamente para o outro concretizar um desafio e ganhar um prémio, e vice-versa. Os desafios preparados pretendiam trabalhar a motricidade fina, a audição, visão e concentração dos participantes (desapertar nós de cordões, separar missangas por cores, adivinhar qual é a música cantada pelo colega através do “telefone de copos”, acertar com arcos nos mecos, fazer mímica, entre muitos outros).

Atividade 6: Sinestesia Musical

Tabela 7- Descrição da atividade: Sinestesia Musical

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 6: Sinestesia Musical	Objetivo da atividade: Desconstruir provérbios, canções e imagens através dos sentidos; Demonstrar como o nosso cérebro reage aos diferentes sons através das sensações e emoções que nos transmitem, de modo a trabalhar simultaneamente os sentidos
Etapas: Exposição do tema “ As cores do som”; Discussão entre os participantes sobre a temática; Identificação e associação de figuras iguais com cores diferentes; Associação de notas musicais a cores; Exposição do cérebro e dos diferentes córtex.	

Datas: 12 de abril e a 14 de abril (2 sessões)

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição da atividade:

A atividade Sinestesia Musical iniciou-se com a exposição partilhada dos vários sentidos que diariamente nos acompanham. Após fazer esse *brainstorming* foram expostas algumas formas geométricas com diferentes disposições para questionar os participantes sobre a similaridade daquelas formas com figuras familiares do seu dia-a-dia (Apêndice XI). De seguida, as mesmas formas apresentadas tinham outra cor e as semelhanças anteriormente descritas já eram substituídas por outras figuras. Desta forma, demonstrou-se como a cor já muda a condição dos objetos e os transforma, dentro da perspetiva e olhar de cada um, visto que este tipo de sentidos e perceções depende também do imaginário e predisposição dos indivíduos para ir mais além do imediato. Na seguinte fase apresentou-se aos participantes uma paleta de cores e questionou-se os mesmos ‘Será que a música tem cor?’. Pediu-se aos presentes na sala o máximo de silêncio e com a guitarra, a estagiária entoou algumas notas musicais de fácil reconhecimento auditivo. Voluntariamente e ordenadamente os utentes iam atribuindo a cada nota a cor, que eles imaginavam, que essa nota tinha e completar a paleta exposta. Depois desse processo criativo bem-sucedido, com a assimilação de novos sentidos e a soma dos sentidos básicos (paladar, tato, audição, visão e olfato) foi apresentado aos utentes a função dos vários córtex do cérebro, com exemplos elucidativos, aos quais os participantes podiam comparar com as suas memórias e atividades diárias.

No fundo, esta atividade trabalhou para além da criatividade, atenção e concentração, a autoaprendizagem dos participantes para estes sentidos mais complexos e não tão perceptíveis quanto o paladar, tato, audição, visão e olfato.

Atividade 7: Estações, poesia e música

Tabela 8- Descrição da atividade: Estações, literatura e música

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 7: Estações, literatura e música	Objetivo da atividade: Estabelecer relações entre áreas distintas como música, literatura e ciência; Despertar a curiosidade para os conhecimentos científicos dos fenómenos da natureza
Etapas: 1. Exposição do tema 'Porque existem as estações do ano?'; 2. <i>Brainstorming</i> sobre 'Porque existem as estações do ano?'; 3. Explicação e exemplificação do tema 'Porque existem as estações do ano?'; 4. Jogos de primavera: adivinhas, mimica e rimas.	
Datas: 19 de abril, 21 de abril, 26 de abril e 28 de abril (4 sessões)	

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição da atividade:

A atividade *Estações, poesia e música* integrou-se no leque de atividades do tema **A música e a natureza** e pretendeu demonstrar ao público como as estações do ano não acontecem por acaso e como os movimentos da Terra, a nossa localização geográfica e o Sol influenciam para as mudanças de estação do ano e nas mudanças de estação do ano. Para expor o tema a estagiária colocou várias questões aleatórias não procurando respostas, mas para captar a atenção do público para o assunto em causa. De seguida, procedeu-se ao *brainstorming* onde a partilha de ideias e afirmações foram escritas no quadro para associar à explicação seguinte. Por exemplo, os participantes foram mencionando:

- *Os dias no Inverno são mais pequenos;*
- *Em África, nos sítios onde trabalhei, é tudo diferente nas estações do ano, em relação a Portugal;*
- *O calorzinho de Verão dá fruta boa;*

Quando o quadro estava mais ou menos completo, com as principais ideias partilhadas, procedeu-se à explicação científica à pergunta ‘Porque existem as estações do ano?’, suportada por um elemento multimédia (Apêndice XII). Para uma melhor compreensão construímos uma maquete humana, onde um participante era o Sol e outro a Terra. A estagiária orientava para os movimentos que tinham que fazer e para pararem para a explicação. Distribuiu-se, no final, cartões (Apêndice XIII) com imagem explicativa e guardarem para futuramente recordarem.

A atividade terminou com a realização de *Jogos de Primavera*. Os *Jogos de Primavera* eram compostos por desafio e questões relacionadas com a primavera, visto que foram realizados na entrada da estação. Uma das particularidades é que para além de sistematizarem conhecimentos acerca das estações do ano, principalmente da primavera, os utentes trabalharam a área cognitiva através da poesia, provérbios, adivinhas e música. O objetivo deste jogo foi responder às mais diversas perguntas e desafios sobre estações do ano: entregou-se ao público um saco com cartões de desafios e/ou questões. A estagiária dava indicação dos tempos rítmicos que teriam de executar com palmas e associa-los à passagem do saco de mãos em mãos. Quando a estagiária dizia ‘STOP’ o participante que tinha o saco na mão retirava um cartão e concretizava a questão e/ou desafio proposto. Após o jogador executar o pretendido promoveu-se uma troca de impressões, opiniões e partilha entre todos.

Atividade 8: Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica de Braga

Tabela 8- Descrição da atividade: Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica

Projeto: Aprender a ser com música e ciência	
Atividade 8: Visita ao Museu dos Cordofones e à Quinta Pedagógica	Objetivo da atividade: Promover o convívio e sociabilização saudável; conhecer particularidades da construção dos instrumentos da música tradicional portuguesa
Etapas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Explicação do itinerário e dos locais a visitar; 2. Visita guiada à Oficina dos cordofones e ao Museu dos Cordofones; 	

3. Almoço na Quinta Pedagógica de Braga;
4. Visita guiada à Quinta Pedagógica de Braga;
5. Participação no *atelier* da cozinha e no *atelier* das artes plásticas

Datas: 27 de maio (1 sessão)

Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

Descrição da atividade

A visita ao museu dos cordofones surge neste projeto com o intuito de reviver mais de perto a tradição musical de Portugal e à Quinta Pedagógica de Braga para o contato próximo com a natureza e métodos de cultivo semelhantes aos que praticavam.

Para esta visita participaram os utentes das respostas sociais de Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário e Estrutura Residencial para Idosos, do CSPT e ainda utentes das respostas sociais de Centro de Dia e Estrutura Residencial para Idosos do CSPA.

A visita iniciou-se com a visita à oficina onde são construídos os instrumentos musicais que acompanham grandes artistas portugueses. O artesão apresentou todas as ferramentas que utiliza para a construção dos instrumentos, que tipos de madeira utiliza e os principais passos até à finalização do processo. No final da apresentação o artesão abriu um painel para questões, dúvidas e curiosidades. De seguida visitou-se o Museu dos Cordofones, visita essa que foi acompanhada pelo Sr. Domingos Machado, diretor do Museu dos Cordofones, artesão e colecionador das peças expostas. A visita terminou com a demonstração do Sr. Domingos Machado a tocar no cavaquinho vários estilos musicais: fado, música tradicional do Minho, Valsas, entre outros.

Terminada a agradável visita ao Museu dos Cordofones, rumamos para o destino seguinte: a Quinta Pedagógica de Braga. Os colaboradores da Quinta Pedagógica disponibilizaram um dos espaços abrigados para a hora de almoço. No final do almoço, realizamos a visita aos espaços exteriores da Quinta Pedagógica, acompanhados por um colaborador do local. Os utentes puderam estar perto dos animais da quinta, dos cultivos e ainda provar alguns dos frutos das árvores, usufruindo e revivendo circunstâncias tão familiares e prazerosas. Depois da visita aos espaços exteriores

regressamos às instalações da Quinta Pedagógica para participar nos *ateliers* agendados: confeção de pão e sabonetes em forma de animais da quinta. Os participantes foram divididos em dois grupos para todos participarem verdadeiramente em ambos os *ateliers* e desfrutarem de novos conhecimentos e recordação de outros.

O regresso ao CSPT foi muito animado uma vez que trouxeram broas de milho e sabonetes para a equipa e utentes que não participaram na atividade.

4.2. Atividades extraplano das atividades de estágio

A passagem por uma instituição social para implementação de um projeto educativo não se circunscreve apenas a esse facto. Como já foi referido, o CSPT tem uma equipa organizada com planificações datadas e definidas, com compromissos sociais e comunitários que não podem ser descurados. Desta forma neste subcapítulo vamos encontrar atividades da instituição onde a mestranda colaborou para a concretização das mesmas e, ainda, uma atividade que desenvolveu para complementar um leque de atividades organizadas pela instituição.

4.2.1. Atividades organizadas e planeadas pela estagiária

Oficina da ciência “Feijões, feijinhos e feijocas. A poluição do solo e o seu impacto”

A Oficina da Ciência surge no projeto após uma reunião entre técnicas e a estagiária do ME-EAIC, acerca do planeamento semanal onde estavam presentes atividades relacionadas com o ambiente. Para complementar a temática com uma área diferente foi proposta uma dinâmica prática de sensibilização para a não poluição do solo, após a visita, agendada pela instituição, à BRAVAL.

A atividade “Feijões, feijinhos e feijocas. A poluição do solo e o seu impacto” teve, portanto, como objetivo sensibilizar o público para as questões da poluição e o impacto que esta tem no nosso planeta. Inicialmente foram projetados os materiais necessários e os procedimentos da experiência. O grupo de participantes na atividade foi dividido para cumprir várias tarefas iniciais: procurar terra, cortar garrafas de água, construir a tabela de registo experimental e separar o lixo orgânico do inorgânico (com as proteções devidas- luvas- para o manuseamento). Depois de tudo preparado formara-se quatro duplas para iniciar a experiência:

1. Na garrafa 1 colocou-se terra, 3 feijões, lixo orgânico e água
2. Na garrafa 2 colocou-se terra, 3 feijões lixo inorgânico e água
3. Na garrafa 3 colocou-se terra, 3 feijões, lixo orgânico e inorgânico

Os “vasos”, já devidamente marcados, foram colocados no jardim para os utentes acompanharem o desenvolvimento da plantação nas semanas e meses seguintes. No final, apresentou-se uma tabela dos anos de decomposição de cada elemento de lixo que foram colocados em alguns “vasos” e ainda a diferença que a água faz. As conclusões dos participantes foram de encontro aos resultados finais: a poluição do solo com lixo inorgânico e a seca podem afetar a sua produtividade durante anos. Para além dos participantes terem ficado bastante sensibilizados para o tema, acompanharam com muito entusiasmo e dedicação o crescimento dos feijões, cumprindo todas as indicações sobre os vasos que deviam regar ou não.

4.2.2. Atividades da Instituição com a colaboração da estagiária

Decorações, adereços e lembranças temáticas

A comemoração de dias temáticos e datas festivas é uma das apostas da instituição para trabalhar a psicomotricidade, cognição, integração social e comunitária, entre outros fatores, e manter os utentes ativos. O objetivo das atividades, que resultam em objetos de decoração, é aproveitar o potencial e habilidade de cada utente para construir peças únicas.

A primeira atividade em que a estagiária se integrou foi na produção de caixas para colocar castanhas para o magusto, recorrendo a materiais reciclados e tintas. Paralelamente a essa atividade outro grupo de utentes já trabalhava na construção de adereços de Natal. Através de moldes de várias formas, copiava-se para o papel EVA e costurava-se à mão com ponto e técnica de costura adaptada e simplificada. Depois de juntas as várias formas, com acabamentos em tecidos e outros pormenores, os adereços construídos eram sobretudo anjos, botas e bolas de natal, pinheiros, estrelas, entre outros.

Ainda para a época natalícia e venda a feira de Natal do CSPT (para angariação de fundos), foram enfeitados pequenos copos com purpurinas, neve artificial e fitas; construídas bases de velas com pinhas; pinheiros de natal em retalhos de madeira,

doados à instituição; pinheiro grande com retalhos de madeira que, posteriormente, foi decorado com fotografias de todos os utentes de Centro de Dia e Lar.

A decoração do espaço para a Festa de Natal do CSPT, no auditório das antigas instalações do ISAVE, em Fontarcada, também contou com o apoio da estagiária. O palco onde decorreram as *performances* foi decorado com panos vermelhos e pretos, estrelas prateadas em papel autocolante, o pinheiro do Centro de Dia e Lar e azevinho.

A estagiária ainda ajudou na preparação de lembranças e adereços:

- Dia da Mulher: flores de várias cores em papel EVA;
- Dia do Pai, lembranças oferecidas aos senhores: um saco de papel decorado com uma gravata para colocar um par de meias;
- Dia da Mãe, lembranças oferecidas às senhoras: com a utilização de tecidos doados à instituição, por fábricas, elaborou-se uma carteira/*necessaire*;
- Dia da Criança, lembranças para as crianças do infantário do CSPT: com cartolina, botões e um saco de plástico produziu-se um saco de gomas.
- Santos Populares: com tubos e papel de Seda para fazer arcos; papel de seda para fazer balões e manjericos; placa de madeira para identificar a instituição;
- Lembrança para o IX Arraial Minhoto: papel de seda, paus de madeira e cera para criar flores tipo tulipas.

Missa Pascal

A colaboração da estagiária nesta atividade implicou a participação em horário extra, compatível com o professor de música do CSPT, para ensaiar um conjunto de músicas religiosas para animação da missa pascal. A estagiária tocou guitarra, o professor de música piano, os utentes, as técnicas e auxiliares entoavam os cânticos. A preparação para a missa pascal decorreu em quatro ensaios onde, para além de se treinar os cânticos, os utentes que iriam participar nas leituras e ofertório, com orientações dos técnicos, praticavam também.

No dia da celebração da Missa Pascal, a estagiária auxiliou na decoração do auditório do CSPT e na preparação do local para receber o pároco e instalar confortavelmente todos os utentes para assistir à cerimónia.

III Arraial Minhoto- CMPVL

A Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, ao longo do ano, dinamiza diversas atividades temáticas com as IPSS's e centros de convívio do concelho, com intuito de combater o isolamento e estar mais próximos da população. O CSPT participa e aceita o convite das propostas como foi o caso do *III Arraial Minhoto*, promovido pela CMPVL.

O *III Arraial Minhoto* aconteceu no mês de junho para comemorar os Santos Populares e, como tal, os participantes tinham que ir vestidos a rigor. Com tecidos oferecidos por fábricas ao CSPT foram feitos trajes alusivos ao tema para homens e mulheres. É de referir que durante a preparação dos trajes a técnica responsável ausentou-se durante algumas semanas por problemas de saúde, ao qual a estagiária teve que seguir com o processo de medição e corte. Depois de concluída essa etapa, já com a técnica presente, deslocaram-se a uma fábrica têxtil para construir as peças: colete para senhores e senhoras e saia de roda para senhoras. A confeção na fábrica permitiu que os trajes ficassem mais perfeitos, uma vez que as máquinas têm muito mais qualidade e, para além disso, os proprietários, amigavelmente, ajudaram em todos os pormenores. As saias das senhoras contaram ainda com a particularidade de ter um arame na bainha para embelezar os movimentos na atuação.

Os participantes do CSPT no *III Arraial Minhoto* preparam uma atuação com uma música típica dos santos populares e danças com arcos e balões. A estagiária acompanhou os ensaios da música e da dança, apoiando a técnica inicialmente. Por problemas de saúde, como já referido anteriormente, a técnica da sala ausentou-se por umas semanas, e nessa fase a estagiária orientou os ensaios.

IX Arraial Minhoto- CSPT

No IX Arraial Minhoto promovido pelo CSPT para a angariação de fundos, os utentes que atuaram utilizaram os mesmos adereços e trajes do *III Arraial Minhoto*. Nesta atividade, a colaboração da estagiária debruçou-se na animação da festa. O CSPT recebe muita gente, desde familiares de utentes e colaboradores, a habitantes da freguesia e do concelho, para esta iniciativa solidária. Os convidados compraram um ingresso que incluía o jantar e animação. A colaboração da estagiária passou por convidar um grupo de música tradicional para atuar no dia do Arraial, proporcionando-se assim um clima mais familiar e tradicional.

4.3. Apresentação e discussão dos resultados obtidos

A avaliação de projetos socioeducativos é uma etapa fundamental para assegurar o sucesso das práticas de investigação e intervenção, através do acompanhamento em todas as fases do processo (diagnóstico, contínua e final). A planificação e execução do projeto *Aprender a ser* com música e ciência foi acompanhada por processos de reflexão, pesquisa, inovação e seleção de melhores opções para concretizar a finalidade a que este projeto se propôs.

A avaliação foi uma etapa natural do projeto, justificando assim o paradigma e o tipo de metodologia que estão na base do projeto. Através dos métodos mais diversificados de avaliação conseguimos verificar possíveis disfuncionalidades e perceber quais as dinâmicas que encaixavam melhor naquele contexto. A averiguação constante do contexto permitiu consolidar melhor as razões que justificaram a investigação, intervenção e o tipo de trabalho a desenvolver, compreendendo assim a avaliação como parte integrante de todo o processo.

A estratégia avaliativa utilizada iniciou-se com a avaliação de diagnóstico. Nesta etapa contemplamos a pesquisa bibliográfica do contexto e da realidade social onde iria decorrer o estágio profissionalizante no âmbito do ME-EAIC. O conhecimento sobre a instituição, quais os seus objetivos e impacto na comunidade, ajudou a entender melhor a sua estruturação e dinâmicas, o que permitiu uma melhor adaptação por parte da estagiária. Para além disso, foi essencial pesquisar e rever conteúdo bibliográfico sobre Educação de Adultos e Intervenção Comunitária integrado no enquadramento teórico (capítulo III). Aquando da integração e primeiro contacto com o contexto de estágio realizaram-se as primeiras conversas informais com os utentes e com a equipa do CSPT (auxiliares, equipa de enfermagem, técnicas e animadoras, direção e coordenação). Também decorreram reuniões com as técnicas e animadoras e, ainda, com a coordenadora (acompanhante de estágio). A avaliação a partir da observação do funcionamento da instituição, da equipa e dos utentes foi feita de forma participativa, isto é, colaborando nas atividades decorrentes, nos momentos das refeições, nas aulas de ginástica, nos cuidados de beleza, por exemplo, o que permitiu conhecer mais de perto e de forma crítica da realidade. Contudo, este processo foi sendo adaptado e

transformado conforme a integração nessa realidade, ao longo dos meses. O momento de avaliação retratado encontra-se detalhadamente explicado no diagnóstico de necessidades/interesses (ponto 1.3.) onde é possível constatar quais os instrumentos de avaliação de diagnóstico utilizados para além das conversas informais e observação direta e participativa. A aplicação de um inquérito por questionário sociodemográfico permitiu conhecer melhor os interesses e necessidades do público, num momento, e características pessoais, num outro momento. As características do público-alvo do projeto *Aprender a ser* com música e ciência também foram captadas através das reuniões (previamente preparadas com questões principais) com as técnicas e animadoras, bem como com a equipa de enfermagem.

Após os primeiros meses de adaptação e familiarização com o contexto foram desenhadas as atividades de intervenção, juntamente com o público-alvo e, tendo em conta, o conhecimento adquirido na fase de diagnóstico das necessidades e interesses dos mesmos. Através das reuniões com as técnicas e animadoras, a estagiária conheceu a planificação de atividades e, aquando da elaboração das atividades de intervenção, também mencionaram atividades já realizadas na instituição. Desta forma, as dicas captadas nessas reuniões, tornaram as atividades de intervenção inovadoras e ímpares. As atividades de intervenção foram planeadas considerando a finalidade e objetivos gerais e específicos traçados.

No que concerne às avaliações das atividades, a adaptação de instrumentos de avaliação às especificidades do público-alvo foi fundamental para recolher o *feedback* dos participantes de forma mais rigorosa e fiel. Utilizando instrumentos, de avaliação, complexos, correríamos o risco de não conseguir a opinião do público participante o que, conseqüentemente dificultaria o desenvolvimento e progressão do projeto. Assim, aplicou-se, ao longo das atividades, um instrumento de avaliação adaptado às especificidades do público participante: a avaliação semáforo. Esta avaliação era muito simples, no final da atividade a estagiária colocava duas a três questões, conforme a atividade, e os participantes preenchiam os cartões com as três cores do semáforo: verde (gostei muito); amarelo (gostei); vermelho (não gostei). Optou-se por aplicar este instrumento de avaliação simples porque no inquérito por questionário para diagnóstico de necessidades e interesses foi necessário acompanhar os utentes com habilitações

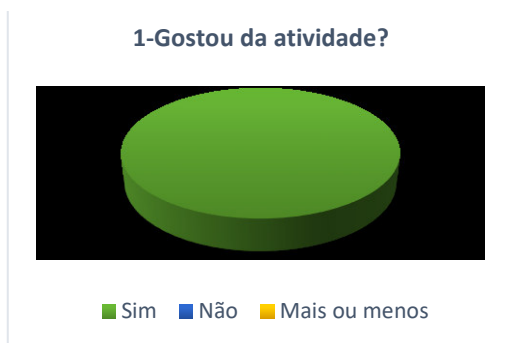
literárias reduzidas, o que influenciou, por vezes as respostas. A avaliação das atividades de intervenção também foi acompanhada com os registos de diário de bordo, instrumento fundamental para análise do percurso deste projeto. Posto isto, o processo de avaliação das atividades foi mais transparente e ajudou a melhorar as intervenções seguintes.

➤ **Ritmos, timbres e compassos**

A atividade “Ritmos, timbres e compassos” foi abordada de uma forma muito simples e muito bem aceite pelo público. As técnicas de animação utilizadas e a seleção musical escolhida foram de encontro às vontades iniciais do grupo e como foi a primeira atividade a ser implementada ajudou a quebrar o gelo. É realmente fundamental frisar a importância desta atividade para criar uma maior empatia e, então, quebrar o gelo. Ainda na fase de investigação e preparação do plano de atividades, o público em geral mostrou-se reticente quanto às propostas da estagiária. Essa situação foi ultrapassada: “abriu-se o jogo” com o grupo-alvo e promoveu-se, como deve ser em qualquer projeto socioeducativo, a participação ativa e crítica dos mesmos, em todas as ideias sugeridas. As posturas modificaram-se completamente quando esta atividade ‘Ritmos, timbres e compassos’ se iniciou visto que as expectativas foram superadas e as vontades e interesses demonstrados foram concretizadas.

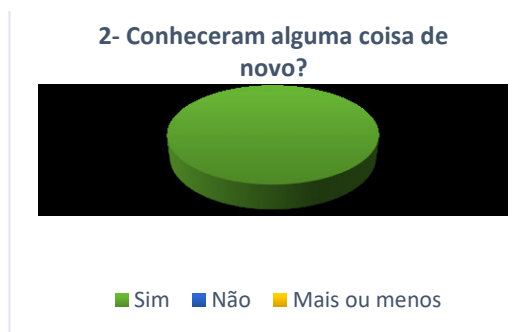
Voltando à avaliação da aplicação da atividade, esta foi acompanhada pelos registos no diário de bordo- o instrumento mais importante nesta intervenção- uma vez que foi uma atividade planeada para acompanhar o projeto de início ao fim. Esses registos permitiram avaliar e compreender o impacto positivo que a atividade teve, no que foi anteriormente descrito. Aplicamos um inquérito por questionário (Apêndice IV) na última sessão. É de valorizar a participação assídua do público, o que contribuiu para uma melhor intervenção e avaliação contínua. Quando questionados se gostaram da atividade e se conheceram alguma coisa de novo, as respostas foram consensuais: os treze participantes responderam que “Sim”.

Gráfico 8- Avaliação da atividade Ritmos, timbres e compassos



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

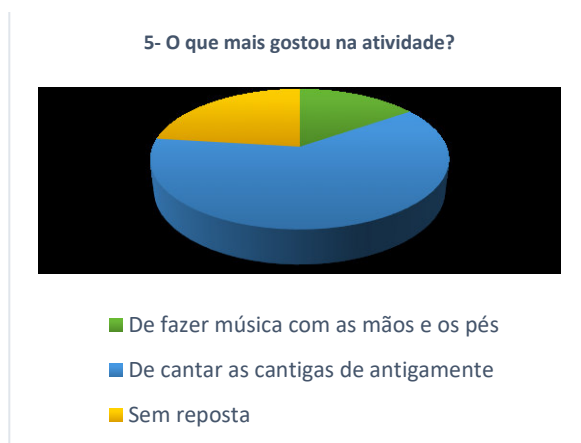
Gráfico9- Avaliação da atividade Ritmos, timbres e compassos



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

No entanto à pergunta “Acha que a sua capacidade rítmica melhorou?” oito participantes responderam que “Sim”, dois participantes responderam que “Não” e três participantes responderam “mais ou menos” (Apêndice V).

Gráfico 10- Avaliação da atividade Ritmos, timbres e compassos



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

O principal exercício, nesta fase, foi trabalhar os ritmos musicais com o corpo, contudo, ajudou a melhorar a forma como entoavam as canções e diziam as letras. No final, concluímos que os utentes melhoraram as suas capacidades rítmicas, de memorização e dicção uma vez que nas sessões finais encontramos um grupo organizado, exigente com a afinação e entoação das músicas e com entusiasmo para participar.

➤ **Ação de Sensibilização: No mundo da música e a música no meu mundo**

As dinâmicas promovidas na apresentação da ação de sensibilização e a organização de conteúdos foram itens considerados positivos pelo público. A participação ativa dos participantes no decorrer da ação, com a sua opinião e experiência, tornou as sessões desta ação de sensibilização muito mais enriquecedora.

O Sr. A. deu um exemplo sobre o seu trabalho: recordou que os maquinistas colocavam o ouvido no chão para saber se o comboio estava a chegar ou não, chegando à conclusão e ajudando os restantes elementos do público esclarecidos quanto à maior velocidade de propagação do som em meios sólidos. (Excerto do Diário de Bordo de 18 de janeiro de 2017)

Este facto é demonstrado nas respostas dadas pelo grupo (Anexo V). Consideraram os temas abordados interessantes; embora alguns não conhecessem as informações dadas sobre o som e outros soubessem mais ou menos, acharam importante falar sobre elas o que levou a reconhecerem a música como um aspeto importante na vida das pessoas. O momento de reflexão e relaxamento na última sessão foi recebido com energias muito positivas e como foi orientado pela psicóloga do CSPT, acrescentou uma força extra ao impacto pretendido pela ação de sensibilização.

Neste sentido o objetivo da atividade- Sensibilizar o público-alvo para a importância do som e da música para (re) valorização da sua identidade- foi concretizado.

➤ **Construção d'O nosso Bingo Musical**

Em anotações no Diário de Bordo foi possível concluir que o Bingo tradicional era uma das atividades preferidas do público, como foi apresentado no ponto 4.1.- Apresentação das atividades de intervenção. Surgiu então, em conjunto, a ideia da construção do Bingo Musical. Esta atividade foi do agrado de todos os participantes do público-alvo e segundo as suas opiniões, maioritariamente, ajudou a estimular a sua criatividade (Apêndice IV). Os inquiridos consideraram que a atividade terá alguma utilidade no futuro, referindo na questão de resposta aberta que gostaram de poder construir um jogo onde todos podem participar porque não é preciso conhecer os números (Apêndice V).

Esta atividade para além de estimular a criatividade do público permitiu o reconhecimento deles próprios nas funções que lhes pertenciam, valorizando as suas capacidades para a produção de um instrumento que pode ser utilizado por todos os utentes.

➤ **Jogo “O nosso Bingo Musical”**

O jogo do Bingo Musical, construído pelo grupo-alvo, revelou-se uma atividade muito completa porque os desafios necessitavam de concentração máxima por parte dos participantes. Os objetivos propostos para esta atividade eram a estimulação da memória e da criatividade e despertar para a convivência de grupo saudável. Para além desses objetivos terem sido concretizados, outras dimensões não perspetivadas foram igualmente alcançadas. Todos os participantes gostaram da atividade e consideraram que contribuiu para estimular a sua memória. Na questão de resposta aberta alguns frisaram que gostaram de ser capazes de reconhecer alguns instrumentos musicais e completar os desafios. A maioria dos participantes gostaram dos desafios que o jogo lhes colocou e têm interesse em continuar a jogar o Bingo Musical. Quando questionados sobre o que menos gostaram, alguns utentes referiram o facto da dificuldade que sentiram pelo facto da perda auditiva

Como foi referido anteriormente foram alcançadas outras dimensões para além das previstas como o trabalho dos sentidos e a concentração. Alguns utentes apresentavam dificuldades auditivas, contudo, concentraram-se e aguardaram até ao aparecimento da imagem correspondente para fazer uma melhor associação ao áudio. Esses pontos foram captados nos momentos do jogo, por observação direta e participativa da estagiária, onde a postura dos participantes foi irrepreensível.

➤ **Tertúlia Musical**

A partir da análise das respostas ao inquérito por questionário realizado verificou-se que o público gostou, no geral da tertúlia (Apêndice V). Para além de terem considerado a atividade bem organizada, sete utentes compreenderam o assunto que foi tratado e seis responderam que compreenderam mais ou menos apesar de todos terem achado importante conversar sobre a presença da música nas suas vidas e a

história da música. Alguns utentes revelaram ainda que gostaram da dinâmica do *quizz* e dos desafios e que foram umas tardes bem passadas.

As respostas ao *quizz* revelaram que os participantes estiveram atentos aos tópicos apresentados antes do momento da partilha. Com o fluir da conversa as partilhas também foram bastantes, relacionadas com o seu passado laboral, com memórias recentes com a presença da música e ainda mencionaram o facto de na ação de sensibilização ter sido utilizado música calma para relaxar comentando que assim, o momento de descontração resultou melhor.

➤ **Sinestesia Musical**

Esta atividade pretendia demonstrar como o nosso cérebro reage aos diferentes sons através das sensações e emoções que nos transmitem, de modo a trabalhar simultaneamente os sentidos. A exigência desta atividade foi um pouco mais elevada do que as restantes, contudo foi muito bem aceite, concretizada e entendida pelo grupo.

Na análise feita ao inquérito por questionário aplicado nesta atividade, concluímos que o público a avaliou de forma positiva. Acharam os conteúdos trabalhados na atividade interessante, bem como o facto de responderem que conheceram alguma coisa de novo.

O grupo revelou um grande interesse nas sessões, concentrando-se em todos os momentos, mas sobretudo na fase de colocar em prática a dinâmica de estimulação dos sentidos apenas através da entoação de notas musicais. As opiniões recolhidas no final da dinâmica foram interessantes uma vez que os participantes referiram: nunca pensaram associar uma cor a uma nota musical; agora percebiam porque há músicas que são mais tristes e outras mais alegres; afinal não é só importante o nosso coração trabalhar, é importante manter a mente ativa. Os resultados da atividade foram realmente impressionantes porque o público aderiu muito bem e ficaram sensibilizados para a importância de se manterem ativos e estimularem o cérebro.

➤ **Estações, literatura e música**

Esta atividade também foi apoiada por um suporte digital, como referido na sua descrição. Introduzir os conceitos em formato digital para serem projetados, para além de facilitar e guiar a apresentação, também captou a atenção do público e revelou a importância e as vantagens de utilizar essa maneira de transmitir informação.

No geral, o grupo de participantes gostou da atividade visto que envolvia questões relacionadas com a natureza: no diagnóstico de necessidades/interesses, essa temática foi das que apresentou maior interesse por parte dos inquiridos.

Para os participantes a foi importante perceber porque existem as estações do ano e a realização dos jogos foi positivamente respondido por todos. Quando questionados sobre o que menos gostaram na atividade alguns por participantes responderam que foi a falta de tempo para fazer os jogos, contudo gostaram muito de responder e decifrar os provérbios nos desafios e mencionaram que gostaram muito de aprender porque existem as estações do ano.

Os objetivos desta atividade foram cumpridos, embora uma intervenção mais aprofundada teria sido passível de realização devido à grande motivação dos utentes para o tema.

➤ **Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica de Braga**

Relativamente à avaliação desta atividade constatou-se que o grupo de participantes (10 utentes) deste projeto apreciou positivamente a generalidade da visita.

Aplicou-se um inquérito por questionário para avaliação e conhecer a opinião do público-alvo para esta atividade (Apêndice IV). Dividiu-se o questionário em três partes para conhecer o impacto de cada local da visita e, a terceira parte, a opinião geral dos participantes.

Quando questionados se acharam interessantes os assuntos que foram abordados e explicados pelo Sr. Domingos Machado, proprietário do Museu dos Cordofones, as

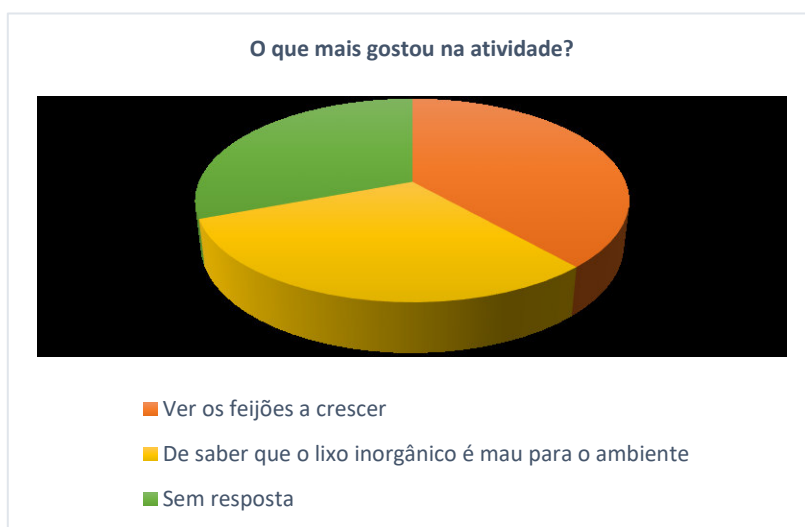
respostas foram positivas. No decorrer da visita, os participantes demonstraram uma postura de interesse e concentração. Apreciaram bastante as particularidades do museu, as fotografias expostas e os instrumentos invulgares que o proprietário e artesão fabricou para o estrangeiro. Para além disso consideraram que a música é muito importante para a nossa tradição. Um pequeno número do grupo de participantes conhecia afirmou conhecer o método de fazer instrumentos musicais de cordas, mas a maior parte respondeu que não conhecia.

Na segunda parte do inquérito estavam contempladas as questões para avaliação da visita à quinta pedagógica. A apreciação foi positiva por parte de todos e consideraram o espaço agradável. Na última pergunta desta segunda parte “Aprender alguma coisa de novo nos *ateliers*?” as respostas foram todas “Mais ou menos”. Nas perguntas de resposta aberta os utentes mencionaram que o que menos gostaram na visita foi da chuva. Realmente as condições meteorológicas não foram as mais agradáveis, dificultando o acesso aos espaços. Os aspetos apreciados como positivos foram os de assistir ao senhor a tocar fado, no cavaquinho, outros foi saber como se faz instrumentos de cordas e conhecer locais novos.

Os objetivos propostos para a realização desta visita foram cumpridos e a satisfação de todos os participantes, para além do público-alvo deste projeto, foi bastante.

A avaliação da atividade extraplano de estágio planeadas e organizadas pela estagiária foi aplicada tal como as outras. No decorrer da dinâmica o público apresentou uma grande vontade de participar visto que semear feijões era uma das praticas casual no seu dia-a-dia. Os participantes consideraram que a atividade foi interessante e estava bem organizada. Nas questões de resposta aberta o público demonstrou o interesse pela atividade e atenção sobre o assunto tratado, como está demonstrado no gráfico seguinte:

Gráfico 11- Avaliação da atividade extraplano de estágio planeadas e organizadas pela estagiária

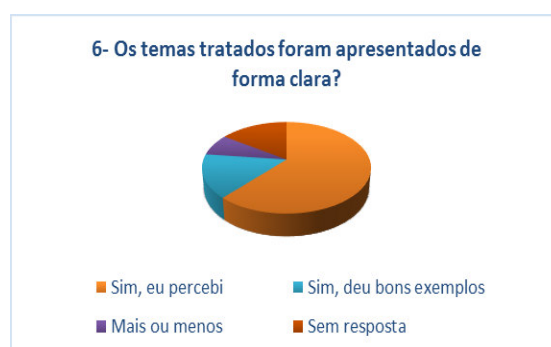


Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-

A avaliação deste projeto de intervenção/investigação foi contínua onde para além dos momentos de avaliação inicial e ao longo das atividades, no final aplicou-se um inquérito por questionário para fazer um balanço geral do impacto do estágio académico. Foi possível concluir que os utentes gostaram das atividades desenvolvidas e que estas, segundo a sua opinião, contribuíram para o seu bem-estar (Apêndice VII).

A flexibilidade apresentada por parte da estagiária a nível de linguagem e termos utilizados no decorrer do processo foram revelados nas respostas dadas à pergunta 'Os temas tratados foram apresentados de forma clara?':

Gráfico 12- Avaliação final da intervenção



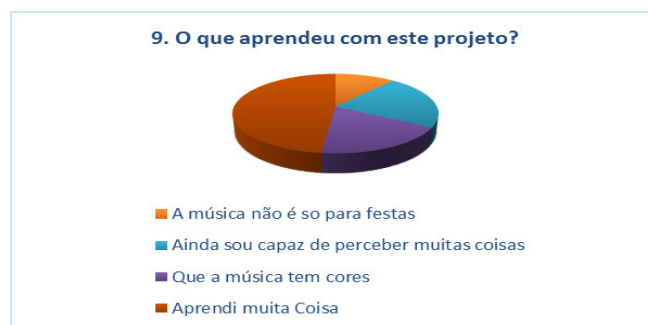
Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-

A intervenção foi muito bem aceite pelos participantes, no entanto houveram pontos que realçaram como sendo os que gostaram mais, como: jogar o Bingo Musical,

de trabalhar os provérbios e as estações do ano, de conhecer melhor os constituintes do som e de cantar e tocar nos mais diversos momentos.

Apesar de serem os pontos que gostaram mais, indicam outras dimensões quanto ao que aprenderam com a implementação deste projeto, representadas no gráfico 12:

Gráfico 13- Avaliação final da intervenção



Fonte: Dados recolhidos durante a investigação-ação

O grupo de participantes reconheceu o trabalho da estagiária como muito bom e a sua postura também foi avaliada de forma positiva: ‘Excelente trabalhadora, boa ouvinte, muito educada e simpática, divertida, sempre pronta a ajudar e profissional’. (Apêndice VII)

Dentro desta linha, a procura de práticas positivas e adaptação real ao contexto construída com base no respeito e diálogo, permitiram alcançar e disponibilizar um conjunto de aprendizagens na construção deste projeto de intervenção socioeducativa. A escolha da música para impulsionar as práticas e motivar o público para a participação nelas, foi a mais adotada uma vez que se conjugaram num só projeto a “[...] sua própria essência, e beleza, ordem, regularidade, coesão, equilíbrio, proporção” (Leinig, 1977: 18).

Sintetizando, a finalidade a que este projeto se propôs foi concretizada simultaneamente à sustentação do seu bem-estar e qualidade de vida enquanto elementos ativos da sua comunidade. Fortaleceu-se a autoestima dos participantes e promoveu-se o seu desenvolvimento sustentável através do “[...] fortalecimento do ego, à comunicação e ao contacto numa forma activa” (Backer & Camp, 1998, p. 9).

Capítulo V: Considerações Finais

Neste capítulo será feita a análise crítica dos resultados e as suas implicações no contexto de estágio. Para terminar, evidenciaremos o impacto que o estágio acadêmico teve a nível pessoal, institucional e ao nível do conhecimento da área de especialização.

5.1. Análise crítica dos resultados e implicações dos mesmos

A educação ao longo da vida (Ribeiro Dias, 2009) é um processo que vivemos a cada instante, já que vivemos em comunidade. Contudo, fatores como a “ [...] migração, turismo, as tecnologias de informação e comunicação [...] ” (Ribeiro Dias, 2009, p. 20) afastam uma porção da população da vida comunitária, onde conseqüentemente, a outra parte da população, que não tem acesso direto aos fatores descritos, fica isolada e estagnada na realidade que conhece.

Tendo em conta as tendências descritas no parágrafo anterior, a presença de instituições sociais e comunitárias são, nos dias de hoje, a salvaguarda para o combate ao isolamento e exclusão social. Os projetos desenvolvidos nas instituições sociais e comunitárias devem manter a população ativa e socialmente integrada. Tomando como exemplo instituição onde decorreu o estágio acadêmico e o projeto implementado *Aprender a ser* com música e ciência, este orientou-se pela promoção do desenvolvimento sustentável da educação de adultos e intervenção comunitária e as dinâmicas promovidas contribuíram para o empoderamento individual e coletivo, do público heterogêneo que lá encontramos.

Para a concretização de projetos de intervenção comunitária, com sucesso e que promovam o desenvolvimento e a mudança, é fundamental a participação e ter em conta os fatores endógenos: atuar com o que é originário, e integra o contexto em causa, e com a participação ativa dos atores em todos os processos. Os processos educativos foram desafiantes uma vez que estivemos perante práticas familiares para o público, mas, no entanto, significativas e peculiares visto que incorporavam uma nova dimensão: a ciência.

Desta maneira, as propostas e intervenções exigiam realmente a colocação dos “[...] conceitos em linguagem plástica. Existe um princípio sagrado: o povo não tem que entender o que eu digo, o povo tem que “ver” o que digo.” (Lima *et al.*, 2004:215). Desta forma, temas relacionados com a música ligados à ciência foram percebidos e

entendidos pelo público-alvo. Os momentos reservados para atividades realizadas revelaram-se, ao longo do processo, uma manifestação importante para a partilha de saberes entre o público e a estagiária, produzindo-se conhecimento de forma recíproca. A estagiária apresentava a “teoria”, adaptando as temáticas ao contexto, e o público revia-as em exemplos práticos vividos por eles ao longo da sua vida pessoal, comunitária e laboral.

Através da análise destes processos e nos resultados obtidos, concluímos que deveria ser considerado exponencial a importância de técnicos habilitados e aptos para lidar com todas as realidades educativas, tanto nas necessidades mais específicas dos adultos, bem como nas intervenções a nível comunitário. Adaptar métodos de animação sociocultural para apoiar as intervenções foi fundamental para o sucesso das práticas. A animação sociocultural incorpora suportes e estratégias extraordinárias que contribuem para o melhoramento da qualidade de vida dos adultos da terceira idade ou com necessidades especiais.

O mundo precisa cada vez mais de uma educação libertadora e autossustentável. É primordial promover iniciativas que vão mais além da mera ocupação de tempos livres, transformando atividades “banais” (que até poderiam ser apenas utilizadas para ocupar o tempo) em intervenções sociais que desenvolvam a comunicação, sociabilização, autonomia e participação das pessoas ou seja, difundir a educação ao longo da vida.

A população precisa de objetivos e um sentido de vida que as façam felizes, precisa de sonhos e prazeres que devem ser concretizados, independentemente, da sua condição. Com imaginação, criatividade e entrega aos projetos propostos, todas as dificuldades são superadas e consideradas uma nova aprendizagem para nos desenvolver: a contradição não é sinal de erro, mas sim de transformação.

5.2. Evidência do impacto do estágio a nível pessoal, nível institucional e nível de conhecimento na área de especialização

Neste momento de reflexão geral sobre a experiência vivida, importa mencionar e evidenciar o impacto que o estágio académico teve a nível pessoal, institucional e a nível de conhecimento na área de especialização.

A integração na esfera laboral é uma etapa complexa, mas enriquecedora a nível individual. A possibilidade de estabelecer um contacto prévio e direto no domínio que, futuramente, será o setor de trabalho da estagiária, é uma mais-valia para enriquecer o seu conhecimento e estabilizar as aprendizagens realizadas ao longo do seu percurso académico. Conviver de perto com a realidade que outrora era uma utopia aplicada a processos de aprendizagem foi sem dúvida enriquecedor para a estagiária em Educação, visto que contribuiu para o seu crescimento individual e, enquanto profissional na área.

O papel da estagiária, o seu espírito de entrega e a capacidade de adaptação permitiram criar laços notórios com o público e a equipa do CSPT. Estas dimensões potenciaram conversas e partilhas que trouxeram novos desafios e ensinamentos para a perspetiva crítica em relação aos contextos educativos.

O impacto deste estágio a nível institucional também foi notório com a introdução de novos conceitos e ideias para as práticas já desenvolvidas noutros âmbitos, na instituição. O projeto desenvolvido complementou as dimensões já trabalhadas pelas técnicas da instituição, introduzindo novas experiências e ideias para iniciativas futuras, tanto relacionadas com a música como com a ciência. As intervenções com música sempre estiveram presentes no CSPT e a vontade do público em trabalhar essa área (elegendo-a como preferida no diagnóstico de necessidades/interesses) foi constante. Para não generalizar este projeto às práticas já promovidas, incluiu-se a ciência no trabalho com a música. A parceria destas duas áreas revelou-se revolucionária e ousada para a instituição e para o público, embora estes se mostrassem reticentes no início com a apresentação das atividades construídas.

Por fim, no que diz respeito ao nível de conhecimento na área de especialização esta teve um grande impacto no estágio, e vice-versa. Num primeiro momento deve-se destacar a importância que os conhecimentos adquiridos ao longo da especialização do ME-EAIC tiveram na construção do projeto socioeducativo de intervenção/investigação aqui tratado. As aplicações desses conhecimentos permitiram à estagiária adotar estratégias de investigação/intervenção onde o público participasse na construção dos processos e fosse parte integrante dos mesmos. O estudo feito ao longo do mestrado (de contextos em EAIC, a história e as suas políticas educativas, entre outras áreas) apoiou e guiou fortemente todos os caminhos deste projeto, evidenciando o seu impacto no seu desenvolvimento.

Contudo, a realidade contempla imprevistos e particularidades que não estão escritas nos livros. Um profissional em educação deve refletir constantemente no seu trabalho, questionando a relação das práticas com a teoria e a relação da teoria com as práticas, de maneira a tornar fidedigna a sua intervenção e experiência. Posto isto, destaca-se, neste segundo momento, a importância que as práticas tiveram na consolidação de bases teóricas e a reflexão crítica sobre determinadas temáticas.

Exemplificando, foi possível rever no terreno e operacionalizar os métodos e técnicas de animação estudados nas unidades curriculares ou promovidos pela realização de trabalhos de grupo sobre temáticas que tratassem a educação de adultos ou o envelhecimento ativo. No entanto, ao chegar ao campo de ação, deparamo-nos com a presença de um público heterogéneo onde, para além de pessoas idosas encontramos casos de utentes com necessidades especiais, com distúrbios afetivos, doenças mentais crónicas e doenças degenerativas. A dificuldade acresce devido ao facto de ao longo do percurso académico não serem tratadas nem estudadas estas dimensões ligadas à saúde, sendo necessário ampliar o conhecimento para além daquele adquirido na área de especialização. As instituições comunitárias e sociais cada vez mais acolhem população com estes detalhes patológicos e é fundamental abranger as práticas a este público com, que para além deste tipo de intervenção, devem ser acompanhados por profissionais de saúde.

Para terminar, o projeto *Aprender a ser* com música e ciência foi realmente muito enriquecedor a todos os níveis. O balanço feito ao estágio em contexto profissionalizante é muito positivo, destacando assim a importância da educação ao longo da vida para a EAIC, com a presença de profissionais sensíveis a uma abordagem pluridisciplinar e integradora.

Bibliografia referenciada

- AMADO, João (2014). Manual de Investigação qualitativa em educação. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra;
- ANDER-EGG, E. (1987). La práctica de la animación sociocultural. Buenos Aires: ICSA/HVMANITAS. (pp. 17-33)
- ANDER-EGG, E. (1990). Repensando la investigación-acción participativa. México: Editorial El Ateneo. (pp. 29-39; 81-86);
- ANDER-EGG, E. (1997) Metodologia y práctica de la animación sociocultural. Buenos Aires: Leumen/Humanitas;
- ANTUNES, M.C. (2001). Teoria e prática pedagógica. Lisboa: Instituto Piaget (pp.31-79);
- BACKER, J., & CAMP, J. (1998). Musicoterapia em Psiquiatria. (pp. 159-160).
- BARBOSA, F. & PINO-JUSTE, M. (2011). A estética como factor promotor da aprendizagem. Universidade de Salamanca. (pp. 91-109)
- BARBOSA, Manuel (2008). Do sonho ao pesadelo: a pedagogia da autonomia sob suspeita. Brasília: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, vol.89, nº223, p. 455-466;
- BARBOSA, Manuel (2012). Sob o signo da luz e das sombras: o imaginário da autonomia em educação. Universidade de Brasília: Linhas Críticas, vol. 18, nº 36, pp. 249-264.;
- BENTO, Avelino (2015). As Artes e a Animação Sociocultural pontes entre a Educação Intergeracional e o Envelhecimento Ativo. In LOPES,

Marcelino de Sousa; PEREIRA, José D. L.; RODRIGUES, Tânia M. Moreira (2015). Animação Sociocultural, Gerontologia, Educação Intergeracional- Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo. Chaves: Intervenção- Associação para a promoção e divulgação cultural. (pp. 167-171);

Bogdan, Robert C. (2010). Investigação qualitativa em educação : uma introdução à teoria e aos métodos. Porto : Porto Editora;

CANÁRIO, R. (1999). Educação de adultos. Um campo e uma problemática. Lisboa: Educa (pp. 11-22);

CUNHA, E. C. (2015). Vive mais a terceira idade: uma iniciativa de educação ao longo da vida (Master's thesis, Universidade do Minho). Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/45285>

CUNHA, Maria José Santos (2009). Investigação Científica. Os passos da pesquisa científica no âmbito das ciências sociais e humanas. Chaves: Ousadias;

CUNHA, Vítor José Andrade Lopes (2010) A aprendizagem ao longo da vida como processo contínuo e global : a emergência da educação e formação de adultos. Dissertação mestrado, Sociologia (área de especialização em Desenvolvimento e Políticas Sociais), Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal;

Deshaies, Bruno (1997). Metodologia da investigação em ciências humanas. Lisboa: Instituto Piaget, D.L.;

DIGHE, Anita (1993). "Women's Literacy and Empowerment: The Nellore Experience" in. "Women, Education and Empowerment: Pathways Towards Autonomy", Hamburgo, Germany: UNESCO Institute for

Education, pp. 39-46;

FERNANDES, Domingos (2011). Avaliação de programas e projetos educacionais: Das questões teóricas às questões das práticas. Universidade de Leiria: Editora Melo. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10451/5663>;

FONSECA, António (2010) Promoção do desenvolvimento psicológico no envelhecimento, Revista Contextos Clínicos, V.3, n.º 2, pp.124-131, São Leopoldo, Editora UNISINOS.

FONTAINE, Roger (2000) Psicologia do envelhecimento. Lisboa: Editora Climepsi.

GAGO, José Mariano (2016). O espírito científico da educação permanente. Intergeracionalidade e Educação ao Longo da Vida nº5, pp. 143.160. Consultado em Novembro 14, 2016, em <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/115>;

GUERRA, Isabel (2002). Fundamentos e Processos de uma Sociologia da Acção. O Planeamento em Ciências Sociais. Cascais: Principia;

GUERRA, Isabel (2006). Participação e Acção coletiva. Interesses, Conflitos e Consensos. Lisboa: Principia Editora, Lda.;

GOMES, A. M. (2011). Acordes Saudáveis. Musicoterapia e educação para a saúde (Master's thesis, Universidade do Minho). Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17756>

LEINIG, Clotilde Espinola (1977). Tratado de Musicoterapia. Sao Paulo: Sobral Editora.

- LIMA, Licínio C. & GUIMARÃES, Paula (2011). The analysis of adult learning and education policies. In European Strategies in Lifelong Learning. A Critical Introduction. Leverkusen Opladen: Barbara Budrich Publishers (cap. 3, pp. 39-41, 65-66);
- LOURENÇO FILHO, Armando & MENDONÇA, Samuel (2014). A autonomia do educando na pedagogia de Dewey. São Paulo, Brasil: Eccos Revista Científica, nº 33, pp- 187-203.
- LOPES, Macelino de Sousa (2008). Animação Sociocultural na terceira idade. (2ª Edição). Chaves: Editora Intervenção;
- MARCHIONI, M. (2001). Comunidad, participación y desarrollo. Madrid: Editorial Popular.
- MORIN, Edgar (1977). O método. Mem Martins : Publicações Europa-América;
- MORIN, Edgar (2001). Introdução ao pensamento complexo. 3ª ed . Lisboa: Instituto Piaget,;
- NUNES VIVEIROS, Albino Luís (2008). O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios. Retrieved from <http://quadernsanimacio.net>;
- OLIVEIRA, Clara Costa & GOMES, Ana (2014). Breve História da Musicoterapia, suas conceptualizações e práticas. In Carvalho, Maria João de (Coord.). XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação: As Ciências da Educação: Espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar (pp. 754-764). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação;

- ONU (2003). Plano de ação internacional contra o envelhecimento, Organização das Nações Unidas. Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos;
- PAIXÃO, C. I. (2012). Animação e Terapias na Terceira Idade. Relação com a Multifuncionalidade (Master's thesis, Universidade da Madeira). Retrieved from <http://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1061?locale=en>
- QUIVY, R., & CAMPENHOUDT, L. (1995). Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- RIBEIRO-DIAS, José (2009). O caminho da nova humanidade: das coisas às pessoas e aos valores. Porto: Papiro Editora
- RIBEIRO, O. & Paúl, C. (coord.) (2011). Manual de envelhecimento ativo. Porto: Lidel
- SOUSA, Jenny Gil (Eds) (2015). A intervenção na velhice: novas configurações de cidadania, novas exigências socioculturais. In LOPES, Marcelino de Sousa; PEREIRA, José D. L.; RORIGUES, Tânia M. Moreira (2015). Animação Sociocultural, Gerontologia, Educação Intergeracional- Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo. Chaves: Intervenção- Associação para a promoção e divulgação cultural. (pp. 59-67);
- TUCKMAN, Bruce W. (2002). Manual de investigação em educação : como conceber e realizar o processo de investigação em educação. 2ª ed . Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian;
- UCAR, X. (1992). La animación sociocultural. Barcelona: Pedagogia Social

UNESCO, (1976). Recomendación relativa ao desarrollo de la educación de adultos. Nairobi;

VIEGAS, S. & GOMES, C. (2007). A Identidade na Velhice. Porto: Ambar;

WHO- World Health Organization (2011). Diminuindo Diferenças: A prática das políticas sobre determinantes sociais e de saúde.

ZIMERMAN, G. (2000). Velhice: Aspectos Biopsicossociais. São Paulo: Porto Alegre.

Anexos

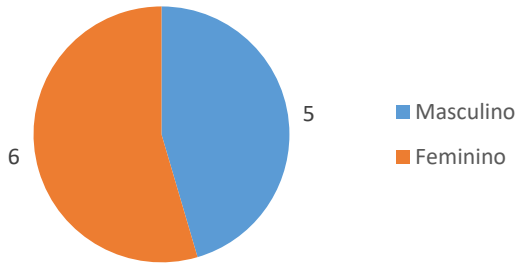
Anexo I- Declaração da Instituição



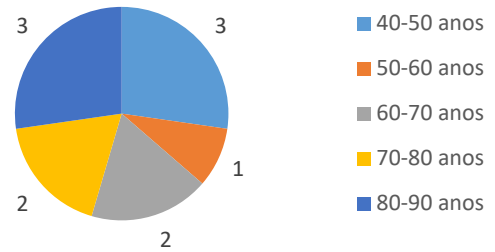
Apêndices

Apêndice I- Gráficos da caracterização da população-alvo

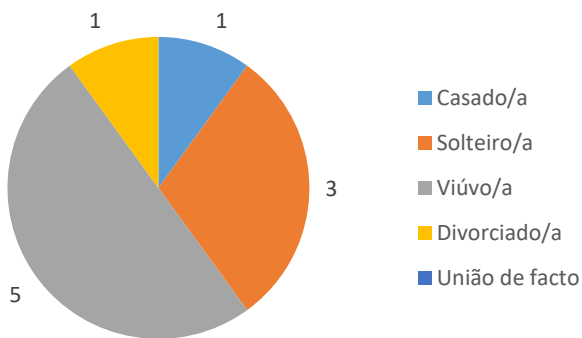
1. Sexo:



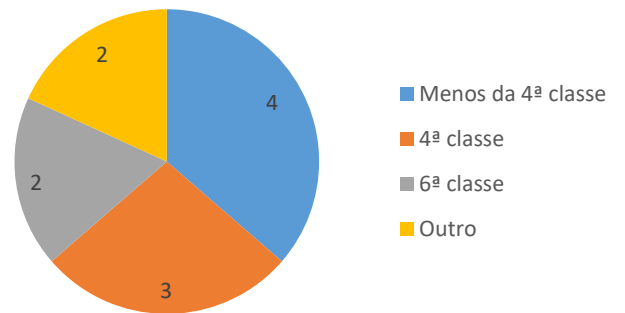
2. Qual a sua idade?



3. Estado civil:



4. Quais as suas habilitações literárias



Apêndice II- Inquérito por questionário de levantamento de diagnóstico de necessidades/interesses, aos utentes do CSPT

Questionário para diagnóstico de necessidades e interesses

No presente documento é apresentado um inquérito por questionário destinado ao levantamento de necessidades e interesses de um grupo de utentes da 3ª idade no Centro de Dia do Cento Social da Paróquia de Taíde.

Este inquérito por questionário está integrado na criação de um plano de atividades que será construído consigo. Este é um dos primeiros passos, por isso, pedimos sinceridade nas suas respostas.

O fim deste inquérito por questionário é unicamente académico e para além da recolha de dados, o seu tratamento é confidencial e anónimo, uma vez que é realizado no âmbito do Mestrado em Educação- área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.

1. Sexo

- Feminino
- Masculino

2. Qual a sua idade?

A sua resposta

3. Estado civil

- Casado/a
- Solteiro/a
- Viúvo/a
- Divorciado/a
- União de facto

4. Quais as suas habilitações literárias?

- Menos da 4ª classe
- 4ª classe
- 6ª classe
- Outra: _____

5. Responda às seguintes questões

	Sim	Não	Mais ou menos
Sabe ler?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sabe escrever?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sabe contar?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Gostava de saber coisas novas?

- Sim
- Não

6.1. Se sim, o quê?

A sua resposta _____

6.2. Se não, porquê?

A sua resposta _____

7. Como ocupa os seus tempos livres quando não está no Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde?

Assinale com -X- as que correspondem à sua resposta

- Ler
- Ver televisão
- Ouvir rádio
- Agricultura
- Estar no café
- Tarefas domésticas
- Ginástica
- Outra: _____

8. Frequenta o Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde...

	Sim	Não	Mais ou menos
... para não me sentir sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... para me sentir ativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... porque os meus familiares me aconselharam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

... para aprender coisas novas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... para fazer novas amizades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... por estar sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Qual o seu interesse por estes temas?

Assinale com -X- o grau de interesse em cada tema

	Muito	Pouco	Nada
Tradições e Costumes (desfolhadas, magusto, romarias,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Natureza (estações do ano, seres vivos,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Corpo Humano (conhecer esqueleto, órgãos,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
História (reis, rainhas, revoluções,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segurança (rodoviária, doméstica,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Culinária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Educação Sexual (sentimentos, mudanças, emoções,...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Matemática (fazer contas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Religiões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. O que mudaria no Centro Social da Paróquia de Taíde

A sua resposta

11. Gostava de realizar atividades com ciência?

A sua resposta

12. Dá-se bem com os/as técnicos/as do Centro Social da Paróquia de Taíde?

Sim

Não

13. Dá-se bem com os seus colegas de grupo?

Sim

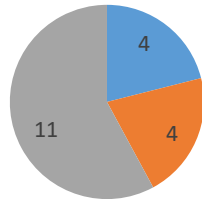
Não

O seu questionário termina aqui!

Grata pela sua atenção,
Eduarda Macedo

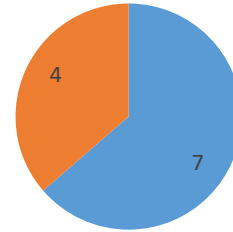
Apêndice III- Resultados de diagnóstico de necessidades/interesses

5. Responda às seguintes questões:



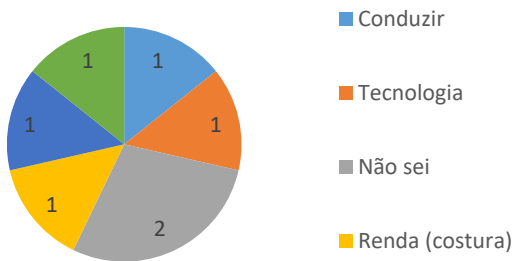
■ Sabe ler? ■ Sabe escrever? ■ Sabe contar?

6. Gostava de saber coisas novas?



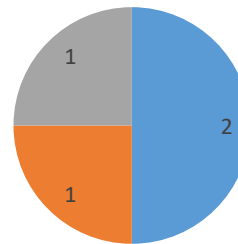
■ Sim
■ Não

6.1. Se sim, o quê?



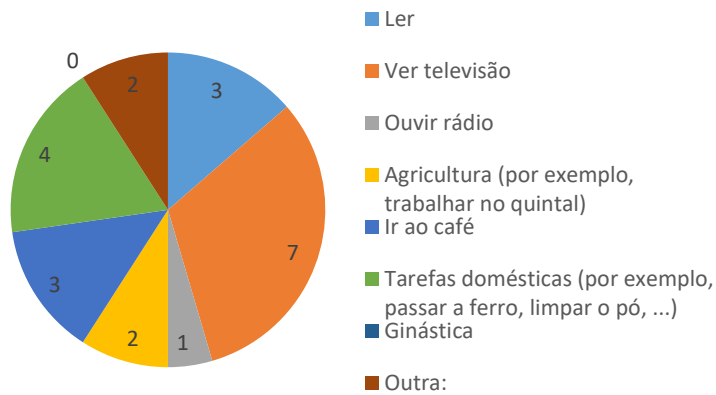
■ Conduzir
■ Tecnologia
■ Não sei
■ Renda (costura)

6.2. Se não, porquê?

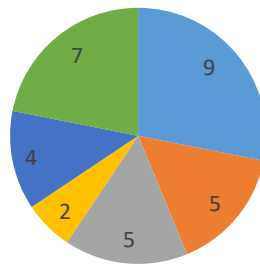


■ "Já não tenho idade"
■ "Não há mais para saber"
■ Sem resposta

7. Como ocupa os seus tesmpo livres quando não está no Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde?

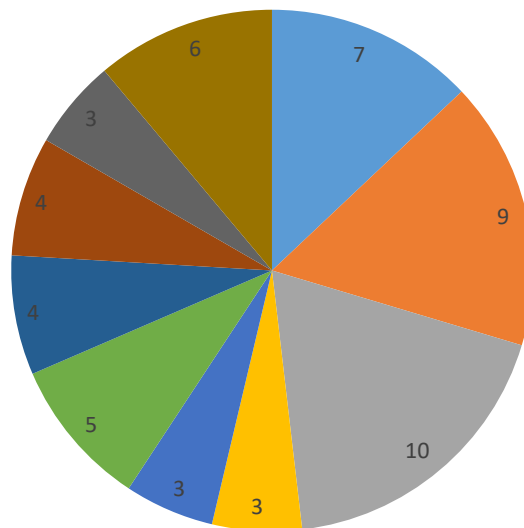


8. Frequento o Centro de Dia do Centro Social da Paróquia de Taíde....



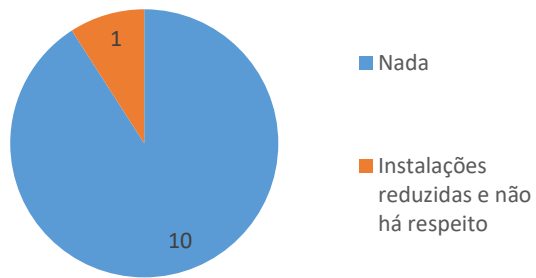
- ... para não me sentir sozinho/a
- ... para me sentir ativo
- ... porque os meus familiares aconselharam
- ... para aprender coisas novas
- ... para fazer novas amizades
- ... por estar sozinho/a

9. Qual o seu interesse por estes temas?

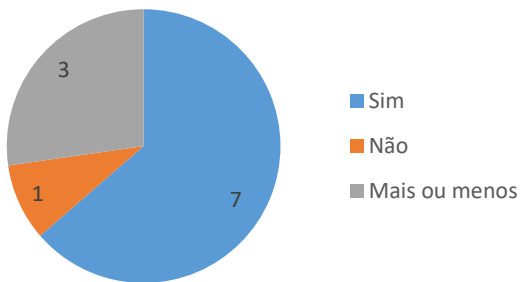


- Tradições e costumes (desfolhadas, magusto, romarias,...)
- Natureza (estações do ano, plantas, tempo,...)
- Música
- Corpo Humano (conhecer o esqueleto, os órgãos, como funciona,...)
- História (25 de Abril, reis e rainhas, revoluções,...)
- Segurança (rodoviária, doméstica, alimentar, ...)
- Culinária
- Educação Sexual (emoções, sentimentos, comportamentos,...)
- Matemática (fazer contas, solucionar problemas,...)
- Religiões (cristã, entre outras)

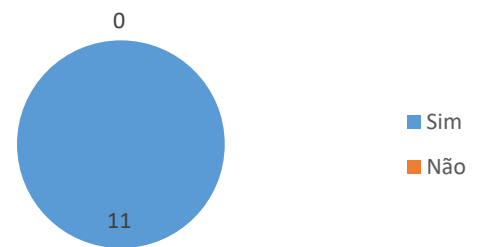
10. O que melhoraria no Centro Social da Paróquia de Taíde?



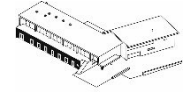
11. Gostava de realizar atividades com ciência?



12. Dá-se bem com os/as técnicos/as do Centro Social da Paróquia de Taíde?



Apêndice IV- Inquérito por questionário de avaliação de atividades



Atividade “Ritmos, timbres e compassos”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

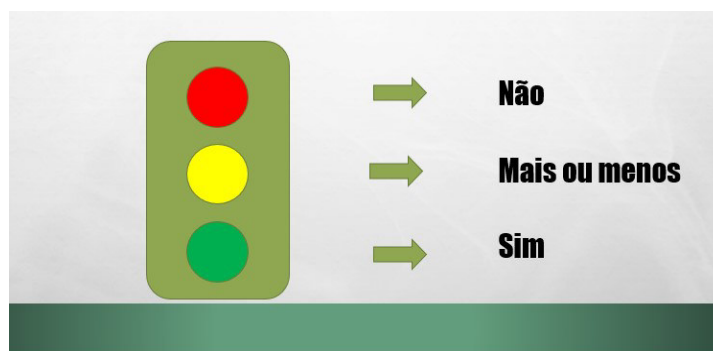
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

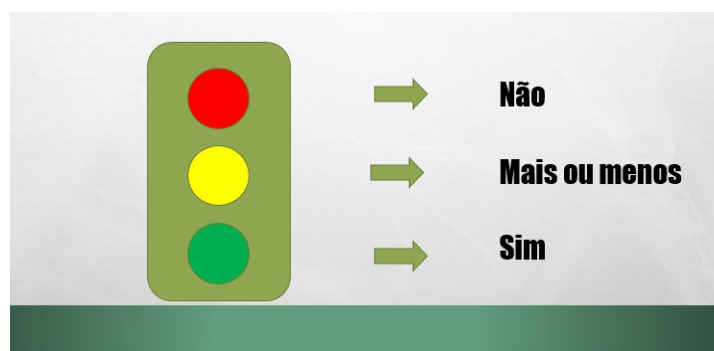
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação 😊

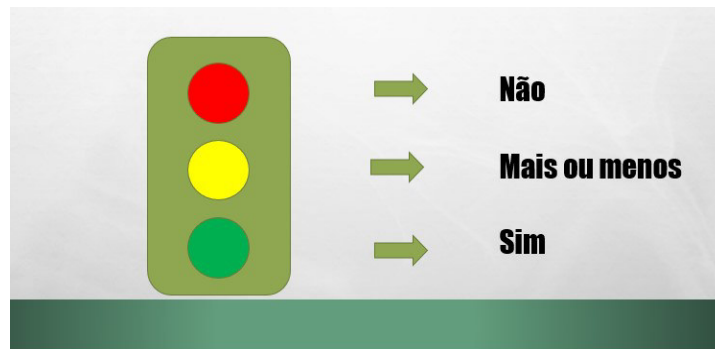
1- Gostou da atividade?



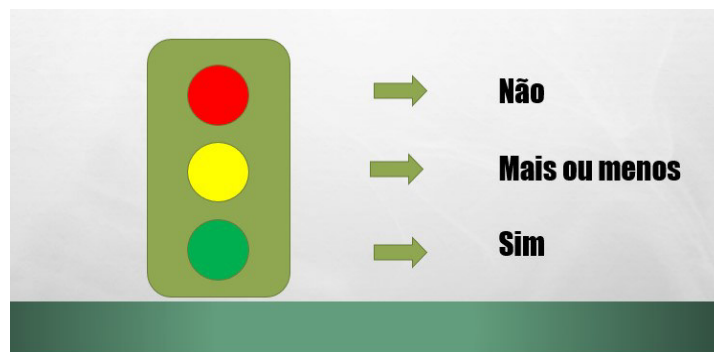
2- Conheceu alguma coisa de novo?



3- Sentiu que a sua capacidade rítmica melhorou?

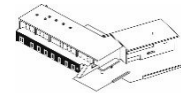


4- Sentiu-se confortável a realizar os exercícios?



5- O que mais gostou na atividade?

6- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Construção do Bingo Musical”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

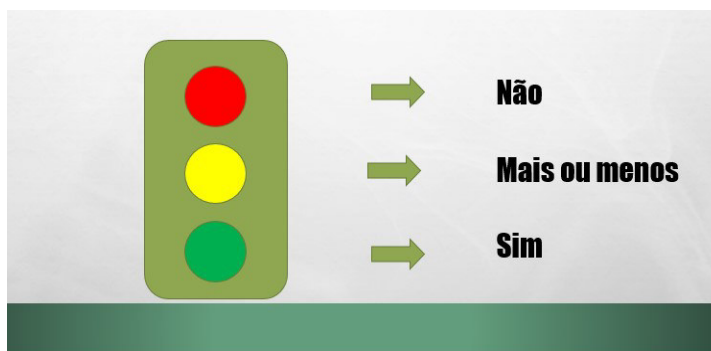
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

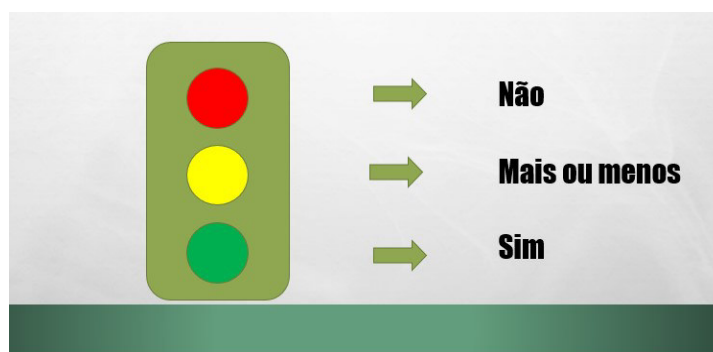
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação ☺

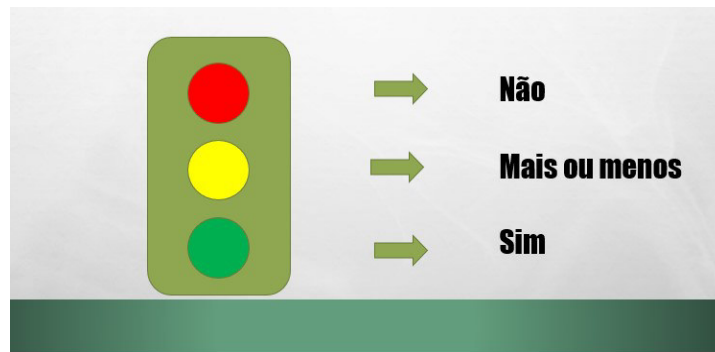
1- Gostou da atividade?



2- Acha que a atividade ajudou a estimular a sua criatividade?

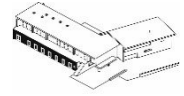


3- O jogo que construímos, acha que vai ter utilidade para o futuro?



4- O que mais gostou na atividade?

5- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Jogo do Bingo Musical”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

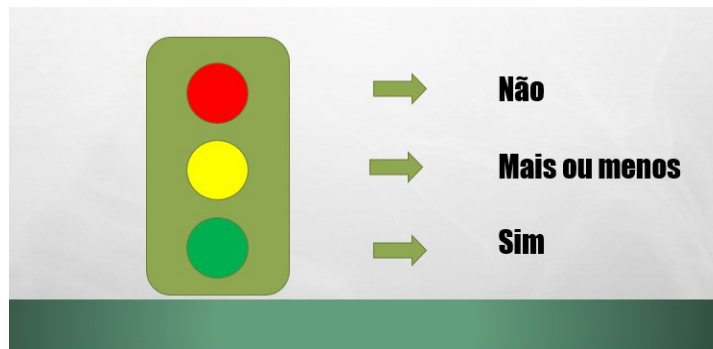
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

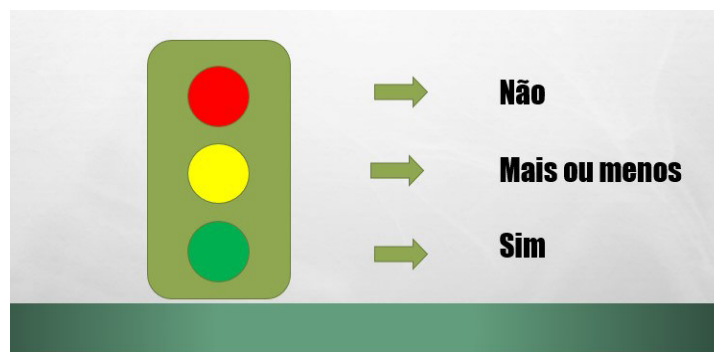
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação ☺

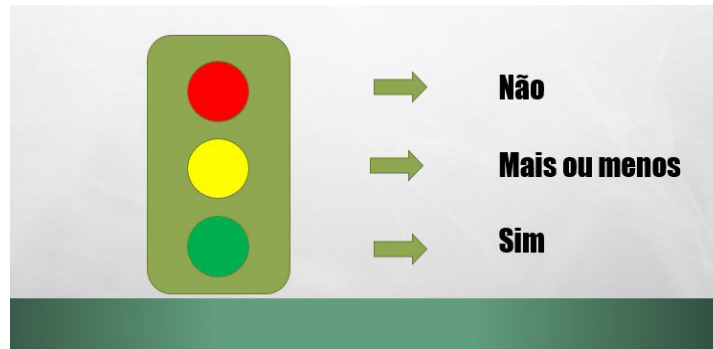
1- Gostou da atividade?



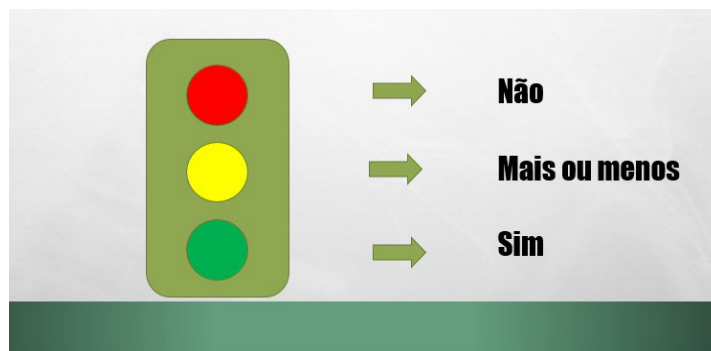
2- Acha que a atividade ajudou a estimular a sua memória?



3- Gostou dos desafios que este jogo lhe colocou?

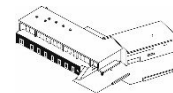


4- Gostava de jogar mais vezes este bingo?



5- O que mais gostou na atividade?

6- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Tertúlia Musical”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

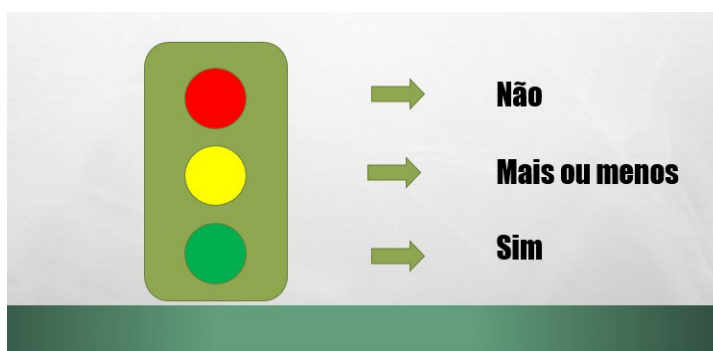
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

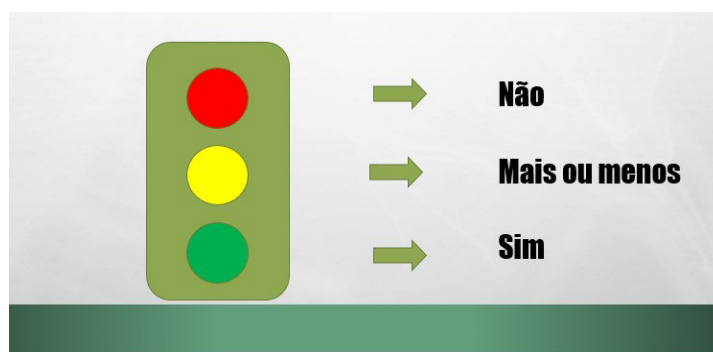
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação ☺

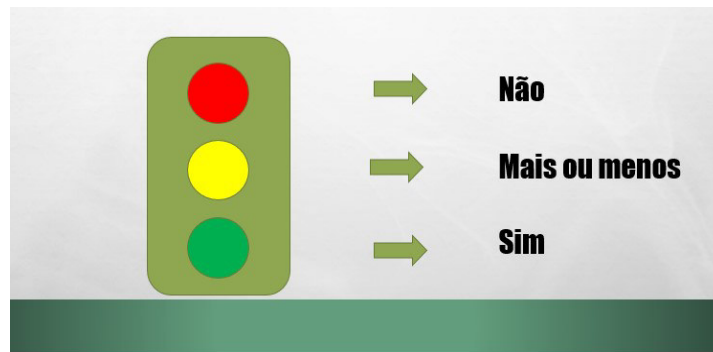
1- Gostou da atividade?



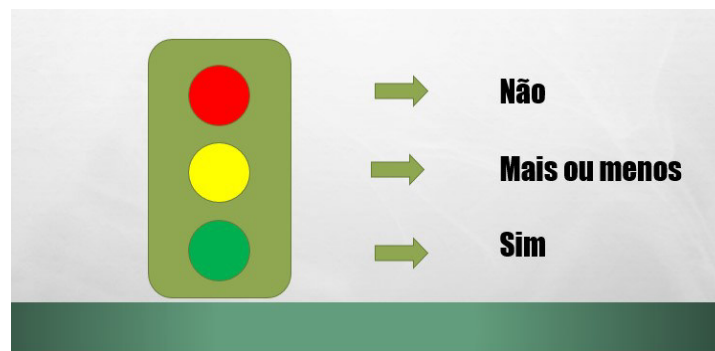
2- A atividade estava bem organizada?



3- Compreendeu o assunto que foi falado?



4- Foi importante para si conversar sobre este tema?



5- O que mais gostou na atividade?

6- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Sinestesia Musical”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

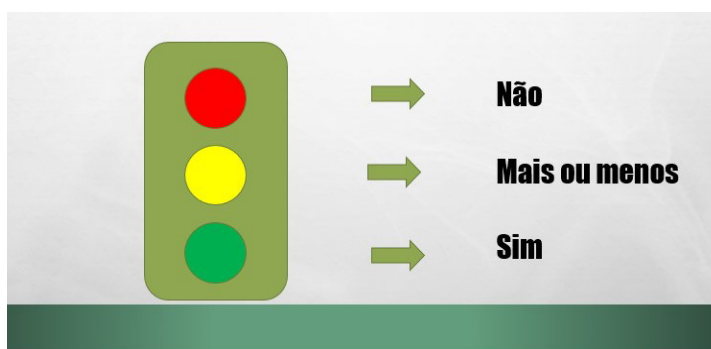
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

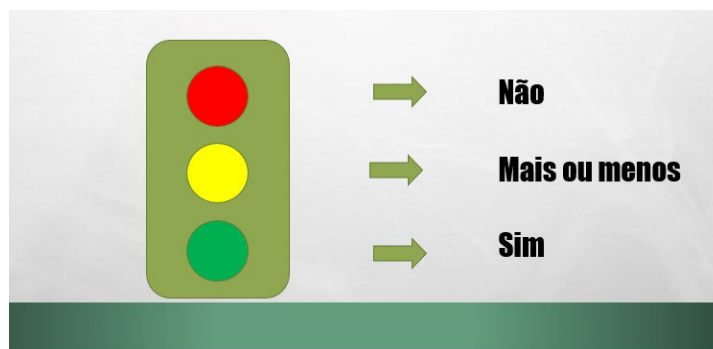
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação 😊

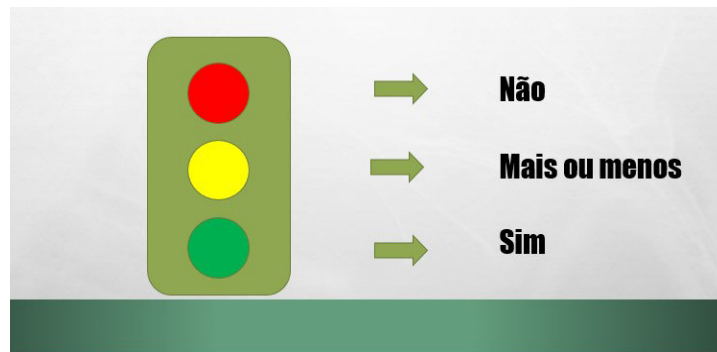
1- Gostou da sessão?



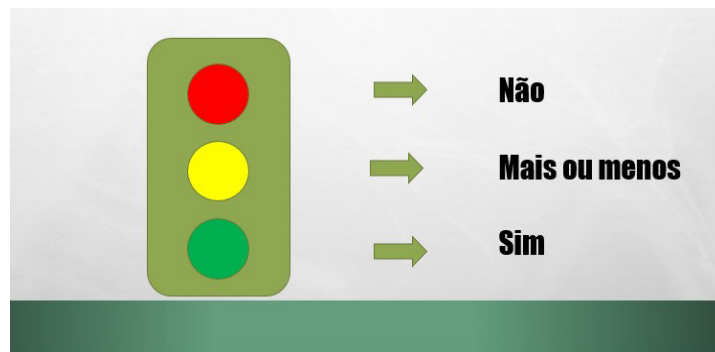
2- Conheceu alguma coisa de novo?



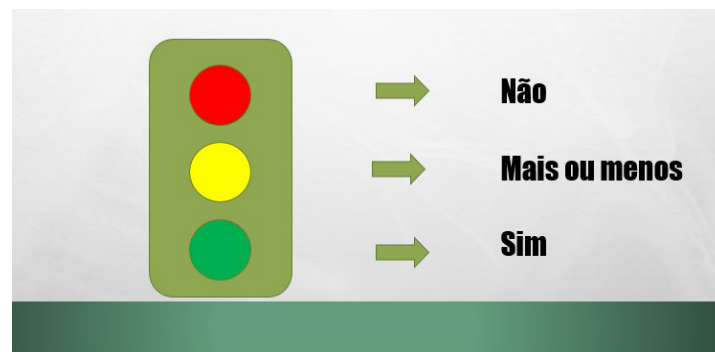
3- Os temas que foram abordados, acha que foram interessantes?



4- Gostou de trabalhar os sentidos através da música?

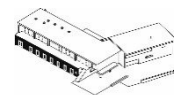


5- Sentiu-se bem a participar nesta sessão?



6- O que mais gostou na atividade?

7- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Estações, literatura e música”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

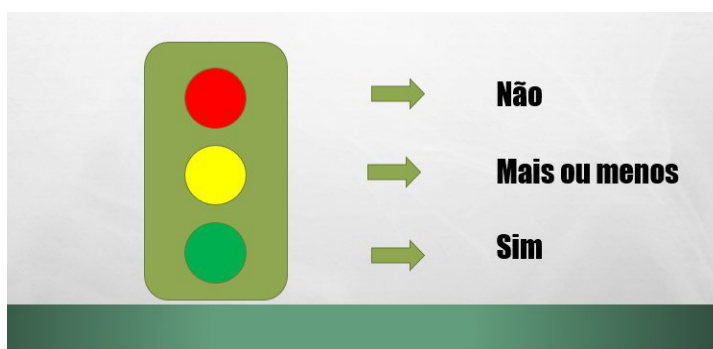
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

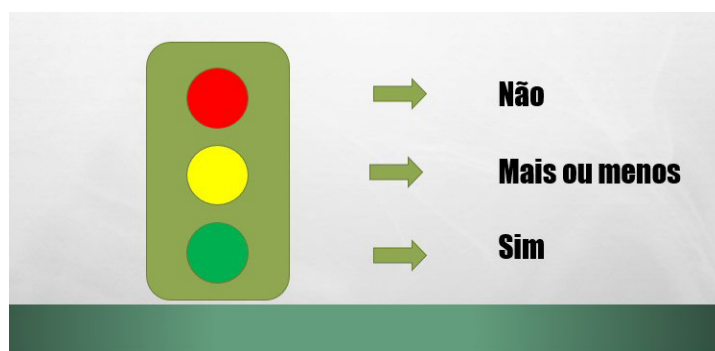
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação 😊

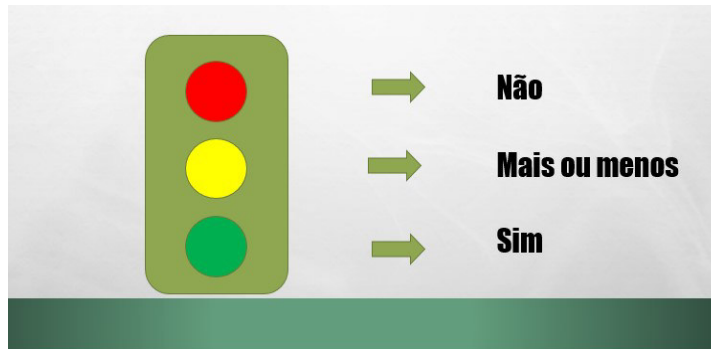
1- Gostou da atividade?



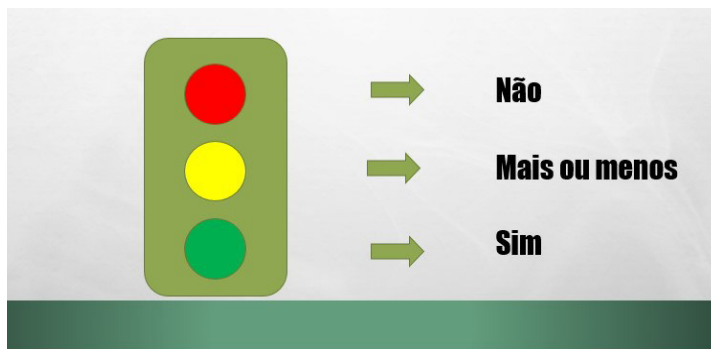
2- A atividade estava bem organizada?



3- Gostou dos jogos realizados?

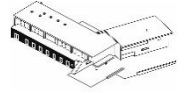


4- Foi importante para si conhecer melhor este tema?



5- O que mais gostou na atividade?

6- O que menos gostou na atividade?



Atividade “Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica de Braga”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

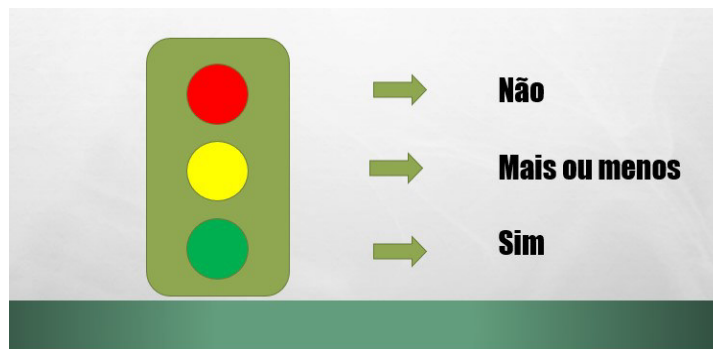
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

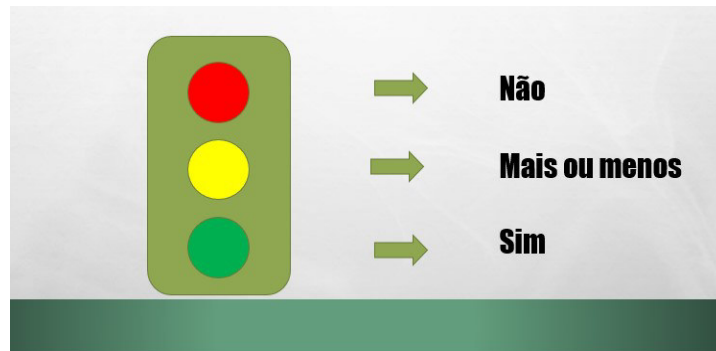
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação ☺

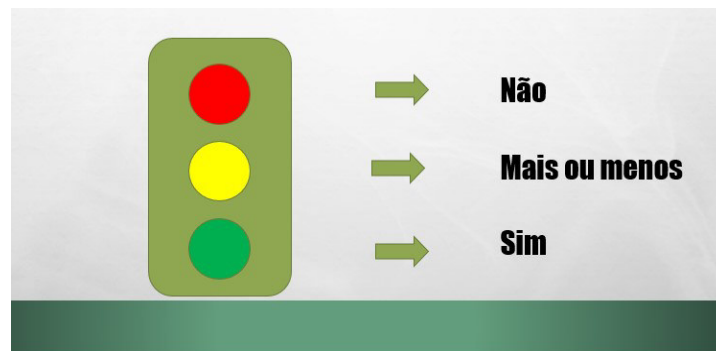
1- Gostou da visita à Oficina e ao Museu dos Cordofones?



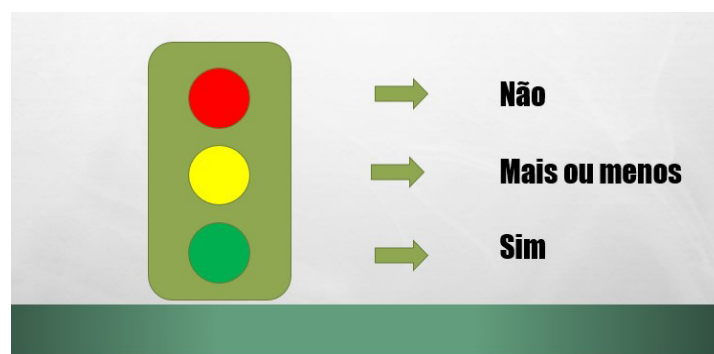
2- Conheceu alguma coisa de novo?



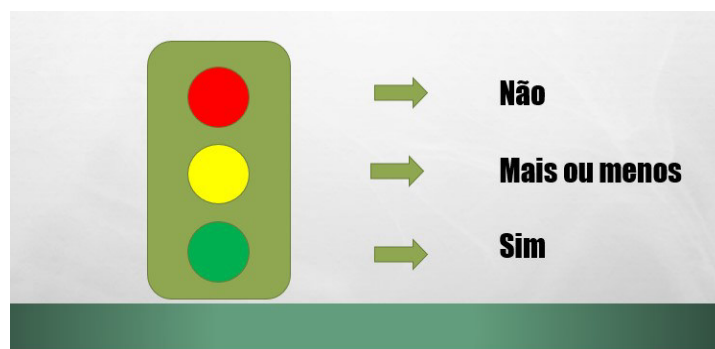
3- Os temas que foram abordados pelo Sr. Domingos Machado, sobre a sua história de vida e do Museu, acha que foram interessantes?



4- Acha que a música é muito importante na nossa tradição?

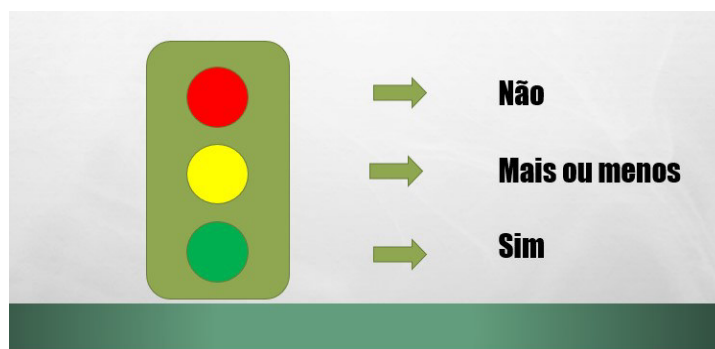


5- Conhecia o modo de fazer instrumentos musicais de cordas?

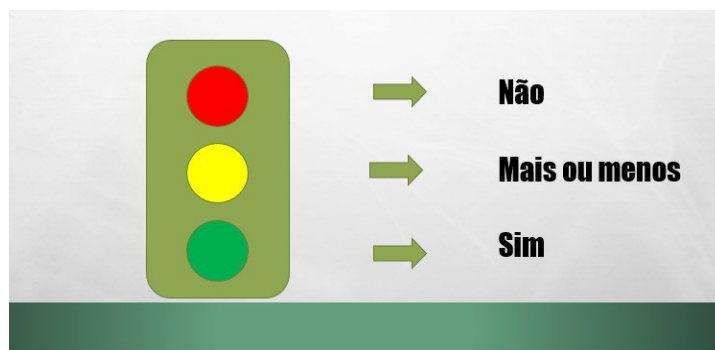


2ª Parte

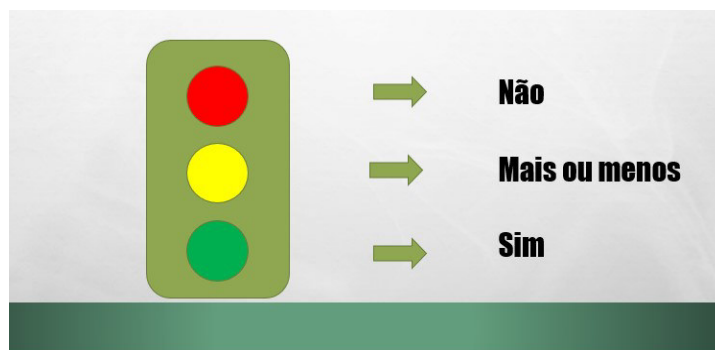
6- Gostou da visita à Quinta Pedagógica de Braga?



7- Achou o espaço e a visita agradável?



8- Apreendeu alguma coisa de novo nos *ateliers*?



3ª Parte

9- O que mais gostou na visita?

10- O que menos gostou na visita?

Apêndice V- Resultados obtidos da avaliação das atividades

Ritmos, timbres e compassos

1-Gostou da atividade?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

2- Conheceram alguma coisa de novo?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

3- Acha que a sua capacidade rítmica melhorou?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

4- Sentiu-se confortável a realizar os exercícios?



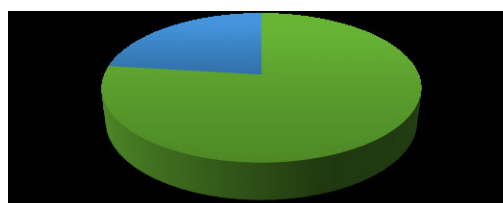
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

5- O que mais gostou na atividade?



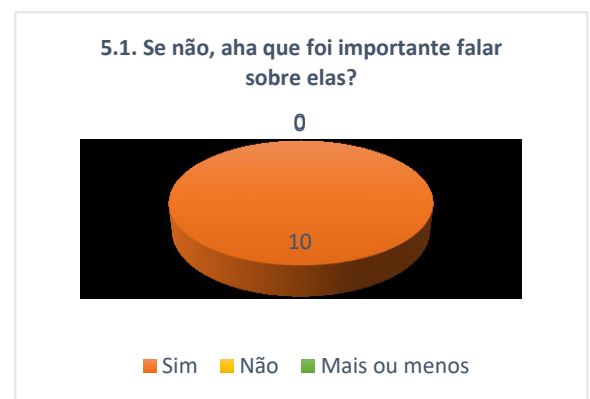
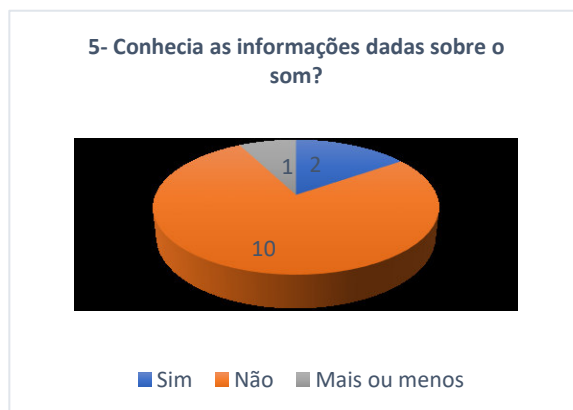
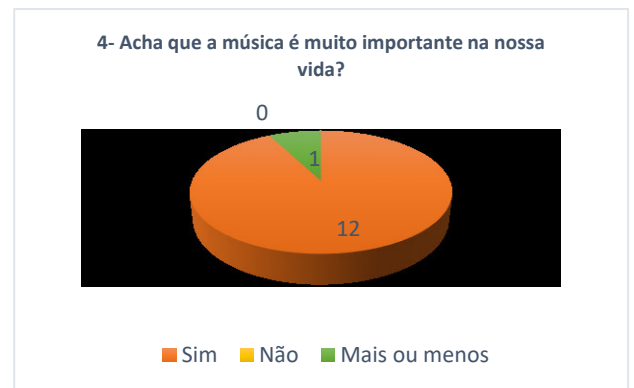
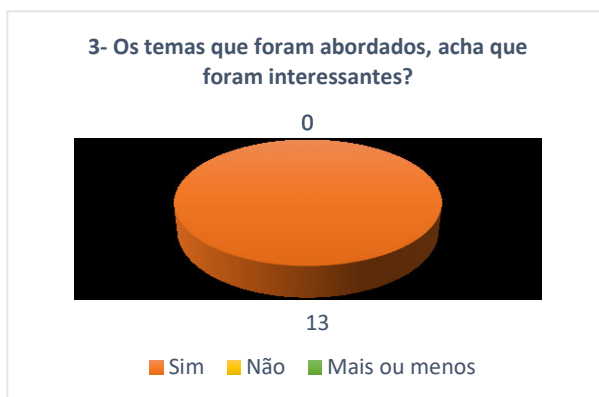
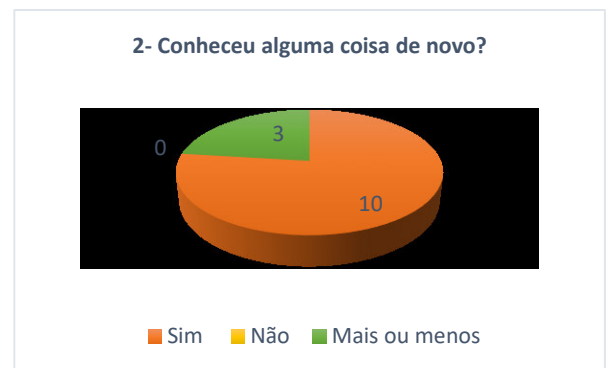
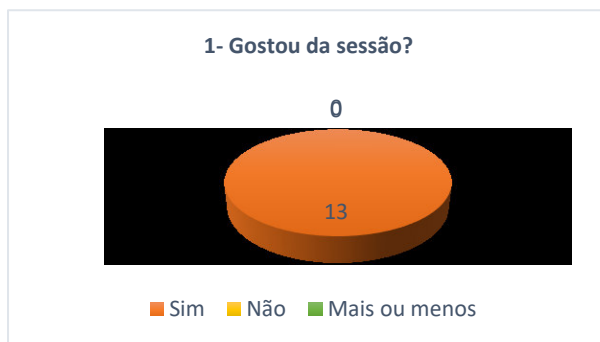
■ De fazer música com as mãos e os pés
■ De cantar as cantigas de antigamente
■ Sem resposta

6- O que menos gostou?

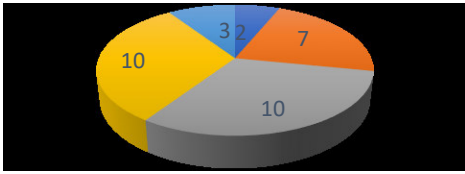


■ Gostei de tudo ■ Sem resposta

Ação de sensibilização: No mundo da música e a música no meu mundo

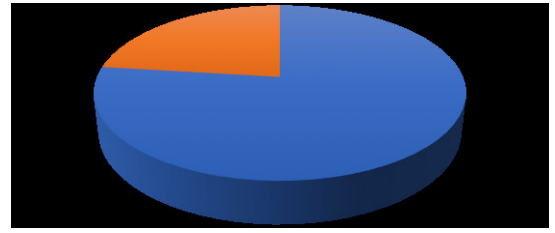


O que mais gostou na atividade?



- De saber porque são os sons do nosso corpo
- Gostei da experiência dos copos em telefone
- Gostei da última parte de relaxar
- Gostei de ver e ouvir o Raúl Solnado e o Artur Agostinho
- Sem resposta

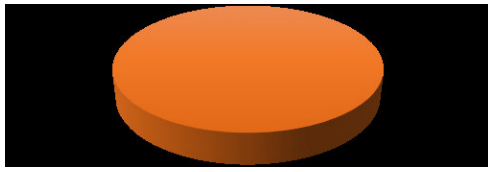
7- O que menos gostas na atividade?



- Gostei de tudo
- Sem resposta

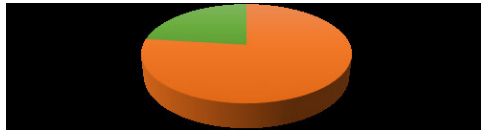
Oficina das Artes: Construção do Nosso Bingo Musical

Gostou da atividade?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Acha que a atividade ajudou a estimular a sua memória?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Acha que o jogo vai ter utilidade para o futuro?



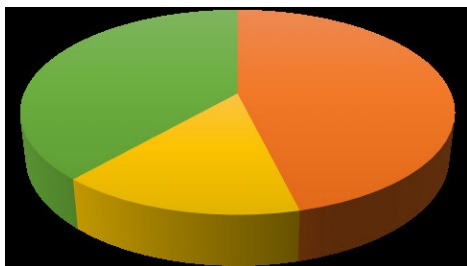
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

O que menos gostou na atividade?



■ De não conseguir ver bem
■ Não conseguir cortar
■ Sem resposta

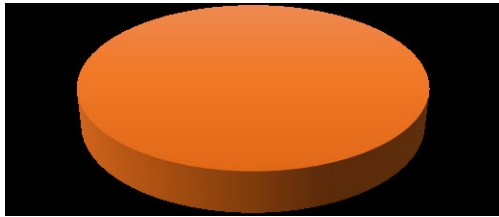
O que mais gostou na atividade?



■ Gostei de decorar os cartões à minha maneira
■ Sentir que confiavam no meu trabalho
■ Sem resposta

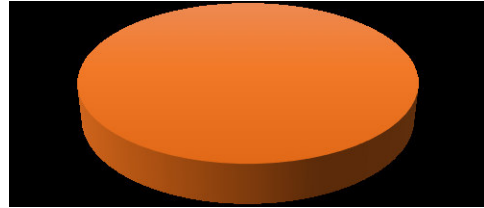
Tertúlia Musical

Gostou da atividade?



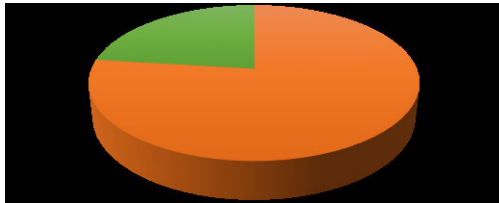
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

A atividade estava bem organizada?



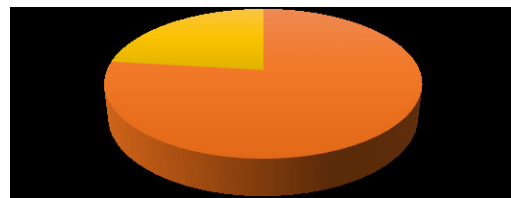
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Compreendeu o assunto que foi falado?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

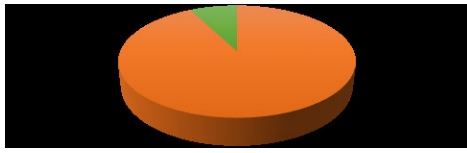
O que menos gostou na atividade?



■ Gostei de tudo ■ Sem resposta

Sinestesia Musical

Gostou da sessão?



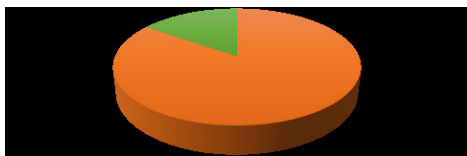
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Conheceu alguma coisa de novo?



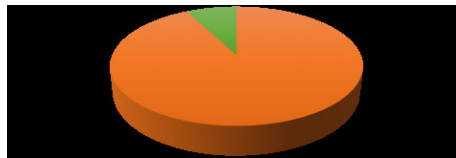
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Os temas que foram abordados, acha que foram interessantes?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Gostou de trabalhar os sentidos através da música?



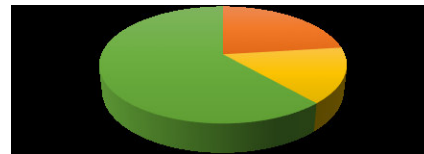
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Sentiu-se bem a participar nesta sessão?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

O que mais gostou na atividade?



■ De perceber porque existem músicas alegres e outras tristes

■ De conhecer o nosso cérebro

■ Sem resposta

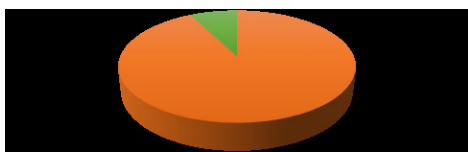
O que menos gostou na atividade?



■ Gostei de tudo ■ Sem resposta

Estações, literatura e música

Gostou da sessão?



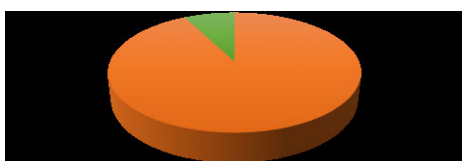
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

A atividade estava bem organizada?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Foi importante para si conhecer melhor este tema?



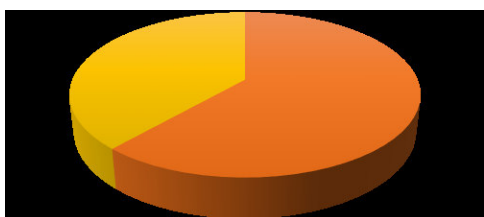
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

Gostou dos jogos realizados



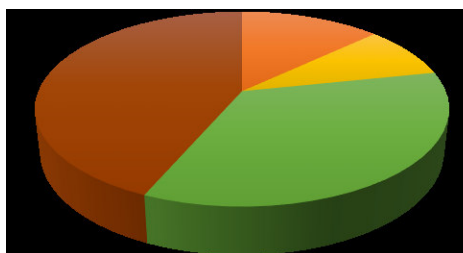
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

O que menos gostou na atividade?



■ Gostei de tudo ■ Sem resposta

O que mais gostou na atividade?



■ De conhecer melhor as estações do ano
■ De decifrar os provérbios
■ Sem resposta
■ Diverti-me muito

Visita ao museu dos cordofones e Quinta Pedagógica

1- Gostou da visita à Oficina e ao Museu dos Cordofones?



■ Sim ■ Mais ou menos ■ Não

2- Conheceu alguma coisa de novo?



■ Sim ■ Mais ou menos ■ Não

3- Os temas que foram abordados (...) acha que foram interessantes?



■ Sim ■ Mais ou menos ■ Não

4- Acha que a música é muito importante na nossa tradição?



■ Sim ■ Mais ou menos ■ Não

5- Conhecia o modo de fazer instrumentos musicais de cordas?



■ Sim ■ Mais ou menos ■ Não

6- O que mais gostou na atividade?



■ Conhecer um sítio novo
■ Ouvir o senhor a tocar fado
■ Saber como se faz um instrumento de cordas
■ Sem resposta

Apêndice VI- Inquérito por questionário de avaliação final do projeto *Aprender a ser com música e ciência*



Avaliação Final de Intervenção

O presente inquérito por questionário surge no seguimento do projeto de estágio “*Aprender a ser com música e ciência*” integrado no Mestrado em Educação-área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. O objetivo deste inquérito por questionário é avaliar globalmente, junto do público-alvo, o grau de satisfação perante as práticas implementadas, a sua pertinência e impacto.

A finalidade deste inquérito por questionário é unicamente académico e para além da recolha de dados, o seu tratamento é confidencial e anónimo.

Questões de escolha múltipla

1. Gostou das atividades realizadas, ao longo destes meses?

Sim		Não		Mais ou menos	
-----	--	-----	--	---------------	--

2. Gostou de participar nas atividades desenvolvidas?

Sim		Não		Mais ou menos	
-----	--	-----	--	---------------	--

3. Aprendeu alguma coisa com atividades realizadas, abaixo apresentadas?

	Sim	Não	Mais ou menos	Sem opinião
Ação de sensibilização “No mundo da música...”				
Tertúlia Musical				
Construção “O nosso Bingo Musical”				
Jogo “O nosso Bingo Musical”				

Workshop “Estações, literatura e música”				
Sinestesia Musical “As cores do som”				
Ritmos, timbres e compassos				
Visita ao Museu dos Cordofones e Quinta Pedagógica				

4. Considera que a sua opinião foi respeitada ao longo de toda a intervenção do projeto “Aprender a ser com música e ciência?”

Sim		Não		Mais ou menos	
-----	--	-----	--	---------------	--

5. Considera que a intervenção feita contribuiu para o seu bem-estar?

Sim		Não		Mais ou menos	
-----	--	-----	--	---------------	--

Questões de resposta aberta

6. Os temas tratados foram apresentados de forma clara?

7. O que mais gostou ao longo da implementação do projeto?

8.

O que menos gostou ao longo da implementação do projeto?

9. O que aprendeu com este projeto?

10. Como avalia o trabalho e desempenho da estagiária, ao longo da intervenção?

Grata pela sua colaboração,

Eduarda Macedo

Apêndice VII- Resultados da avaliação final

1- Gostou das atividades realizadas ao longo destes meses?



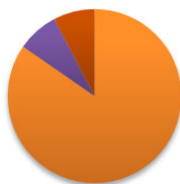
Sim Não Mais ou menos

2- Gostou de participar nas atividades desenvolvidas?



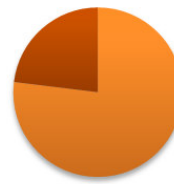
Sim Não Mais ou menos

3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Ação de Sensibilização"



Sim Não Mais ou menos Sem opinião

3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Tertúlia Musical"?



Sim Não Mais ou menos Sem opinião

3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Construção do Nosso Bingo Musical"



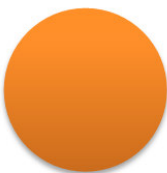
Sim Não Mais ou menos Sem opinião

3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Jogo do Nosso Bingo Musical"?



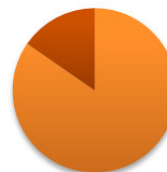
Sim Não Mais ou menos Sem opinião

3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Estações, literatura e música"?

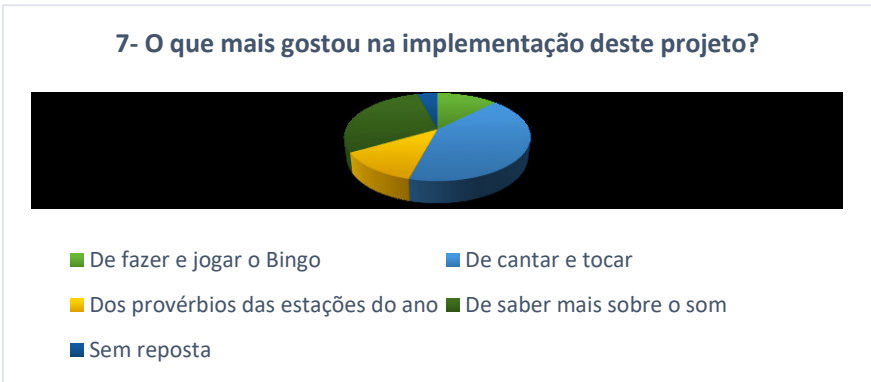
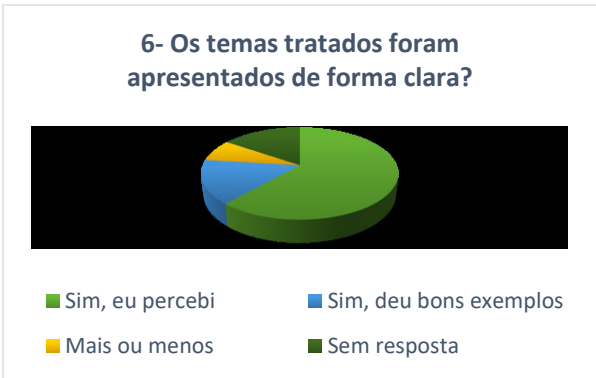
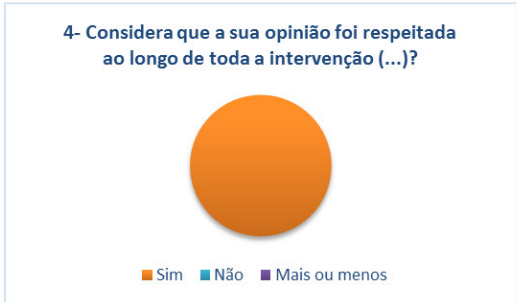
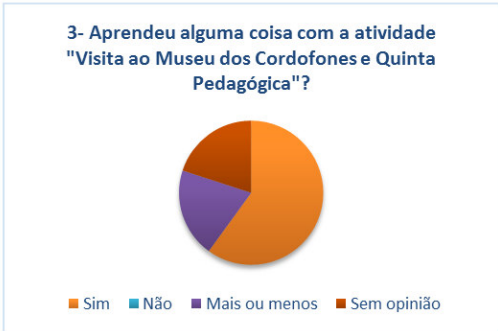


Sim Não Mais ou menos Sem opinião

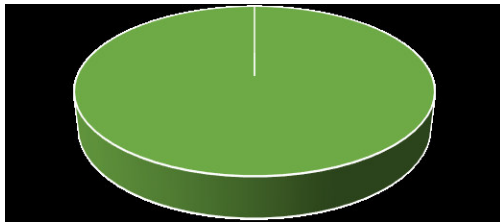
3- Aprendeu alguma coisa com a atividade "Sinestesia Musical"?



Sim Não Mais ou menos Sem opinião

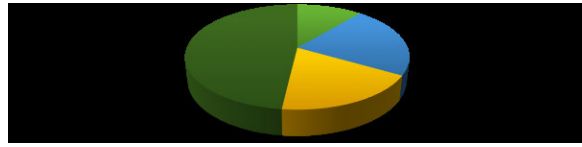


8- O que menos gostou na implementação deste projeto?



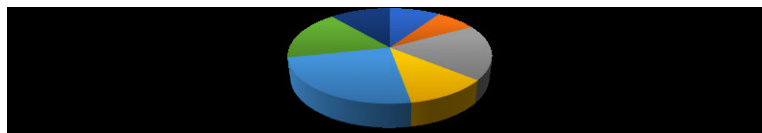
■ Gostei de tudo ■ Sem opinião

9. O que aprendeu com este projeto?



■ A música não é so para festas
■ Ainda sou capaz de perceber muitas coisas
■ Que a música tem cores
■ Aprendi muita Coisa

10- Como avalia o trabalho da estagiária, ao longo da intervenção?



■ Muito bom ■ Excelente trabalhadora
■ Muito divertida ■ Boa ouvinte
■ Sempre pronta a ajudar ■ Muito educada e simpática
■ Profissional



Atividade “Feijões, feijinhos e feijocas”

As seguintes questões têm o objetivo de conhecer a sua opinião e satisfação com a atividade que desenvolvemos. Para facilitar as suas respostas construímos um semáforo que contempla as três cores que lhe é característica:

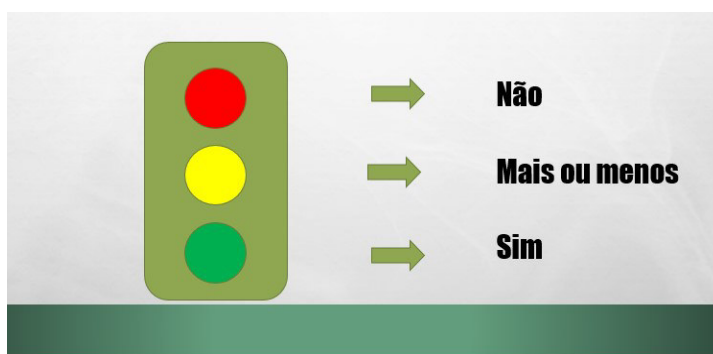
- ❖ O **VERMELHO** que significa- Não
- ❖ O **AMARELO** que significa- Mais ou menos
- ❖ O **VERDE** que significa- Sim

Assinale com um –X- na cor que corresponde à sua resposta

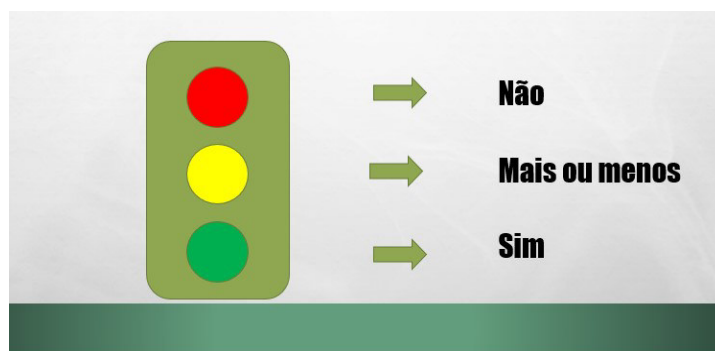
As suas repostas são confidenciais e anónimas, por isso pedimos que seja sincero e responda segundo a sua verdadeira apreciação.

Grata pela sua participação 😊

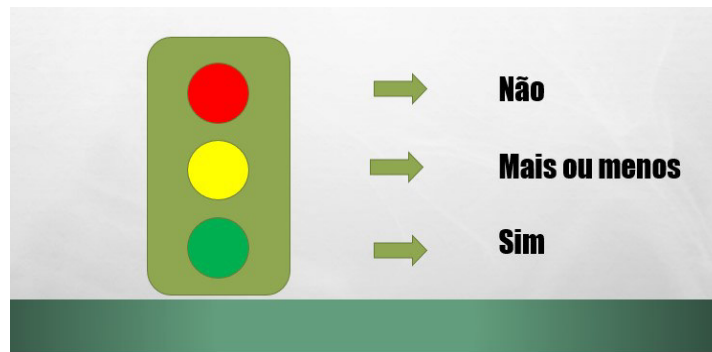
7- Gostou da atividade?



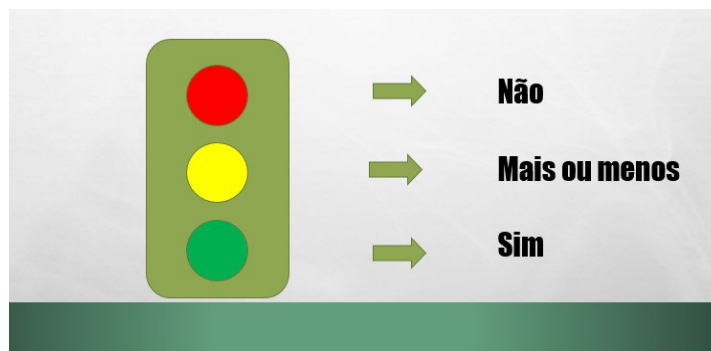
8- A atividade estava bem organizada?



9- Compreendeu o assunto que foi falado?



10- Foi importante para si conversar sobre este tema?

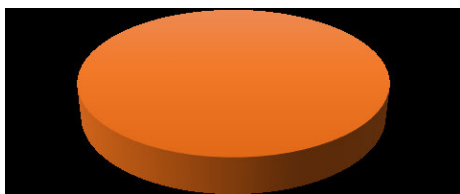


11- O que mais gostou na atividade?

12- O que menos gostou na atividade?

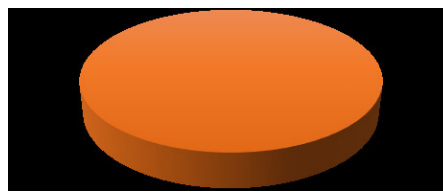
Apêndice IX- Resultado da avaliação da atividade extraplano

Gostou da atividade?



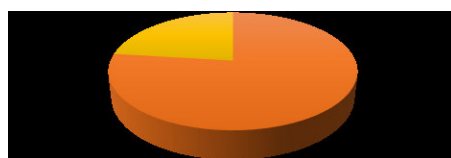
■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

A atividade estava bem organizada?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

O que menos gostou na atividade?



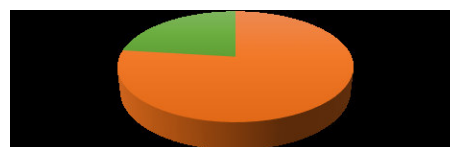
■ Gostei de tudo ■ Sem resposta

O que mais gostou na atividade?



■ Ver os feijões a crescer
■ De saber que o lixo inorgânico é mau para o ambiente
■ Sem resposta

Compreendeu o assunto que foi falado?



■ Sim ■ Não ■ Mais ou menos

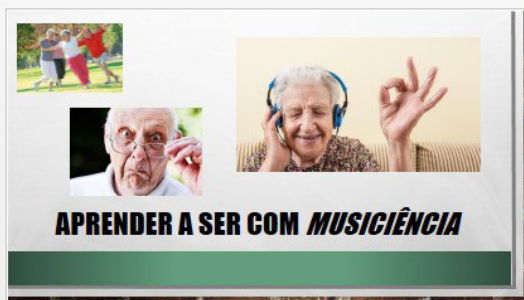
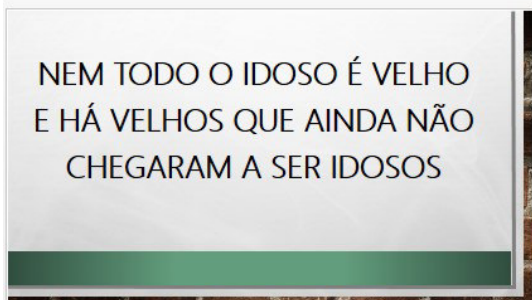
Apêndice X- Suporte multimédia da atividade “Ação de sensibilização: No mundo da música e a música no meu mundo”



1



2



5




6



NATUREZA

As corujas têm uma orelha mais acima e outra mais abaixo, para poderem localizarem melhor a comida, quando caçam à noite.



9

NATUREZA


Os grilos têm membranas nas patas parecidas com os tímpanos, ou seja: ouvem pelos pés!



10

NATUREZA

As cobras não têm orelhas. Através das suas escamas sensíveis e de um osso no interior da sua cabeça elas conseguem sentir as vibrações no chão (porque o som se propaga mais rápido nos sólidos)

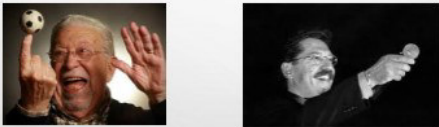


NATUREZA

Os cães conseguem detetar sons que os seres humanos não conseguem ouvir, os ultra sons.



RÁDIO E TELEVISÃO



13


★




14



MAIS ALGUNS SONS...



CORPO HUMANO



Estalar as articulações Espirros

17

CORPO HUMANO



Soluços Ruído ao respirar

18

CORPO HUMANO



Ressonar Arroto

CORPO HUMANO E MÚSICA

- O CORPO É UM MEIO DE COMUNICAÇÃO, DE DIÁLOGO COM O AMBIENTE;
- ATÉ DIZEM QUE O HOMEM COMEÇOU A CANTAR, ANTES MESMO DE FALAR
- CADA PARTE DO CORPO PODE SER MUSICALMENTE EXPLORADA

MUSICA



21


MÚSICA

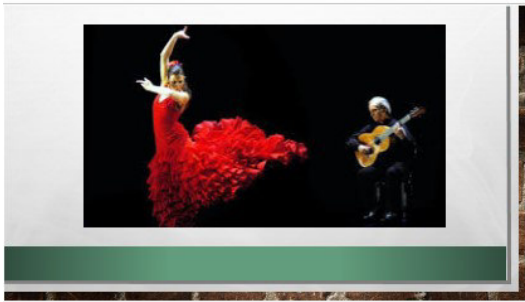
- É uma forma organizada de juntar sons e torna-los harmoniosos;
- A música é diferente de continente para continente, de país para país e até de regiões. A música é um grande marco cultural de cada povo.



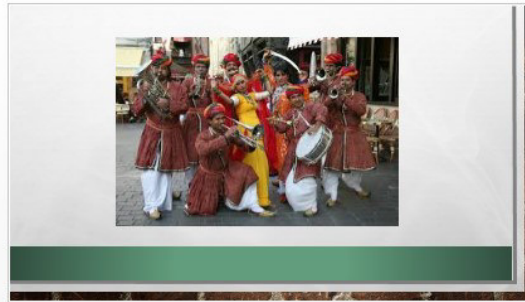
22

MÚSICA

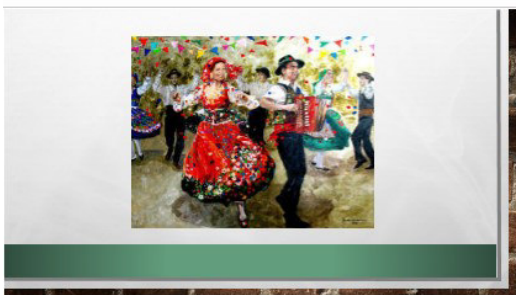
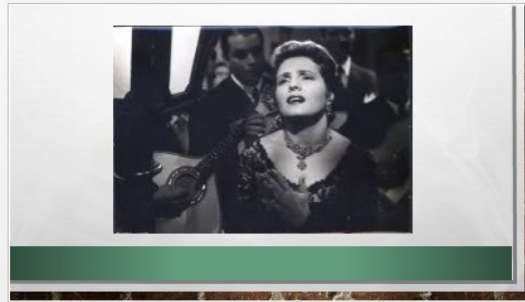
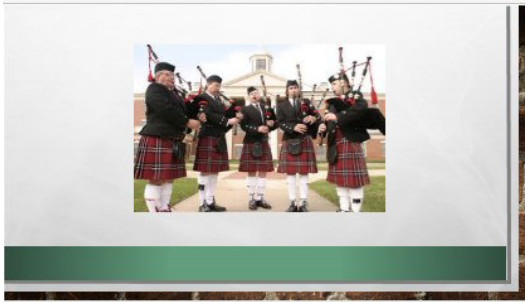


25



26



29

BENEFÍCIOS DA MÚSICA PARA A SAÚDE



Induz ao movimento
É natural do ser humano, que nasce com ritmo. Por isso, a música ajuda a manter a atividade física, por exemplo.



Melhora a comunicação
Pode ser uma forma alternativa de organizar as ideias porque tem tempo e caminhos alternativos de fala.



Cria vínculos
Quando se está com a para o lado, por exemplo, ele consegue memorizar sua voz e cria esse vínculo.

30



Ameniza a dor
Ao cantar, a pessoa muda o foco, distrai a dor e a atenção do problema.



Acalma
Ajuda a relaxar e a combater o estresse. Por isso, no trânsito, o motorista consegue se acalmar ao ouvir música.



Fortalece a memória
Estimula novos caminhos e conexões no cérebro.



Promove o autoconhecimento
Faz a pessoa viajar por ritmos, descobertas e a descobrir sensações, emoções e sentimentos próprios.

BENEFÍCIOS DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO



Cognitivo



Pacomotor

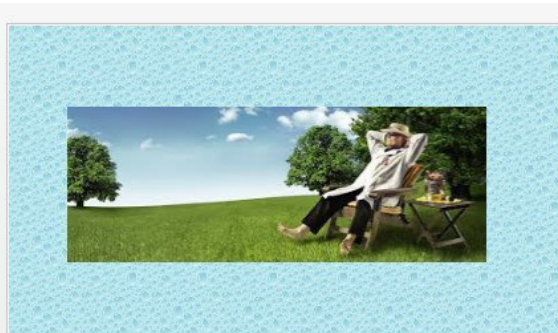


Sócio-afetivo

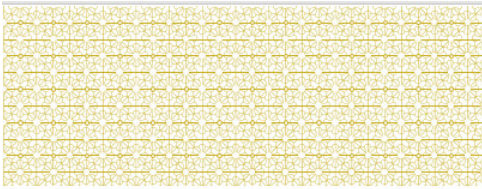














SESSÃO RELAXAMENTO




PREVENIR E INTERVIR NO QUE CAUSA OS DISTÚRBIOS DOS MÚSCULOS E ESQUELETO



Apêndice XI- Suporte multimédia da atividade “Jogo do Nosso Bingo Musical”

 <p>O NOSSO BINGO Bingo Musical</p>	<p>BATERIA</p>  
1	2 ★
<p>ASSOBIO</p>  	<p>FLAUTA DE PAN</p>  
3 ★	4 ★
<p>ACORDEÃO</p>  	<p>BATIMENTO DO CORAÇÃO</p>  
5 ★	6 ★
<p>VIOLINO</p>  	<p>XILOFONE</p>  
7 ★	8 ★

BOMBO



9



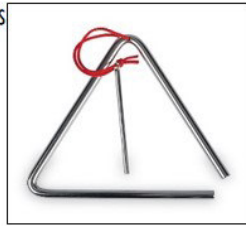
PANDEIRETA



10



TRIÂNGULO/FERRINHOS



11



CASTANHOLAS



12



CAVAQUINHOS



13



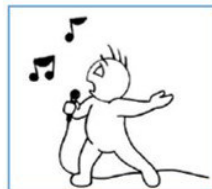
BATER PALMAS



14



CANTAR



15



PIANO



16



Apêndice XII- Suporte multimédia da atividade “Tertúlia Musical”

TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA
VER COM OS OUVIDOS, OUVIR COM OS OLHOS!

1

O HOMEM

2

A MÚSICA

- Já existia desde a Pré-História (há cerca de 50 mil anos)
- O Homem imitou os sons da natureza
- Descobertos por causa de esculturas, pinturas e instrumentos musicais primitivos

3

INSTRUMENTOS DA PRÉ-HISTÓRIA

4

Tertúlia musical dialógica

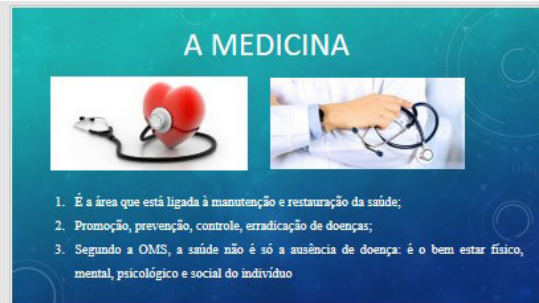
QUE MÚSICAS NOS DIAS DE HOJE TEM RELAÇÃO COM O PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO?

6

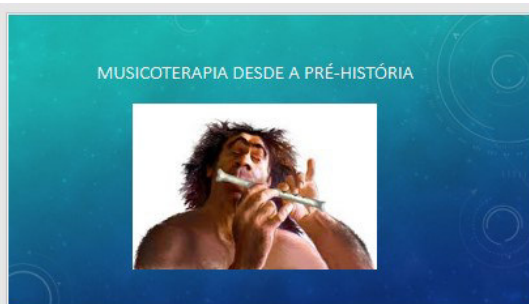
Apêndice XIII- Suporte multimédia da atividade “Tertúlia Musical: Musica e Medicina”



1



2



5



6





9

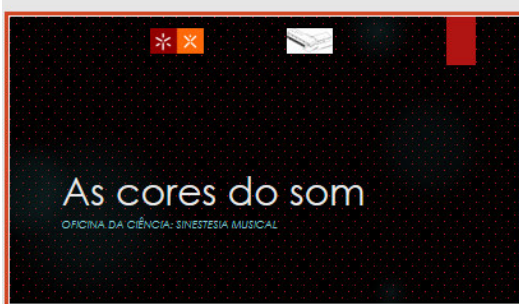


10

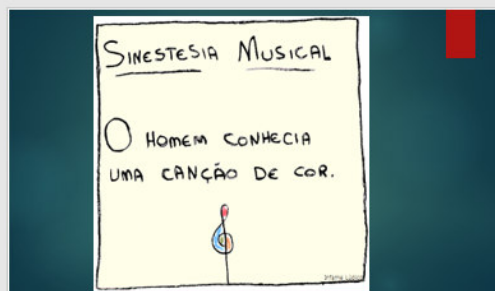
<p>Induz ao movimento É natural do ser humano, que nasce com ritmos. Por isso, a música ajuda durante a atividade física, por exemplo.</p>	<p>Melhora a comunicação Pode ser uma forma alternativa de organizar as ideias porque dá tempo e maneiras diferentes de falar.</p>	<p>Cria vínculos Quando a mãe canta para o filho, por exemplo, ele consegue reconhecer sua voz e cria essa relação.</p>
---	---	--

<p>Ameniza a dor Ao cantar, a pessoa muda o foco, distrai a dor e a atenção do problema.</p>	<p>Acalma Ajuda a relaxar e a combater o estresse. Por isso, no trânsito, o motorista consegue se acalmar ao ouvir música.</p>	<p>Fortalece a memória Estimula novos caminhos e conexões no cérebro.</p>
<p>Promove o autoconhecimento Faz a pessoa viajar por mundos desconhecidos e a descobrir sensações, atitudes e sentimentos próprios.</p>		

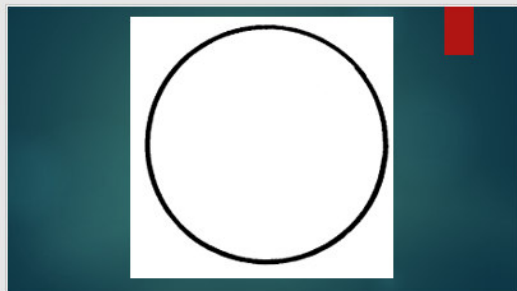
Apêndice XIV- Suporte multimédia da atividade “Sinestesia Musical”



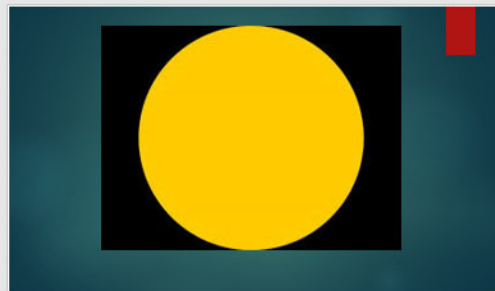
1



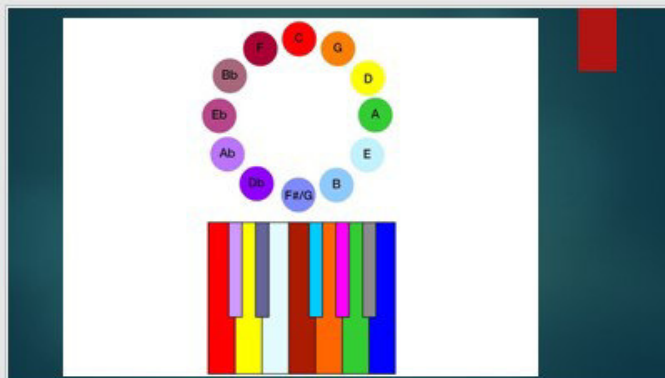
2



3



4



5



7

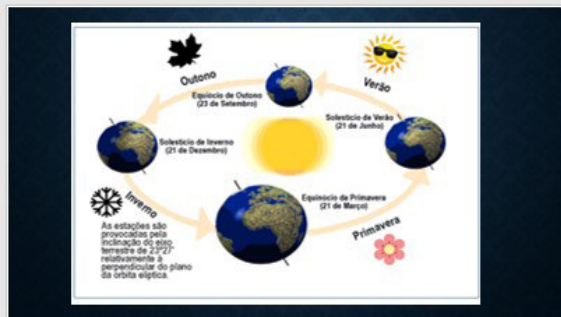
Apêndice XV- Suporte multimédia da atividade “Estações, literatura e música”



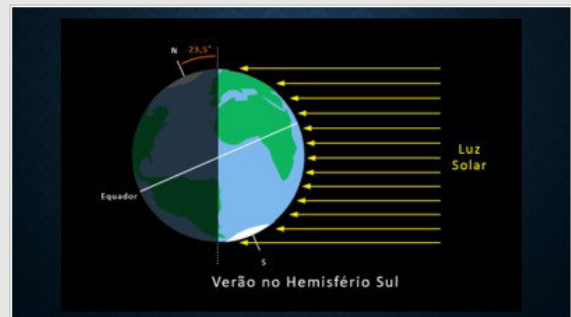
1



2



3



4

JOGO



1



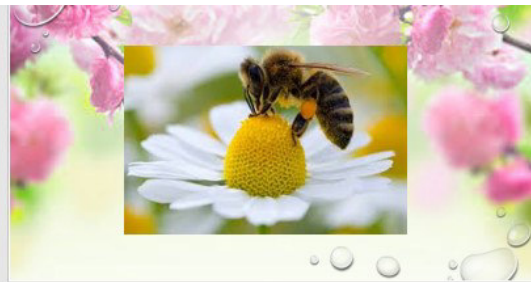
2



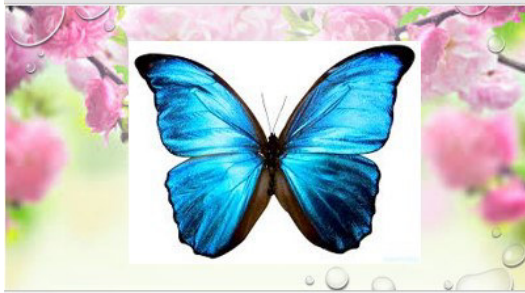
positivo 1 de 33

**POR MORRER UMA ANDORINHA NÃO ACABA
A PRIMAVERA**

13



14



Diapositivos

**QUANDO O FRIO APERTA VÃO PARA TERRAS
DISTANTES.
REGRESSAM NA PRIMAVERA QUANDO OS DIAS
ESTÃO MAIS QUENTES.
QUEM SÃO?**

17

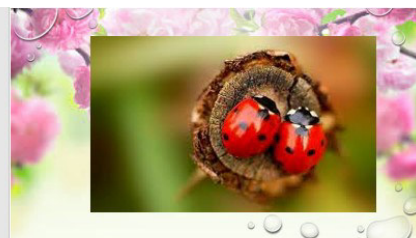
**HÁ MUITAS NA PRIMAVERA SUA ESTAÇÃO DE ELEIÇÃO.
SÃO LINDAS E PERFUMADAS ALEGRAM O NOSSO
CORAÇÃO.
O QUE SÃO?**

18

**NAS FLORES VÃO POISAR, PARA O PÓLEN
RECOLHER.
O SEU MEL VAMOS SABOREAR MAS, SEU
FERRÃO PODE DOER.**



23



24



Diapositivo 12 de 31